

**XI CONGRESSO NACIONAL
DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA**

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
Em Homenagem a Joaquim Mattoso Câmara Jr.*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

(de 27 a 31 de agosto de 2007)

Cadernos do CNLF

Vol. XI, N° 15

A CIDMAR TEODORO PAIS

Rio de Janeiro
CiFEFiL
2009

A CIDMAR TEODORO PAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Reitor

Ricardo Vieira Alves de Castro

Vice-Reitora

Maria Christina Paixão Maioli

Sub-Reitora de Graduação

Lená Medeiros de Menezes

Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron

Sub-Reitora de Extensão e Cultura

Regina Lúcia Monteiro Henriques

Diretora do Centro de Educação e Humanidades

Glauber Almeida de Lemos

Diretor da Faculdade de Formação de Professores

Maria Tereza Goudard Tavares

Vice-Diretor da Faculdade de Formação de Professores

Catia Antonia da Silva

Chefe do Departamento de Letras

Leonardo Pinto Mendes

Sub-Chefe do Departamento de Letras

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Coordenador de Publicações do Departamento de Letras

José Pereira da Silva

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Rua São Francisco Xavier, 512 / 97 – Mangueira – 20943-000 – Rio de Janeiro – RJ
pereira@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – **www.filologia.org.br**

DIRETOR-PRESIDENTE

José Pereira da Silva

VICE-DIRETORA

Cristina Alves de Brito

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Délia Cambeiro Praça

SEGUNDO SECRETÁRIO

Sérgio Arruda de Moura

DIRETOR CULTURAL

José Mario Botelho

VICE-DIRETORA CULTURAL

Antônio Elias Lima Freitas

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Valdênia Teixeira de Oliveira Pinto

VICE-DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Maria Lúcia Mexias-Simon

DIRETORA FINANCEIRA

Ilma Nogueira Motta

VICE-DIRETORA FINANCEIRA

Carmem Lúcia Pereira Praxedes

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Amós Coêlho da Silva

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Alfredo Maceira Rodríguez

A CIDMAR TEODORO PAIS

**XI CONGRESSO NACIONAL
DE LINGUÍSTICA E FILOGIA**
de 27 a 31 de agosto de 2007

COORDENAÇÃO GERAL

*José Pereira da Silva
Cristina Alves de Brito
Delia Cambeiro Praça*

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

*Amós Coêlho da Silva
Ilma Nogueira Motta
Maria Lúcia Mexias Simon
Antônio Elias Lima Freitas
Carmem Lúcia Pereira Praxedes
Sérgio Arruda de Moura*

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

*José Mario Botelho
Valdênia Teixeira de Oliveira Pinto
Sílvia Avelar Silva*

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

*Centro Filológico Clóvis Monteiro (CFCM)
Magda Bahia Schlee Fernandes*

Laboratório de Idiomas do Instituto de Letras (LIDIL)

SECRETARIA GERAL

Sílvia Avelar Silva

SUMÁRIO

0-	Apresentação – <i>José Pereira da Silva</i>	06
1.	A elegia erótica romana – <i>Márcia Regina de Faria da Silva</i>	09
2.	A fala de habitantes nascidos na cidade de São Paulo, de 66 anos em diante: abordagem sociogeolinguística do léxico – <i>Irenilde Pereira dos Santos</i>	15
3.	A importância de Amadeu Amaral e o dialeto caipira para a geolinguística em São Paulo – <i>Roseli da Silveira</i>	28
4.	A linguagem feudo-vassálica nos <i>ysopets</i> de Marie de France – <i>Cristina Maria Teixeira Martinho</i>	41
5.	A teoria semiótica da figuralidade na comercialização de produtos turísticos – <i>Roziila Neves Lima</i>	56
6.	Atitudes em fronteira: o caso de Tabatinga e Letícia – <i>Gabriela Barbosa</i>	68
7.	Chapeuzinho Vermelho recontado pelo cinema – <i>Ivete Irene dos Santos</i>	85
8.	Descrição e argumentação em classificados de imóveis – <i>Renata G. Palmeira</i>	100
9.	Estudo geolinguístico no município de São Paulo: uma abordagem com sujeitos na faixa etária de 31 a 49 anos – <i>Adriana Cristina Cristianini</i>	108
10.	Eu-não-eu: O sujeito na sermonística de Vieira – <i>Kellen Dias de Barros</i>	118
11.	Idade de Ferro – <i>Amós Coêlho da Silva</i>	133
12.	Intertextualidade é metalinguagem? – <i>André Conforte</i>	146
13.	Jornalismo latino – <i>Nestor Dockhorn</i>	159

A CIDMAR TEODORO PAIS

14. O jogo de linguagens nos sambas-enredo – *Juliana dos Santos Barbosa* 164
15. Paisagens em câmbio: pluralidades da Plaza de Mayo – *Maria Fernanda Garbero de Aragão Ponzio* 176
16. Paisagens naturais, elementos ficcionais – *Carlinda Fragale Pate Nuñez* 189
17. Semiótica das culturas: valores, saberes compartilhados e competências sociais – *Cidmar Teodoro Pais* 199

APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar-lhe os dezessete trabalhos que selecionamos para esse número 15 do volume XI dos *Cadernos do CNLF*, dedicado ao ilustre Confrade e Amigo, Cidmar Teodoro Pais, que não pôde esperar a edição de seu trabalho.

Aproveitamos para registrar aqui o apreço especial que o Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos sempre teve por Cidmar Teodoro Pais, o único de seus associados que nunca faltou a nenhum de nossos congressos, inclusive o de 2008, quando foi o primeiro, e até hoje único associado, a receber uma homenagem *in vitam* da instituição a que tanto prestigiou, trazendo consigo sempre de São Paulo um grande número de seus discípulos e admiradores.

Os trabalhos aqui incluídos não o foram por qualquer afinidade com o homenageado, pois a decisão de dedicá-lo a Cidmar decorreu também da coincidência de ser o único número daquele evento que ainda estava por ser editado quando veio a falecer, no qual também está o seu trabalho, que aqui vai da página 199 à 220.

Apesar de não estarem formando um número temático como foram os anteriores, aqui aparecem trabalhos extremamente interessantes, que vale a pena serem lidos, independentemente do interesse específico do consulente, como é o caso do trabalho do homenageado, “Semiótica das culturas: valores, saberes compartilhados e competências sociais”, mais um dos excelentes trabalhos dessa linha de pesquisa que apresentou no Congresso Nacional de Linguística e Filologia; o excelente trabalho da Professora Gabriela Barbosa sobre “atitudes em fronteira: o caso de Tabatinga e Letícia”, analisando o comportamento linguístico daqueles brasileiros e colombianos que vivem irmãmente isolados na floresta amazônica; o não menos interessante trabalho de Kellen Dias de Barros sobre a sermonística do Padre Antônio Vieira, quadricentenário em 2008; ou os trabalhos de geo e sociolinguística apresentados pelas professoras Irenilde Pereira dos Santos, Roseli da Silveira e Adriana Cristina Cristianini.

Interessante também a relação entre Semiótica e Arquitetura no trabalho linguístico de *Rozuila Neves Lima* sobre “a teoria semió-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tica da figuralidade na comercialização de produtos turísticos”, tendo como embasamento principal a importante obra de sua mestra Nícia Ribas d’Ávila e a sua teoria da Figuralidade.

Não podemos sintetizar todos os trabalhos importantes aqui apresentados, como é natural, dado o espaço de duas páginas de que dispomos para esta apresentação. Mas isto não desvaloriza os demais, que são quase todos de extremo interesse para os especialistas de cada um dos temas enfocados.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos os que têm colaborado para que os eventos do CiFEFiL consigam divulgar com sucesso as atividades linguísticas, literárias e filológicas da área de Letras, tornando o domínio filologia.org.br uma referência para os estudantes e pesquisadores em geral de suas diversas especialidades.

Pedimos-lhe que não deixe de nos enviar suas críticas para que possamos sempre melhorar a qualidade da divulgação desses trabalhos e contribuir, com isto, para o progresso dos estudos filológicos e linguísticos em geral.

Lembramos, também, que não fazemos qualquer discriminação relativamente a qualquer tendência ou opinião de especialistas sobre as diversas áreas, subáreas ou especialidades desses estudos, deixando aos especialistas de cada grupo a avaliação dos trabalhos submetidos e apresentados em nosso congresso e, posteriormente, entregues para serem publicados.

Lembramos que são muito raros os trabalhos cuja publicação é recusada, visto que os autores têm sempre a possibilidade de refazer a primeira versão apresentada, caso se torne incompatível com as normas de nossas publicações e com os objetivos da instituição e do evento.

Rio de Janeiro, janeiro de 2009.

José Pereira da Silva

A ELEGIA ERÓTICA ROMANA

Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

faria.silva@ig.com.br

Em Roma, o primeiro a se destacar no estilo elegíaco foi Catulo em meados do século I a.C., que escreveu poemas dedicados a Lésbia, nome que ele deu à mulher amada, inaugurando esse tipo de poesia dedicada a uma mulher específica, que influenciará grandemente a geração de elegíacos posterior.

Catulo foi o primeiro grande poeta de amor latino. Utiliza os mais variados metros e sua linguagem varia dependendo do tema, desde a vulgar e grosseira até a elevada. Preocupa-se sempre com a forma do poema e, mesmo nas poesias imitadas dos alexandrinos, coloca uma nova força e uma alma latina, tornando-as originais.

As elegias 66 e 68 trazem consigo o cerne da poesia erótica e amorosa que será plenamente desenvolvido na época de Augusto.

Segundo Pierre Grimal (1978, p. 117-118), foi a chegada de Partênio de Nice a Roma que precipitou o desenvolvimento da elegia, pois transmitiu aos romanos, inclusive a Catulo, seus conhecimentos sobre Calímaco, além de escrever para Cornélio Galo, o primeiro elegíaco da época de Augusto, cuja obra se perdeu, uma obra em prosa intitulada “*As paixões de amor*”, com muitas histórias de amor, pouco conhecidas, tiradas de autores gregos. Talvez isso explique o fato de muitas das referências mitológicas feitas pelos poetas elegíacos romanos serem quase desconhecidas.

No período augustino, especialmente, com Tibulo, Propércio e Ovídio, a elegia ganha caráter de um gênero elevado que quer a imortalidade. Esses poetas escrevem livros inteiros de elegias, normalmente dedicados a uma mulher, como Délia, em Tibulo e Cíntia, em Propércio, sendo que esses pseudônimos não deixam transparecer a identidade de suas amadas.

As elegias amorosas de Tibulo são marcadas pela ausência da amada e pelo tom melancólico. Nega o heroísmo e apresenta o campo como lugar em que o amor pode ser realizado plenamente.

A CIDMAR TEODORO PAIS

O amor por Cíntia foi o principal acontecimento da vida de Propércio e o fundamento da maior parte de seus poemas.

Propércio se utiliza muito de fábulas mitológicas, bem ao gosto alexandrino, para enaltecer a grandeza de seu amor. É, na verdade, um poeta apaixonado. Segundo George Luck (*apud* Keney y Klausen, s.d., p. 458), Propércio se sente como um amante romântico que interpreta um papel e para tanto precisa de um ar de mistério, pois o leitor deve ver no poeta um herói que deseja lutar contra a inveja dos deuses, sendo maior do que o seu próprio destino. Propércio vê o amor como algo transcendental que serve para revalorizar outros valores como a nobreza, o poder, a riqueza.

Segundo nos afirma George Luck, há três tipos de “mulheres na elegia” (*op. cit.*, p. 451):

1) a *matrona*, a mulher casada que desfruta de certa independência, como Cornélia (Prop., 4,11).

2) a *femme entretenue* que pode estar casada, porém, mais provavelmente será solteira ou divorciada e que tem relações firmes que duram meses ou anos.

3) a *meretrix*, a prostituta com a qual os homens têm encontros breves, casuais.

Ovídio ampliou os temas elegíacos romanos. Iniciou com as elegias amorosas para uma determinada mulher, em *Amores*; depois abordou o amor de personagens míticas, nas *Heroides*; transferiu o eixo do amor para a conquista amorosa, em *Ars Amandi*; e, finalmente, inaugurou uma elegia intimista sem ligação com a temática amorosa, em *Tristia e Pontica*.

Como observamos, Catulo, Tibulo e Propércio inspiraram-se em sua vida pessoal, em seus próprios amores. Ovídio não. Usou amores inventados. E segundo Grimal (1991, p. 155):

No entanto exatamente por isso Ovídio é testemunha de sua época. Seus predecessores haviam sido em larga medida testemunhas de si mesmos. Ovídio, ao contrário, representa fielmente a opinião de seus contemporâneos sobre o amor, a ideia que faziam de seu papel na vida das criaturas, da parte que convinha lhe atribuir, dos objetivos que ele perseguia.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em Roma, como vimos, a elegia surge como gênero poético dedicado ao amor, passando de uma poesia que exaltava a paixão vivida pelo poeta a uma poesia que teoriza os sofrimentos amorosos “universais”. Na verdade, ainda citando Grimal (1991, p. 156), “coube a Ovídio fazer uma espécie de balanço de um meio século de amores do qual Roma saía transformada, após uma crise moral que destruía velhas concepções de sete séculos.”

Para Ovídio amar é o mesmo que desejar, mantendo a própria etimologia latina em que o verbo *amare* remete a ser amante. Com isso, Ovídio canta os amores ilícitos e não as uniões legítimas. Mesmo nas *Heroides*, quando remete cartas de mulheres a esposos ausentes, observamos que o modo de amar e a intensidade com que o amor consome as protagonistas míticas as tornam semelhantes às cortesãs. É ainda Grimal quem nos diz que “Penélope, Ariadne, Laodâmia pensam e sentem como cortesãs – mas porque o amor das cortesãs é o que melhor permite chegar à plenitude e à verdade da paixão.” (Grimal, 1991, p. 163)

O drama da época elegíaca romana está centrado justamente na oposição *amare* (amor carnal) X *bene uelle* (ternura de coração). Os homens e também os poetas iniciavam na ternura e não podiam realizar o prazer com a esposa, enquanto com a cortesã começavam pelo prazer, mas dificilmente chegavam ao bem querer. De certa forma, as *Heroides* sintetizam os dois anseios. Ainda que na esfera mítica.

Ovídio, através das *Heroides*, consoante Armando Salvatore (1959, p. 238), traz para a elegia uma nova característica, que distingue esse autor em relação aos demais elegíacos, a capacidade de aprofundar e mostrar os sentimentos das mulheres. Catulo, Tibulo e Propércio e, nos *Amores*, o próprio Ovídio, fazem em alguns poemas análise dos sentimentos da mulher, mas nas *Heroides* há um aprofundamento dos sentimentos, especialmente, das dores e aflições sentidas com as separações ou abandonos amorosos.

Não podemos deixar de citar a análise que Paul Veyne, no livro *A elegia erótica romana*, faz dos poemas elegíacos e de seus autores. Segundo ele (Veyne, 1985, p. 9)

(...) Propércio, Tibulo e, na geração seguinte, Ovídio, decidiram-se a cantar na primeira pessoa, com seu verdadeiro nome, episódios amoro-

A CIDMAR TEODORO PAIS

sos e a relacionar esses diversos episódios a uma só e mesma heroína, designada por um nome mitológico; (...)

Isso nós já havíamos dito de certa forma, porém o que faz com que Veyne mostre uma visão diferenciada é o fato de tentar demonstrar que não há relação entre o eu, que ele chama de Ego, e a vida real do poeta. Normalmente, imaginava-se o poeta e a sua amada como figuras reais e que o poeta de fato se sentia apaixonado por essa mulher real e cantava efetivamente seus amores reais. Mas, de acordo com Veyne, a elegia é, na verdade, um jogo irônico para divertir o público da época. Ele justifica essa ideia através do desenvolvimento de dois pontos: o fato de o Ego encontrar-se em uma situação de submissão total ou escravidão em relação à amada e o fato de sua entrega total à paixão.

Tanto um fato como outro não seria aceito pela sociedade romana, pois a paixão era tida como algo destrutivo, uma verdadeira doença, conforme nos ensina Lucrecio. E a sujeição total de um homem também não era aceita na sociedade, ainda mais com o agravante de ser a uma mulher de vida irregular, uma cortesã ou uma liberta.

Com esses argumentos, Veyne busca demonstrar que as elegias só foram apreciadas na época porque na verdade elas usavam de ironia em relação a essas relações amorosas. Seria, segundo ele, efetivamente um pastiche da realidade, uma representação teatral (Veyne, 1985, p. 17).

Ela (a elegia) não descreve nada em absoluto e não impõe a seus leitores que pensem na sociedade real; ela se passa num mundo de ficção onde as heroínas são também mulheres levianas, onde a realidade só é evocada por flashes, e por flashes pouco coerentes; de uma página a outra, Delia, Cíntia poderiam ser cortesãs, esposas adúlteras, mulheres livres; o mais frequentemente, não se sabe o que elas são e não se está preocupado com isso; são mulheres de vida irregular, é tudo. Não seria preciso mais do que isso para se estabelecer entre o Ego, a heroína e o narratário esses jogos de espelhos, de olhares de esguelha e de falso natural de que falávamos. Esta irregularidade não é uma parte da vida de nossos poetas e de sua suposta amante, mas uma peça de um sistema; ela representa a lei do gênero, desempenha um papel que chamaremos de semiótico.

Se por um lado, sua visão é discutível em relação a Propércio e Tibulo, por outro, em relação a Ovídio, notamos que já é de praxe

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não se conseguir fazer uma associação de sua Corina, nos *Amores*, com uma mulher real.

Nas *Heroides*, essa visão de uma representação teatral amorosa é perfeitamente adequada, pois ele não mais se utiliza de um Ego que tenha um contraponto na realidade, o próprio Ego é uma personagem ficcional, pois ou é mítica ou já não vive, como Safo, a única tirada da realidade.

Na obra, notamos o desenvolvimento do sofrimento amoroso em uma esfera mítica, portanto aceitável do ponto de vista social, já que não aborda pessoas da sociedade, mas personagens.

Vemos, nesses poemas, um aspecto novo em relação à elegia antiga. No *carmen* 66 de Catulo, encontra-se a elegia sob a forma alexandrina que tem como personagens heróis mitológicos, porém, apesar de nas *Heroides*, os heróis e, principalmente, as heroínas serem em sua maioria provenientes do mito, Ovídio consegue fazer uma poesia de cunho pessoal, pois observamos, contraditoriamente, a presença do poeta e da sua época, através da enorme gama de sentimentos e sensações dadas às personagens e aos acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, /s.d./.
- . *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Vitor Jabbouille. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- . *O amor em Roma*. Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- . *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.
- . *Le siècle d'Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- . *O teatro antigo*. Trad. António M. Gomes da Silva. Lisboa: Edições 70.
- GUILLEMIN, A. L'élément humain dans l'épigramme latine. In: *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1940.

A CIDMAR TEODORO PAIS

———. Sur les origines de l'élégie latine. **In:** *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.

KENEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História de la literatura clásica* (Cambridge University). v. II. Literatura Latina. Trad. Elena Bombín. Madrid: Gredos, [s.d.].

SALVATORE, Armando. Motivi poetici nelle "Heroides" di Ovidio. **In:** *Atti del convegno internazionale ovidiano*. v. II. Roma: Istituto di Studi Romani, 1959.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana* (o amor, a poesia e o Ocidente). Trad. Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**A FALA DE HABITANTES
NASCIDOS NA CIDADE DE SÃO PAULO,
DE 66 ANOS EM DIANTE:
ABORDAGEM SOCIOGEOLINGUÍSTICA DO LÉXICO**

Irenilde Pereira dos Santos (USP/UNICSUL)
irenilde@uol.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho faz parte do projeto coletivo “Estudo sociogeolinguístico do município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística, da Universidade de São Paulo – GPDG/USP, cadastrado no CNPq. Além da coordenadora, Irenilde Pereira dos Santos, docente da Universidade de São Paulo, o GPDG/USP congrega os seguintes pesquisadores: Adriana Cristina Cristianini, Clézio Roberto Gonçalves, Márcia Regina Teixeira da Encarnação, Maria Teresa Nastro de Carvalho e Roseli da Silveira, todos os alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo.

Este projeto se inscreve no conjunto de estudos que se efetuam atualmente com vistas à constituição de bancos de dados lexicais para a elaboração de atlas linguísticos, na Universidade de São Paulo. Esses estudos, quase uma dezena, tiveram início em 1999, com a dissertação de mestrado de Lígia Maria Campos Imaguire, que esboçava um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina.

No presente projeto, buscam-se novos desafios. Ao enfoque exclusivamente geolinguístico, comumente encontrado em trabalhos dessa natureza, acrescentam-se sistematicamente contribuições da Sociolinguística. Por isso, adota-se a denominação sociogeolinguística. O outro desafio consiste na abordagem sociogeolinguística do município de São Paulo, cujo multiculturalismo salta aos olhos de todos.

A presente comunicação busca dar notícia sobre o andamento do projeto. Parte da abordagem da relação Léxico e Sociogeolinguística, que se constitui em parte do referencial teórico; fornece alguns dados sobre o município de São Paulo; expõe os principais procedi-

A CIDMAR TEODORO PAIS

mentos metodológicos adotados; e, por último, exemplifica uma provável análise para o *corpus* com o estudo semântico-lexical de um item lexical utilizado por sujeitos da última faixa etária.

LÉXICO E SOCIOGEOLINGUÍSTICA

Em face dos avanços das ciências da linguagem, é impossível começar qualquer abordagem do léxico sem passar, inicialmente, por uma reflexão, ainda que breve, sobre a natureza da relação entre língua e cultura.

Como elemento de interação social, a língua se constitui na via específica de que se servem os membros de uma comunidade, em suas relações intersubjetivas, para manifestar sentimentos, crenças e valores. Entretanto, mais do que um sistema verbal, na medida em que integra a cultura de uma sociedade, a língua expressa os aspectos sócio-histórico-ideológicos de grupos sociais numa determinada época com respeito a um tempo histórico. Cumpre acrescentar que, na interação social, a expressão da cultura de grupos sociais emerge da confluência da língua com os sistemas verbo-visuais. É justamente aí que se destaca a presença do léxico de uma língua, objeto da presente da pesquisa.

O léxico, por meio de seus sememas, faz sobressair o universo antropocultural de comunidades linguísticas, bem como assinala a natureza complexa da relação língua e cultura. Longe de se constituir em retrato dos aspectos sócio-histórico-ideológicos de grupos sociais, o léxico põe em foco processos sociais em curso na sociedade.

Trata-se de um movimento dinâmico registrado no uso lexical revelado pelos sujeitos, em sua atividade discursiva, a todo instante. Por vezes, um item lexical passa a ter um significado diferente quando utilizado por um outro sujeito. Ocorre, então, a ampliação ou restrição semêmica de acordo com o contexto. Outras vezes, utilizam-se itens lexicais diferentes para o mesmo objeto do chamado mundo referencial/imaginário. Em ambos os casos, quer seja pelo uso de parassinonímia, quer seja pelo uso de diferentes itens lexicais, as variações linguísticas indicam os diferentes lugares sócio-histórico-ideológicos de onde falam os sujeitos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Não menos significativo é o uso de itens lexicais que, classificados como formas em desuso ou inovações, retratam as rápidas transformações por que passa a sociedade. De um lado, situam-se os segmentos sociais conservadores que, radicados em determinadas localidades, mantêm determinadas formas lexicais. De outro, impõe-se a mudança trazida pela inserção dos meios de comunicação que provoca o surgimento de novos hábitos linguísticos nos diversos segmentos sociais. Acrescente-se a este último a grande mobilidade populacional verificada nas últimas décadas que não raro tem originado fenômenos linguísticos de vários tipos. Por conseguinte, aqui, a chamada variação lexical reflete principalmente o panorama multifacetado das mudanças sociais, em que coexistem elementos de conservação e de inovação, disputando ambos um lugar privilegiado no discurso.

Esses usos de itens lexicais assumem uma feição toda particular no saber/fazer geolinguístico. Voltados para a variação de caráter diatópico, do ponto de vista lexical, os estudos geolinguísticos e atlas linguísticos buscam descrever o uso lexical de uma comunidade. Dessa forma, enfocam a frequência e distribuição de itens lexicais num determinado espaço, destacando não apenas aquilo que se constitui em norma de um dado espaço, a saber, a norma lexical da comunidade, como empregos específicos de sujeitos, isto é, as normas de grupos sociais ou individuais. Ambas as normas integram os bancos de dados geolinguísticos.

Tradicionalmente, os documentos resultantes da pesquisa geolinguística costumam ser designados por atlas linguísticos, que, como o nome indica, constituem conjuntos de cartas que descrevem a variação diatópica. Dito em outras palavras, os atlas linguísticos descrevem a variação linguística numa rede de pontos, estabelecida por vários critérios, dentre os quais se destacam equidistância, configuração demográfica e importância sócio-histórica.

Dada a inclusão de outras variáveis na elaboração dos atlas linguísticos, um exame do saber/fazer geolinguístico aponta para a necessidade de denominar esses documentos de atlas sociogeolinguísticos.

Essa mudança se deve principalmente ao fato de que o estudo da variação diatópica implica a abordagem do espaço como uma área

A CIDMAR TEODORO PAIS

em que habitam grupos sociais de uma determinada época, com seus sentimentos, crenças e valores. Cumpre observar que não se trata da abordagem do lugar, tampouco da paisagem, mas do espaço, tal como ele é enfocado por Milton Santos (1996, p. 83):

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações realizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas *mais a vida que as anima* (...) Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objeto (...) Já *o espaço resulta da intrusão da sociedade* nessas formas-objeto (...) A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; *o espaço é um sistema de valores*, que se transforma permanentemente. (grifo nosso)

Como se nota, a presença humana constitui requisito para a definição de espaço, o qual está em constante transformação. Portanto, os itens lexicais constantes dos atlas linguísticos, inseridos no discurso dos sujeitos, expressam os aspectos sócio-histórico-ideológicos de uma rede de pontos, que desvela transformações. Nesse sentido, exprimem dados de caráter sociogeolinguístico.

Cumpre dizer também que, na moderna pesquisa geolinguística, por influência da Sociolinguística, para a seleção dos sujeitos leva-se em conta um rol de variáveis sociais. Assim, à variável diatópica – um dado ponto do espaço escolhido, em geral, aliam-se as variáveis de gênero, faixa etária e escolaridade. Desse modo, desenvolve-se efetivamente um trabalho que, ao focar um ponto, envolve variáveis linguísticas e sociais.

O MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Conhecida como uma das metrópoles mais desenvolvidas, populosas, modernas e violentas, só para citar alguns dos adjetivos mais frequentes, não apenas do País como também do mundo, a cidade de São Paulo exibe uma complexidade ímpar.

Na verdade, o município de São Paulo, ao lado de 38 outros municípios, inclui-se na Região Metropolitana de São Paulo, que se constitui no quinto maior aglomerado urbano do mundo, com 19 milhões de habitantes, vindo depois de Tóquio, Cidade do México, Seul e Bombaim. (São Paulo, 2007).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ocupando uma área de 1.509 km², com altitude média de 760 m acima do nível do mar, o município de São Paulo está dividido em 31 subprefeituras e 96 distritos. As 31 subprefeituras podem ser reunidas em cinco grandes regiões. Segundo o Censo de 2005, possui perto de 11 milhões de habitantes, equivalendo a mais de 50% da população da Região Metropolitana de São Paulo e pouco mais de 6% da população do País (São Paulo, 2007).

É banhada pelo rio Tietê, cujos principais afluentes são os rios Pinheiros e Tamanduatef. Faz limite com vários municípios: ao norte, com Caieiras e Mairiporã; a nordeste, com Guarulhos; a leste, com Itaquaquecetuba, Poá e Ferraz de Vasconcelos; a sudeste, com Mauá, Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo e Diadema; ao sul, com São Vicente, Mongaguá e Itanhaém; a oeste, com Jquitiba, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Embu, Taboão da Serra, Cotia e Osasco; e, a noroeste, com Santana de Parnaíba e Cajamar. (São Paulo, 2007).

O município teve origem em 1554, com a chegada dos jesuítas, porém somente veio a se desenvolver a partir da segunda metade do século XIX, dadas as condições geográficas e comerciais favoráveis. Nessa ocasião, exerceu um papel considerável no comércio, possibilitando a integração entre o porto de Santos e o interior do estado. Viria a desenvolver-se efetivamente no século XX, com a chegada de imigrantes de vários países. Transformou-se rapidamente em importante centro industrial, atraindo milhares de migrantes de outros estados do País, sobretudo os do Nordeste.

Contudo, a partir da década de oitenta, um conjunto de fatores sócio-econômicos provocaram um crescimento urbano desordenado. Enquanto nas áreas centrais, as mais antigas, houve taxas negativas de crescimento, ou seja, os moradores abandonaram a cidade, na periferia, houve uma expansão populacional.

Segundo a Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de São Paulo, até a década de oitenta, todas as regiões da cidade tinham crescimento positivo, exceto a região central, constituída pelos seguintes distritos: Belém, Bom Retiro, Brás e Pari. Após esse período, a tendência ao crescimento negativo estendeu-se ao início da zona leste e partes das regiões norte, oeste e sul. Na década de noventa, perto de 60% dos distritos registravam índices negativos de

A CIDMAR TEODORO PAIS

crescimento populacional, excetuando-se os situados nas áreas mais longínquas da cidade, em geral aquelas limítrofes com outros municípios da Região Metropolitana, indicando um processo de *periferização*. Ainda segundo a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, "...se a aglomeração urbana continua a crescer em seu conjunto, isto se deve ao crescimento das áreas periféricas do Município de São Paulo e ao de grande parte dos demais municípios da Região Metropolitana." (São Paulo, 2007).

Além das particularidades relativas ao crescimento populacional desordenado e aos movimentos migratórios e imigratórios, a população se caracteriza pelas questões de gênero e faixa etária. De acordo com a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, seguindo o padrão encontrado em grandes áreas urbanas, a população de São Paulo vem sofrendo um processo de *feminização*, ou seja, tem sido crescente a prevalência de mulheres, sobretudo no grupo dos idosos. Também se nota um processo de *envelhecimento* da população, com um sensível aumento de habitantes da última faixa etária. (São Paulo, 2007).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

A presente pesquisa teve início no final de 2005 com o levantamento dos indicadores sociais e o mapeamento histórico-geográfico da região focalizada. A seguir, selecionaram-se as cinco grandes regiões que compõem a amostra e se constituem em pontos da pesquisa. Dada a complexidade da cidade, os pontos da pesquisa equivalem às cinco subprefeituras do município por zona.

Zona Norte: constituída dos seguintes distritos: Casa Verde/ Cachoeirinha; Freguesia/Brasilândia; Perus; Pirituba; Santana/Tucuruvi; Tremembé/Jaçanã e Vila Maria/Vila Guilherme.

Zona Sul: Campo Limpo; Capela do Socorro; Cidade Adermar; Ipiranga; Jabaquara; M'boi Mirim; Parelheiros; Santo Amaro e Vila Mariana.

Zona Leste: Aricanduva/Vila Formosa/Carrão; Cidade Tiradentes; Ermelino Matarazzo; Guaianases; Itaim Paulista; Itaquera; Mooca; Penha; São Mateus; São Miguel e Vila Prudente/Sapopemba.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Zona Oeste: Butantã; Lapa e Pinheiros.

Centro: Sé.

Após a segmentação do município em pontos, buscou-se um instrumento para a coleta dos dados. Decidiu-se pela utilização do questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, versão 2001, ao qual se acrescentaram outras questões de modo a contemplar o universo antropocultural de São Paulo. Em seguida, passou-se à seleção dos sujeitos. Optou-se pelas variáveis de gênero e faixa etária, tendo esta última sido definida a partir das três primeiras faixas etárias indicadas pelo Projeto ALiB. Enquanto o Projeto ALiB trabalha com as faixas I e III, no atual projeto, abordam-se também a faixa intermediária II e a IV.

O quadro abaixo ilustra a distribuição feita.

Faixa etária		Pesquisador
Número de ordem	Especificação	
I	18 a 30 anos	Roseli da Silveira
II	31 a 49 anos	Adriana Cristina Cristianini
III	50 a 65 anos	Márcia Regina T. da Encarnação
IV	66 em diante	Irenilde Pereira dos Santos

Como o município de São Paulo é extremamente populoso, é difícil um estudo de natureza linguística, em que as unidades de análise são complexas, com um número elevado de variáveis. Isso seria trabalho para uma equipe grande e para vários anos. Então, para que se possa levar a cabo a tarefa de modo satisfatório, definiram-se alguns pontos:

- realizar o estudo por etapas, de modo a ter uma distribuição que cubra todo o espaço;
- iniciar um estudo piloto, com um número relativamente pequeno de sujeitos, visando a testar o questionário, o referencial teórico e outros – procedimentos teórico-metodológicos;
- fazer uma avaliação dos resultados obtidos, ao final desta fase preliminar, com vistas ao aperfeiçoamento do projeto e, se for o caso, redimensionamento de procedimentos e rumos.

Neste primeiro momento, ou seja, no estudo piloto que ora se efetua, decidiu-se pela seleção de dois sujeitos, dos dois gêneros, em cada faixa etária, perfazendo um total de oito sujeitos. Para este pri-

A CIDMAR TEODORO PAIS

meiro estudo, possibilitou-se a opção por um dos três níveis de escolaridade: fundamental, médio ou superior. Dada a experiência de todos os pesquisadores no saber/fazer geolinguístico, cada um trabalha com o referencial teórico-metodológico já utilizado em estudos geolinguísticos de cunho semântico-lexical.

Após a avaliação dos resultados, pensa-se aumentar o número de sujeitos e, eventualmente, o número de pontos para que a rede fique mais densa. Pensa-se igualmente discutir o referencial teórico-metodológico de modo a aperfeiçoá-lo.

ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DE UM ITEM LEXICAL NA FAIXA ETÁRIA IV

Para o presente estudo, utilizam-se as falas de duas moradoras do município de São Paulo, ambas do gênero feminino, pertencentes à última faixa etária. A primeira, denominada sujeito A, tem 74 anos, e a segunda, denominada sujeito B, tem 77 anos.

Selecionou-se a questão – “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” – questão n. 31 do Questionário semântico-lexical – QSL – do Projeto ALiB) (ALiB, 2001, p. 23). No QSL, as respostas prováveis são “estrela cadente”, “filante”, “meteoro e “zelação”. A questão seguinte – “E quando se vê uma _____ (cf. *item* 31), como é que se diz?” – constitui-se em complemento da atual, tendo sido também utilizada para a análise. A questão solicita do sujeito a nomeação dos verbos usados para expressar o movimento do fenômeno mencionado (ALiB, 2001, p. 23).

O presente estudo retoma um trabalho anterior – “Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas linguísticos brasileiros”, que buscava mostrar a distribuição da variação lexical nas áreas de abrangência reportadas, quais sejam, os estados da Bahia, Minas Gerais, Paraíba e Paraná, com base nos atlas linguísticos desses estados. Tomando como ponto de partida o levantamento efetuado nesses atlas, esboçava uma proposta de análise semântico-lexical de acordo com Pottier (1978) e Rastier (1987). Aqui, examinam-se as respostas dos dois sujeitos, confrontando-as com a análise feita para os demais atlas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

À questão n. 31, o sujeito A respondeu “cometa”, enquanto o sujeito B respondeu “estrela cadente”. Embora a segunda resposta se inclua no rol proposto pelo Projeto ALiB, ela não aparece em todos os atlas analisados. Em três dos atlas regionais – Bahia, Paraíba e Minas Gerais, aparece o item lexical “zelação”, ocorrência registrada em Houaiss (2003), Ferreira (1999) e Mourão (1987) como regionalismo referente ao nordeste do Brasil. Outro item que também surge em três dos atlas – Paraíba, Minas Gerais e Paraná – é “planeta”, mostrando a relação estabelecida pelos sujeitos entre um corpo celeste e o fenômeno “estrela cadente”. Encontra-se este último nos atlas linguísticos da Paraíba e de Minas Gerais.

A partir de Rastier (1987), pode-se dizer que “estrela cadente” se inscreve no domínio dos fenômenos que ocorrem na atmosfera terrestre entre os taxemas de natureza óptica ou acústica. Em seu semema, destacam-se os seguintes semas inerentes ¹:

- (i) fenômeno luminoso que ocorre na atmosfera terrestre;
- (ii) origina-se do atrito de um meteoróide com os gases da atmosfera terrestre;
- (iii) passa a ser incandescente e visível ao aquecer-se por fricção com a atmosfera terrestre;
- (iv) luminosidade produzida a uma altura de 110 a 150 km, desaparecendo por volta dos 80 km.

Na atividade discursiva, ao lado dos semas inerentes, emergem outros semas subjacentes, que se originam de processos de restrição, desvio ou ampliação do semema, do percurso até a fala. Por vezes, um determinado emprego contextual resulta num sema que acaba sendo integrado ao semema. Em geral, advém de crenças, valores, mitos, lendas e superstições de um segmento social que passa a ser usado na relação intersubjetiva num determinado espaço. Dessa forma, aos semas inerentes, próprios do domínio fenômenos atmosféricos, podem ser agregados outros semas, possíveis no contexto, em virtude das virtualidades presentes no semema de “estrela cadente”.

¹ Semas que se caracterizam como denotativos, distintivos, definitórios e universais e provêm do sistema funcional da língua (Rastier, 1987, p. 44).

A CIDMAR TEODORO PAIS

te”. Em que pese a estranheza, isso é um fato perfeitamente normal por causa do dinamismo presente na interação. Na verdade, esses fatos conduzem a novas interpretações dos dados linguísticos, a partir da compreensão do semema de “estrela cadente”. Cumpre acrescentar ainda os sememas dos itens lexicais que comutam com “estrela cadente” nesses contextos.

Essas interpretações podem ser vistas nas notas e observações dos pesquisadores, ou mesmo nos próprios itens lexicais nos quatro atlas. Na fala dos dois sujeitos do município de São Paulo, junto com os semas oriundos de dados advindos do mundo físico, surgem outros semas, resultantes de interpretações feitas pelos seres humanos ao longo dos tempos. Existem inúmeras crenças relativas ao poder de alguns fenômenos da natureza, presentes no imaginário popular, que atraíram a atenção de não poucos pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Em relação ao fenômeno “estrela cadente”, há diversas crenças, superstições e lendas relatadas por Mozzani (1996, p. 682-684) e Cascudo (1972, p. 359-360). Em geral, a interpretação mais marcante é o poder maligno ou benigno exercido pelo fenômeno.

A face maligna pode ser vista na associação de estrela cadente com morte e mau agouro. Segundo Mozzani (*id*), para os antigos, a estrela cadente era sinal de mau agouro, pois anunciaria a morte, desgraças ou graves acontecimentos. No século III na França, e a crença permanece até hoje, dizia-se que o aparecimento de uma estrela seria o anúncio da morte de um amigo, pois se acreditava que cada um teria uma estrela no céu que cairia tão logo a pessoa viesse a falecer. A direção do astro indicaria o lugar do falecimento.

Cascudo (*id*) discorre sobre esse aspecto de mau agouro, ressaltando a relação que o sertanejo estabelece entre “estrela cadente” e “cometa”:

Por isso, o sertanejo a (=estrela cadente) descreveria como um cometa que, ao correr, assusta-o – ‘Deus te guie’, resmungando, como seu bisavô minhoto ou algarvino, ou ‘Deus te guie, zelação’.

O sujeito A utiliza “cometa” para se reportar à estrela cadente, como alguns sujeitos do EALMG e do ALPR. Entretanto, longe de significar maldição, o aparecimento do cometa pode trazer o que se deseja, pois o sujeito A diz imediatamente, com voz de empolga-

ção – “pra ver se o namorado volta”. Liga-se mais ao que Cascudo reporta sobre uma superstição bastante difundida na Europa – “A passagem do aerólito, luminoso pelo atrito, concederá o que se pede, desde que o desejo seja enunciado enquanto durar o clarão.” (*id*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente comunicação, buscou-se dar notícia sobre o andamento do projeto coletivo “Estudo sociogeolinguístico do município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística, da Universidade de São Paulo – GPDG/USP.

Embora o atual projeto tenha tido início no final de 2005, deita raízes em 1999, com a dissertação de mestrado de Lígia Maria Campos Imaguire que esboçava um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina. Ao longo desses nove anos, nas dissertações e teses defendidas, bem como nos artigos publicados, buscou-se desenvolver estudos visando à constituição de bancos de dados lexicais para a elaboração de atlas linguísticos. Após esse período de experiências bem-sucedidas, enfrentam-se novos desafios.

De um lado, efetuam-se pesquisas com vistas ao desenvolvimento de um referencial teórico-metodológico voltado para a Sociogeolinguística; de outro, elaboram-se estudos específicos para a cartografia linguística de São Paulo, município com uma notável complexidade linguística.

O presente trabalho é, de certa forma, uma mostra dos movimentos feitos até o momento para o desenvolvimento do projeto. Inicia com uma abordagem sobre a relação Léxico e Sociogeolinguística, salientando sua importância para a elaboração de atlas linguísticos. Após breve exposição de dados geográficos e demográficos do município de São Paulo, discorre sobre os principais procedimentos metodológicos adotados; e, por último, apresenta um exemplo de análise semântico-lexical dos itens lexicais dados como respostas por dois sujeitos da última faixa etária, correspondentes a duas questões do questionário semântico-lexical.

Por fim, é possível dizer que, superados os primeiros obstácu-

A CIDMAR TEODORO PAIS

los, esta fase inicial, longe de indicar resultados, aponta caminhos a percorrer com vistas à elaboração de um saber/fazer geolinguístico.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

ARAGÃO, M. do S. S. de; MENEZES, C.B. de. *Atlas linguístico da Paraíba*: v. 1: cartas léxicas e fonéticas e v. 2: análise das formas e estruturas linguísticas encontradas. Brasília: UFPB/CNPq, 1985.

BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3ª ed. rev. e aum. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COLUCCIO, F. *Vocabulário geográfico*. Universidad Nacional de Tucumán; Instituto de Estudios Geográficos, 1952.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, C. da S. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador, UFBA/FUNDESC, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

IMAGUIRE, L.M.C. de *Estudo geolinguístico de municípios do Litoral Sul Paulista*: abordagem dos aspectos semântico-lexicais. 2 volumes, 431 p. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

LEACH, M. *Dictionary of folklore mythology and legend*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1950.

LUFT, C. P. *Dicionário eletrônico*. São Paulo: Ática Multimídia, 1998. 1 CD-ROM.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MONKHOUSE, F. J. *Diccionario de términos geográficos*. Barcelona: Oikos-Tau, 1978.

MOURÃO, R. R. de F. *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade Santa Úrsula, 1978.

———. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

RASTIER, F. *Sémantique interpretative*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas linguísticos brasileiros. **In**: *Anais do 27º Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná*, 2006.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento. *Município em dados*. Disponível em: http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/md/index.php?texto=introducao&ordem_tema=2&ordem_subtema=13. Acesso em: 21/08/2007.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A IMPORTÂNCIA DE AMADEU AMARAL E O DIALETO CAIPIRA PARA A GEOLINGUÍSTICA EM SÃO PAULO

Roseli da Silveira (USP)
roselisilv@hotmail.com

Muito antes da publicação de *O Dialeto Caipira*, verificava-se entre nós a discussão sobre a falada língua brasileira. Em Portugal, acreditava-se que não existia e nem nunca existiria tal língua; aqui, havia a certeza de que ela existia sem nenhuma relação mais com a língua que se falava em Portugal.

Amaral, apesar de suas pesquisas sobre línguas – intitulava-se “um hóspede em glotologia” –, não apregoava a existência de uma língua brasileira. É evidente que antevia, sem logicamente poder prever quando, a sua emancipação. Assim como prevê o desaparecimento, em tempo relativamente breve, do dialeto caipira, que apenas seria um aspecto daquela. Depois de analisar as tendências sob novas condições, dentre elas a influência imigratória, diz:

Essas outras tendências irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autônoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do português peninsular, e até do português corrente nas demais regiões do país. Mas essa evolução já não será a do dialeto *caipira*. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares. (Amaral, 1920, p. 42)

Vasconcelos, no seu “Esquisse d’une Dialectologie Portugaise”, admite até a existência de sub-dialetos brasileiros, além do dialeto. Para ele, o vocábulo “dialeto” tinha o mesmo sentido que lhe dá Bluteau: “Modo de fallar próprio e particular de huma lingua nas diferentes partes do mesmo Reyno: o que cõsiste no accentto, ou na pronunciação, ou em certas palavras, ou no modo de declinar ou conjugar”. Acepção de verdadeira língua. “A língua do Brasil, esclarece Leite de Vasconcelos, é o português que, transportado para um meio diferente do da sua origem, passou aí por muitas modificações”. (Vasconcelos, 1901, p. 16)

Com efeito, a natureza e a vida do Brasil profundamente diversas das de Portugal, exigiram nem só a criação de termos novos e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de expressões novas, mas até de alterações gramaticais novas. E essas modificações começaram desde muito cedo, sob a influência do tupi e de outras línguas africanas, europeias, asiáticas e até inventadas pelo povo. João Ribeiro a tudo isso acrescenta “essa coisa curiosa de um vocabulário genuinamente português quinhentista que se arcaizou em Portugal e continua a viver admiravelmente no clima do Brasil”. (Ribeiro, 1933, p. 8)

O método comparativo demonstra essas modificações.

Uma coisa impossível é chamar à ordem o idioma, aprisioná-lo, impor-lhe uma disciplina insuportável. A língua, como os povos, repele essa falsa ordem, a tirania do clérigo arvorado em seu defensor. (Lapa, 1933)

As considerações acima, inclusive todas as citações, foram recortadas do longo e detalhado prefácio de Paulo Duarte a *O Dialeto Caipira*. Metodicamente, Duarte analisa e situa a obra de Amadeu Amaral no cenário da linguística nacional, colocando o autor no lugar de destaque que merece. Mais de uma vez Duarte reivindicou o título de primeiro “moderno” do Brasil para Amaral. Amadeu Amaral sentia a necessidade de renovação.

O Dialeto Caipira é o livro precursor: o falar errado do caipira servia de pretexto para uma literatura leve, de interesse recreativo. Estudá-lo, entretanto, à luz da linguística, observar a sua prosódia, fixar o seu vocabulário peculiar, as suas construções, era praticamente inimaginável àquela altura. Amadeu tomou essa empreitada para si sem nenhum auxílio, apenas dispondo de dois ou três autores de contos e poesias caipiras, além do próprio caipira, que ele procurava para colher ao vivo seu falar.

Na introdução de *O Dialeto Caipira*, que Amaral classifica de “modesta tentativa”, agradece às pessoas que puderem auxiliar e recomenda as seguintes normas a observar:

a) não recolher termos e locuções apenas referidos por outrem, mas só os que forem pessoalmente apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos; b) indicar, sempre que for possível, se se trata de dicção pouco usada ou frequente, e se geralmente empregada ou apenas corrente em determinado grupo social; c) grafá-la sempre tal qual for ouvida. Por exemplo: se ouvirem pronunciar capuêra, escrever capuêra e não capoeira. Isto é essencial, e há muitíssimas coleções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando pouco de meras curiosidades; d) se houver diferen-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade; e) sempre que possa dar-se má interpretação à grafia adotada, explicar cumpridamente os pontos duvidosos; f) ter especial cuidado em anotar os sons peculiares à fonética regional (como o som de r em arara, ou o som de g em gente); declarar como devem ser pronunciadas tais letras, no caso de que o devam ser sempre da mesma maneira, e adotar um sinal para distinguir uma pronúncia de outra, no caso de haver mais de uma (por exemplo, um ponto em cima do g quando soa aproximadamente dg, para o diferenciar do que soa à moda culta; uma risca sobre o c, para significar que é explosivo, como em chave (tchave) etc.

Altman (1998), em seu livro *A Pesquisa Linguística no Brasil*, cita Câmara Jr. que, em 1968, constatava:

(...) o ensino de português nas universidades brasileiras é principalmente de caráter filológico e frequentemente se confunde com estudos literários. (Câmara Jr., 1973)

Continuando com Altman, ela comenta: Amadeu Amaral, “um hóspede em glotologia”, recolocou a questão, até então predominantemente tratada em outros domínios, em termos linguísticos. Para um velho problema, *O Dialeto Caipira* definia os parâmetros de uma nova solução, científica, entendida aqui como oposta à normativa, ao propor que:

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos de cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente. (Amaral, 1920, p. 43)

Amaral inaugurou um novo programa de investigação a seguir. Tratava-se de obter, (...) recolha cuidadosa de fatos, *in loco*, um retrato do dialeto brasileiro.

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, (...) e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou de outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, (...). (Amaral, 1920, p. 44)

Mas, ao contrário, o estudo da variação dialetal residual, rural, contribuiria para fundamentar interpretações histórico-filológicas divergentes sobre os substratos da “língua brasileira”.

Em seu livro Amaral tratou da Fonética, da Lexicologia, da Morfologia e da Sintaxe, além de incluir um Vocabulário, que ocupa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a maior parte de seu ensaio. Amaral organizou um vocabulário cuidadoso, apesar da quase inexistência de fontes de referência, com a ajuda de uns poucos colaboradores.

O ângulo de visão do autor do Dialeto é o histórico-comparativo.

Na Introdução, revela seu objetivo de estudar a variante brasileira da língua portuguesa em sua modalidade falada:

O que pretendemos neste desprezioso trabalho (de que pedimos escusa aos componentes) é – caracterizar esse dialeto “caipira”, ou, se acham melhor, esse aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo. (...) (Amaral, 1920, p. 43)

No capítulo I, Fonética, Amaral anota, quanto à prosódia, que:

O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa. (Amaral, 1920:45)

No dizer de Duarte,

Com relação aos nossos pronomes deslocados, os estudiosos esbrajavam contra os hereges da língua, em vez de procurarem explicação para o fato. Amaral, não. Foi ver de perto. Analisou o fato linguístico, perquiriu e pesquisou-o cientificamente.

A diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais. Esses pronomes, no português europeu, se antepõem ou pospõem a outras palavras, que os atraem, incorporando-os. (...) Passando para o Brasil, a língua teve que submeter-se a outro ritmo, determinado por condições fisiológicas e psicológicas diversas: era o suficiente para quebrar a continuidade das leis de atração que agiam em Portugal. (Amaral, 1920, p. 46-47)

Segundo observa Amaral, o /r/ inter e pós vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é *língua-palatal* e guturalizado: “Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico.” (Amaral, 1920, p. 47)

Quanto aos elementos do português do século XVI, Amaral afirma que eles não se restringem ao Léxico, mas que todo o dialeto está impregnado deles, da fonética à sintaxe.

Na Carta de Pero Vaz de Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na língua, mas ainda bem vivos no falar caipira:

A CIDMAR TEODORO PAIS

inorância, parecer (por aparecer), mēa (adj. meia), u'a, trosquia, imos (vamos), despois, reinar (brincar), prepósito, vasios (região da ilharga), lutar, desposto, alevantar, “volvemo nos já bem noute”, “veemo nos nas naus”, “lançou o na praya”. (Amaral, 1920, p. 56)

Segue-se uma lista de palavras de origem indígena, na sua maioria tupi, e de elementos de vária procedência. Junto a esses últimos, os vocábulos africanos, que Amaral declara não serem aquisições próprias do dialeto caipira. E observa: “A colaboração do negro, por mais estranho que o pareça, limitou-se à fonética: o que dele nos resta no vocabulário rústico são termos correntes no país inteiro e até em Portugal.” (Amaral, 1920, p. 64)

Quanto à morfologia, observa que o adjetivo e o particípio passado frequentemente deixam de sofrer a flexão genérica, sobretudo se não aparecem contíguos aos substantivos: *essas coisarada bonito, as criação távum quéto, as criação ficárum pestiado*.

Quanto ao número, por exemplo, a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: os rei, duas dama, certas hora, u'as fruita, aqueles minino, minhas ermã, suas pranta.

Esta repugnância pela flexão pluralizadora dá lugar a casos curiosos. A frase exclamativa “há que anos!”, equivalente a “há quantos anos!”, sofreu esta torção violenta: há que zano! (ou simplesmente que zano!). (Amaral, 1920, p. 71)

Criteriosamente, Amaral julga que a complexidade dos fenômenos sintáticos, ainda pouco estudados no dialeto, – apenas enumerados às vezes, – não permite por ora sequer tentativas de sistematização.

Ainda assim, anota quanto ao sujeito: “As cláusulas infinitivas dependentes de para têm por sujeito o pronome oblíquo mim, nos casos em que o sujeito devera ser eu: Êle trôxe u'as fruita pra mim cumê (r).”

E a respeito do pronome: “O pronome ele ela pode ser objeto direto: Peguei ele, enxerguei elas.”

Por fim, chegamos ao glossário que ele faz questão de ressaltar que não inclui todos os brasileirismos correntes em São Paulo, nem ao menos todos os que constam de suas notas. Apenas registra

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, e que foram por ele (s) ouvidos.

Segundo Altman, 1998, dos trabalhos que se sucederam a *O Dialeto Caipira*, só Antenor Nascentes e Mário Marroquim seguiram a proposta de Amaral. Os demais só trataram da prosódia e vocabulário das variantes.

A imprecisão na delimitação de áreas regionais e a ausência de qualquer tipo de transcrição fonética, ao que parece, acabariam por comprometer de fato a produção do período. (Além da superficialidade e impressionismo que marcaram essas obras, devido à falta de uma formação dialetológica de seus autores). (Altman, 1998)

Passados mais de cinquenta anos da publicação de *O Dialeto Caipira*, esta obra ainda se constitui em uma das mais valiosas contribuições para a dialetologia brasileira. E mereceu uma nova investigação sobre o tema.

O dialeto caipira na região de Piracicaba, 1974, de Ada Natal Rodrigues, tem entre outros o objetivo de recolher o falar caipira e atestar a vitalidade desse dialeto.

Amadeu Amaral não definira muito bem a área de suas investigações:

O (falar) de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se pode distinguir, sem grande esforço, zonas de diferente matiz dialetal – o Litoral, o chamado ‘Norte’, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro. (Amaral, 1920, p. 14-15).

Para refazer o percurso de Amaral, a escolha da localidade deveria privilegiar uma área que levasse em conta a fixação dos paulistas, depois das caminhadas do ciclo bandeirante, no século XVIII. O critério foi o de examinar a marcha da colonização e fazer-se a opção por uma localidade que estivesse dentro da chamada “zona velha”, segundo explica a autora.

A escolha recaiu sobre Piracicaba, por ser uma das regiões onde o dialeto caipira, mesmo na área urbana, teria grande vigor; por estar na *zona velha de colonização*; e por haver o interesse e a ajuda do Departamento de Ciências Sociais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A escolha dos informantes obedeceu a normas consagradas em pesquisas dialetais, assim como a técnica de pesquisa utilizada: gravação de diálogos, entrevistas e inquéritos fonéticos. Aplicou-se, ainda, um teste sociolinguístico na região de Piracicaba.

Os pressupostos da teoria de Chomsky, de que a gramática de uma língua deve ser a descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal, de uma comunidade de todo homogênea, devem se prestar a uma verificação empírica.

A utilização de um *corpus* constituído para uma pesquisa dialetal teve por objetivo fazer essa verificação do modelo proposto pela teoria gerativa. A metodologia da gramática gerativo-transformacional, que tem por componente de base a Sintaxe, uniram-se os aportes da Sociolinguística.

O livro de Rodrigues, com prefácio de Nelson Rossi, contém I-Introdução, II- Morfossintaxe, que constitui a análise do material coletado *in loco*, à luz da teoria gerativa, e III- Fonética e Fonologia, onde se faz a descrição fonológica, após a transcrição dos inquéritos, e a Conclusão, que se pretende apenas uma reunião de dados, sem caráter definitivo.

As conclusões a que Rodrigues chegou, para citar algumas, foram as seguintes:

- Realizações fônicas: *suscetíveis de ...* (Ex.: alternância b :: v). A análise fonética e fonológica, embora puramente descritiva, faz um levantamento de dados que mostram características peculiares, em relação ao sistema-padrão;
- Morfossintaxe – ausência de redundância na concordância do sintagma nominal (só o determinante, de modo geral, recebe o morfema de plural). O gênero, intrínseco ao N, é algumas vezes marcado, outras não, no determinante e no adjetivo. Quanto ao nome, representado por um nome pessoal – NPess, não se observa do ponto de vista formal, a não ser esporadicamente e/ou enfaticamente, a oposição sujeito/complemento. *Mim* é sempre sujeito do infinitivo, antecedido por *para*. O modelo de análise morfossintática permitiu conduzir as hipóteses formalizadas a uma verificação empírica. A teoria gramatical foi capaz de explicitar as fra-

ses da língua, que, no nível da realização, pelas transformações efetuadas ou pelas não concretizadas, mostram uma estrutura superficial, às vezes mais próxima da estrutura profunda, outras vezes mais distante, pelas derivações contínuas;

- Pode-se, portanto, pensar em uma forma divergente da língua-padrão, num grupo específico, numa área geográfica restrita. Os resultados obtidos levam, assim, à conclusão de que se trata de um dialeto. No consenso dos moradores da área urbana, este dialeto é uma “fala caipira” e os próprios informantes têm consciência disso quando, para fugir à conotação pejorativa que se atribui ao caipira, tentam *melhorar* os seus recursos de expressão.
- O ritmo da frase, o sistema de vogais e a documentação de certas consoantes causam grande impacto em pessoas que nunca os ouviram, no português do Brasil. Estas características são as que se reconhecem, de imediato, como sendo as do dialeto caipira mais do que outras. Os informantes, pela sua maneira de ser e de viver, são representantes de uma cultura caipira, que, embora sob pressões exteriores, sentem-se unidos por um patrimônio comum – a sua maneira de falar.

A GEOLINGUÍSTICA EM SÃO PAULO:
ESTUDO DE ASPECTOS SEMÂNTICO-LEXICAIS
NA 1ª FAIXA ETÁRIA (18-30 ANOS)

INTRODUÇÃO

De acordo com Gadet, 1992, que faz um balanço da obra de Labov, a heterogeneidade é uma dimensão mesma da estrutura da língua. Mas ele revela que o lugar onde se reconhece uma estruturação de heterogeneidade não é o locutor como indivíduo, mas a comunidade no seu conjunto.

O efeito para o falante da existência de uma variação estruturada na comunidade, é a possibilidade que esta se torne emblema de

A CIDMAR TEODORO PAIS

uma identidade, permita de se reconhecer e de reconhecer os outros como tendo certa identidade social. Donde a definição de comunidade linguística como um conjunto de indivíduos que, além da densidade das relações de comunicação, partilham as mesmas atitudes avaliativas em termos de prestígio e de comportamento.

A ideia de “normas compartilhadas” é, aliás, o único modo que pode explicar duas dimensões cruciais: o fato que são as mesmas variáveis que intervêm na diferenciação social, e na diferenciação estilística, orientadas de acordo com uma mesma direção; e o deslocamento eventual, da parte de um falante, entre a sua produção e seus julgamentos (entre a norma reconhecida e as produções).

É o que acontece com o dialeto caipira: trata-se de uma norma compartilhada por um grupo de indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos por compartilhar dessas normas, que lhes dá identidade. É o que conclui Rodrigues em seu trabalho, em outras palavras.

Também pode acontecer de uma norma compartilhada por um grupo de indivíduos se manter, na fala de um indivíduo, como marca de seu grupo e de uma época. É o caso do registro, na fala de um sujeito de mais de 70 anos, morador na maior parte de sua vida na cidade de São Paulo, da lexia *gare*.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

É no inventário lexical que se observa mais nitidamente a constante mudança de visões de mundo compartilhadas pelo grupo. Como a língua é, ao mesmo tempo, geradora e suporte de fatos antropoculturais, está em constante mudança, condicionada às necessidades dos integrantes do grupo e de acordo com a mudanças do meio social.

Segundo Câmara Jr., a língua tem a função de expressar a cultura para permitir a comunicação social, e é arbitrária. Daí que ela é uma instituição eminentemente mutável no tempo.

Assim em cada momento da vida coletiva, há o sentimento da fixidez da língua. Socialmente real, ele é, não obstante, naturalmente ilusório, porque a força conservadora e a resistência da estrutura nunca e nehumas conseguem deter a mudança. (Câmara Jr., 1973)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O universo léxico, portanto, está sujeito à ação das duas leis que, aparentemente antagônicas, permitem a estabilidade do sistema: a da continuidade e a da mudança. Resulta, pois, que uma parte do léxico se conserva, ocorre uma renovação de unidades lexicais e há o desaparecimento de outras.

Nessa linha de pensamento, Barbosa acrescenta:

Existe, pois, uma parte nuclear no vocabulário de uma língua, uma dianorma, que é transmitida de uma geração a outra, assegura a possibilidade de comunicação, no quadro de uma comunidade nacional, e que dá a esta última o sentimento de sua continuidade

Esse fato ocasiona a maior permanência do vocabulário fundamental de uma língua, na passagem de diferentes épocas, e determina ainda uma relativa resistência social à renovação, e certa insistência na manutenção da tradição lexical. Entretanto, as mudanças ocorrem, mesmo que encontrem certos tipos de obstáculos. (Barbosa, 1981, p. 132)

Na terminologia proposta por B. Pottier, semema define-se como conjunto de semas reconhecíveis no interior do signo mínimo (ou morfema). A unidade de significação, assim delimitada, é composta de três subconjuntos sêmicos: o classema (os semas genéricos), o semantema (os semas específicos) e o virtuemema (os semas conotativos). (Pottier, 1972)

É por essas razões que Rastier (1966, p. 15), afirma:

Tutescu estima que Todorov tinha razão em falar de semas referenciais quando ele escrevia: “A menor mudança na realidade extralinguística nos obriga a modificar o inventário dos semas. (...) Em contrapartida, se se define o sema como um elemento diferencial conjugando ou disjuntando dois sememas, esta objeção vem toda ao caso”.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Selecionamos a questão de nº 230 do questionário semântico-lexical do ALiB, ampliado com questões específicas para a cidade de São Paulo, e aplicamos a sujeitos da primeira faixa etária: de 18 a 30 anos: Questão 229: “Como se chama o local onde os ônibus deixam e pegam passageiros?”

Questão 230: “E os trens?”

A CIDMAR TEODORO PAIS

O procedimento de análise consistirá na verificação da definição da lexia ‘estação’, resposta da 1ª faixa etária, em comparação à ‘gare’, em dicionários de língua geral, em relação ao inventário dos semas que as compõem, para constatar por que uma variante se sobrepôs à outra.

NÁLISE DOS DADOS

No romance fragmentário *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de 1924, Oswald de Andrade emprega a lexia *gare* várias vezes para nomear vários capítulos como este:

As meninas da gare
Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha. (Andrade, 1978, p. 80)

Em Borba, 2002, *Dicionário de Usos do Português*, achamos:

gare N.f. parte das estações ferroviárias onde embarcam e desembarcam passageiros e mercadorias: *O terminal que apresentou maior movimentação foi a gare Dom Pedro II, na central do Brasil. (ESP); De que “estilo” seriam as gares de embarque e desembarque de passageiros? (AQT)*

estação Nf * [Concreto] 1 lugar onde se processam o embarque e desembarque de passageiros: *o banheiro parece o de uma estação ferroviária, imundo (BB); Estávamos na plataforma de uma estação do metrô (CRU)*

Em Ferreira, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1986, achamos:

gare (Do fr. *gare*) s.f. Gal. Estação de estrada de ferro.

estação. [Do lat. *statione*] S. f. 1. Paragem ou pausa em um lugar; estada, estância, parada. 2. Lugar em que se processa embarque e desembarque de passageiros e/ou carga de trem, navio, ônibus, avião etc.

Como as lexis são polissemêmicas, restringimo-nos ao (s) semema (s) em primeira acepção.

O que percebemos é que a variante ‘gare’, muito usada em São Paulo no início do século passado, concorria com a variante ‘es-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tação'. Como a primeira, em seu sema genérico *estação*, ficava limitada ao sema específico *de ferro*, e houve mudanças no meio social a que a lexia não mais respondia, optou-se pela variante 'estação' e a ela acrescentaram-se os semas específicos *de trem*, *navio*, *ônibus*, *a-vião* e até *de metrô*, que aparece na citação de Borba para estação.

CONCLUSÃO

Variante de prestígio na época de Oswald, na cidade de São Paulo, por influência da "*belle époque*", 'gare' é um empréstimo do francês que só subsiste hoje na "memória lexical" de pessoas de uma faixa etária acima dos 65 anos.

A lexia 'estação' substituiu praticamente a lexia 'gare' em todos os contextos, em função da mudança do referente, do meio social; ampliou-se o inventário de seus semas específicos incorporando transportes mais modernos, como o metrô, mais condizentes com uma megalópole como São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920. [2ª ed. 1955].

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, Maria Ap. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CÂMARA JR., J. Matoso. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

A CIDMAR TEODORO PAIS

DUARTE, Paulo. Prefácio. **In:** AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: O Livro, 1955.

GADET, F. (org.). *Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan*. Langues, 1992.

POTTIER, Bernard. *Estruturas Lingüísticas do Português*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

**A LINGUAGEM FEUDO-VASSÁLICA
NOS YSOPETS DE MARIE DE FRANCE**

Cristina Maria Teixeira Martinho (USS)
cristina.martinho@uss.br

Marie de France (1998, 2001), a primeira escritora medieval de obras de ficção, escreve, à maneira de Esopo, *Ysopets* – fábulas que, como outras manifestações da cultura, são um instrumento de práticas sociais de caráter comunicativo que contribuem para produzir e reproduzir determinadas estruturas na sociedade. Ao expressarem o momento político, as fábulas deixam transparecer a intervenção da autora. Embora Marie tenha afirmado ter traduzido o livro de Esopo tal como exatamente o encontrou, essas fábulas contêm referências caracterizadoras tanto do contexto político feudal inglês, como das relações entre os membros da nobreza e desta com a realeza. Elas nos levam a considerar a concepção feudal de serviço, nas palavras de Georges Duby (2006), isto é, as relações ligadas aos *bellatores*, e que dizem respeito aos comportamentos ideais da suserania. Na Inglaterra, as relações feudo-vassálicas são introduzidas após a conquista normanda como uma forma de desenvolver os desígnios da nova elite social.

Marie de France coloca seu discurso à disposição da realeza inglesa. Os valores feudais visam ensinar atitudes, comportamentos inerentes às funções dos nobres e do rei. O importante é articular um modelo político ideal e hierarquizado, centrado na figura do soberano. O *Ysopet*, tendo uma origem literária, insere-se entre as fontes que, no dizer de Jacques Le Goff (2007), conduzem à psicologia coletiva das sociedades.

Cabe a Esopo a primazia em atribuir alegoricamente virtudes e defeitos humanos a determinados animais, como, por exemplo, ao leão – a majestade; à raposa – a astúcia, velhacaria; ao lobo – a brutalidade, a agressividade; ao camelo – a complacência; à formiga – a previdência. Desse modo, as histórias narradas, além de se ocuparem em representar experiências processadas como conhecimentos, incorporam críticas aos modos de agir e de ser dos humanos. Tais narrativas não devem ser apenas consideradas como produtos exclusivos

A CIDMAR TEODORO PAIS

da imaginação, pois brotam de acontecimentos reais representados e armazenados nos esconderijos da memória social de todo um povo. Assim sendo, os textos carregam consigo significados referentes às lições de vida – modos de proceder e de ser no mundo, – do ponto de vista individual e coletivo, fundados em condutas que regem a existência humana, como modelos de formação sócio-culturais.

A fábula mostra explicitamente o que outras narrações revelam de forma implícita e apresenta diversas intenções: mostrar, censurar, recomendar, exortar, aconselhar. Sua forma maleável permite a incorporação de novos textos ajustados à visão de mundo de diferentes épocas. Conceituada como uma breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizadora e didática, independente de qualquer ligação com o sobrenatural, assim a define Manuel Azeleza:

Nela, as personagens apresentam situações do dia-a-dia, de onde podem ser extraídos paradigmas de comportamento social, com base no bom-senso popular. Seres irracionais e às vezes, até mesmo coisas e objetos, contracenam entre si, ou com pessoas, ou com deuses mitológicos. Tais cenas simbolizam situações, comportamentos, interesses, paixões e sentimentos, humanos ou não, que nem sempre podem ser focalizados explicitamente. (Azeleza, 2003, p. XXX).

Segundo Howard Bloch (2003), as fábulas da Babilônia foram usadas, na primeira metade do segundo milênio antes de Cristo, como parte de antigo currículo escolar para ensinar aos sumérios a linguagem oriunda do contexto vernacular semítico. No final do século IV a.C., a primeira coleção das fábulas de Esopo foi publicada por Demétrio de Falerum como um livro destinado a escritores e ao povo. Fragmentos de papiro e tábuas de cera apontam a coleção de Babrius como um livro escolar nos séculos 3 e 4 d.C. Fedro insiste na função corretiva da fábula. Quintiliano associa a doutrinação oral de fábulas como o primeiro passo da aprendizagem, um pré-requisito para um aluno estudar a retórica. Diversas histórias são usadas na Idade Média como um elemento básico na educação de crianças e com o propósito de ensinar retórica e tradução aos jovens. Iniciando no período patrístico, a fábula passa a ser usada na pregação religiosa.

As fábulas de Marie de France refletem princípios cuja importância para a formação do caráter moral não deve ser superestimada; ao mesmo tempo em que ouve o conto dos animais, o jovem nobre medieval aprende latim e retórica, além de digerir a política e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

as regras da responsabilidade social. A escritora tem um papel significativo e original na recuperação da cultura e no forjar de um novo sentido de identidade no passado feudal. Suas fábulas mostram a utilização consciente da linguagem ligada à dinâmica da comunicação, fator importante na constituição de uma nova comunidade inglesa, em processo de transformação. Expressam a ansiedade deste momento, associada à ascensão de uma burocracia administrativa e da racionalização do Estado.

A escritora vive na corte inglesa de Henrique II, da casa dos Plantagenet, bisneto do poderoso William, o normando Conquistador. Famoso entre os grandes do seu tempo, este rei é senhor de um vasto território, obtido antes mesmo da coroação, por herança ou casamento com a também famosa Éleonor de Aquitaine. No século XI-I, Londres já é a principal cidade da Inglaterra, tão rica e populosa quanto Paris; desfruta, assim como seus habitantes, de grande prestígio, retendo mesmo a supremacia sobre as demais cidades inglesas. Henrique II, amante da cultura e do saber, tem seu reinado considerado o ápice de um processo de valorização da cultura, iniciado com a chegada dos normandos à ilha. Paraíso dos eruditos, tomados de prazer e de orgulho pela sua arte, os cronistas encontram no patrocínio – real ou da nobreza – um incentivo adicional para a realização de seu ofício. "Reis e nobres [...] gostavam de ter homens literatos à sua volta e de ter livros dedicados a eles", comenta ainda Howard Bloch (2003).

O surgimento de um novo tema na literatura – o amor cortês – faz de Éleonor uma entre as grandes damas que incentivam esta nova voga literária. Oriundo da Provença, o amor cortês inspira trovadores do sul da França e se difunde em cortes tanto feudais como reais. Contrapartida laica do culto à Virgem, o amor cortês é uma criação da nobreza, a cujas mulheres se destina. É um amor feudalizado, no qual a dama ocupa uma posição de superioridade em relação ao amante, que a serve como um vassalo serve a seu suserano. Por outro lado, o amor cortês, neste momento de sedimentação de novas relações feudais, regula o comportamento da nobreza da corte, as relações entre os cavaleiros celibatários e as damas, pois, como observa Georges Duby (2006, p. 104),

A literatura de corte (...) foi (...) o instrumento de uma pedagogia acertada. Ela teve a função de promulgar um código de comportamento

A CIDMAR TEODORO PAIS

cujas prescrições visavam limitar na aristocracia militar os estragos de um descaramento sexual irreprimível.

À Marie de France são atribuídas três obras, compostas entre 1160 e 1178: *Fables*, é uma compilação de fábulas influenciadas pelos escritores clássicos, com a forma de um *Ysopet*, gênero bastante popular na época. O *Espurgatoire Seint Patrice* é uma tradução direta do latim, do *Tractatus de Purgatório Sancti Patricci*, do monge cisterciense Henrique de Saltrey. E os *Lais*, são pequenas narrativas de cunho maravilhoso celta, a matéria da Bretanha. O ambiente nobre no qual vive nos é revelado através das dedicatórias de suas obras. Os "*Lais*", produzidos em torno de 1170, são escritos em honra de "*nobles reis*". O "*Ysopet*", escrito por volta de 1180, é dedicado a um conde (ou talvez um rei) chamado William. O "*Espurgatoire Seint Patrice*", composto depois de 1190, não possui dedicatória.

Marie escreve no idioma falado na Inglaterra, o franco-normando, atualmente conhecido pelo nome de anglo-normando. O latim é a língua da Igreja, ao passo que o inglês é utilizado pelo povo. A produção literária, no que concerne ao padrão linguístico usado, obedece também a uma diferenciação. Enquanto as obras escritas em latim são destinadas ao saber erudito, pois essa é a língua da erudição e da instrução, a literatura escrita em anglo-normando pretende ser compreensível a um público não letrado ou não versado em latim, isto é, aos leigos. Marie utiliza, portanto, o idioma da corte, em língua *romance* ou românico – nome dado, na própria Idade Média, a todas as línguas neolatinas, segundo ela mesma nos informa no epílogo do "*Ysopet*": *Al finement de cest escrit, / qu' em romanz ai treité et dit, – “Ao final deste escrito / que em romance tratei e expressei”*. Desse modo, o idioma anglo-normando – língua vulgar – possui um significado social. Pertencendo à corte, as obras escritas nessa língua destinam-se ao público da corte, isto é, à nobreza. A intensa produção literária na corte inglesa é feita tanto em latim como em língua vulgar.

No geral, os escritores do século XII elaboram com grande liberdade o material ficcional, sendo sempre muito difícil distinguir as contribuições dos autores. Percebemos que nos *Lais*, os núcleos primitivos dos contos foram transformados, recebendo um tratamento cortês, segundo as necessidades da cavalaria. Importa também ressaltar as singularidades implicadas pela autoria feminina, numa época

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cujas maioria das obras produzidas omite o discurso da mulher. De qualquer maneira, nos *Ysopets*, podemos notar que Marie possui uma bagagem cultural interessante para os padrões da época.

Quase nada se sabe sobre a escritora francesa. Parece ter vivido na Inglaterra, antes de se casar e morar na França, ou vice-versa. De qualquer maneira, os dois países assumem sua pertença literária. Quanto a Marie, ela se apresenta “Marie ai num, si sui de France”, o que significa dizer que meu nome é Maria e eu sou da França. Identificar sua linguagem tem sido uma tarefa desafiadora, uma vez que os manuscritos sobrevivem em diversos dialetos, tanto na Inglaterra quanto no Continente. Nenhum poeta do seu tempo é mais consciente, ou criticamente consciente dos efeitos da linguagem sobre o sentido. Embora ela não tenha escolhido ficar literalmente anônima, pois nos oferece seu nome em diversos *Lais* e nos *Ysopets*, nada mais sabemos dela. A própria escritora estabelece os limites de sua obscuridade, calibra a lacuna sobre o que deixa conhecer e negocia o grau de seu anonimato. Escreve numa época em que a linguagem escrita pode somente oferecer expressões simples.

Seus textos são sem artifício, significam o que são, singularmente, destituídos de imagens rebuscadas ou símbolos. “Ela não busca surpreender ou assombrar; seu estilo é o da brevidade, da economia, da litote – a figura do apagamento e da modéstia” (Bloch, 2003, p. 34). No entanto, as fábulas, mostram que a autora está socialmente engajada. Os atos da linguagem tornam-se, sob a máscara de contos de animais, um meio pelo qual o indivíduo pode controlar a sua posição na cultura para poder sobreviver neste mundo de desigualdades sociais e culturais.

No período anterior à conquista normanda, há um personalizado sistema de condados poderosos, alicerçados entre si pelo sistema de vassalagem. A partir do século XI, com a nova ordem, o estado se apresenta administrativamente eficiente. Nesta situação, o indivíduo pode se distinguir de acordo com seus atos e méritos, e não com o nascimento, com a origem nobre. Esta mudança, associada à ascensão desta burocracia administrativa estatal, origina uma mobilidade social cada vez maior. Marie articula estes pressupostos. Na fábula “O cordeiro e o bode”, o cordeiro é educado por um bode; insatado a retornar para seus pais naturais, o animalzinho clama que o

A CIDMAR TEODORO PAIS

bode é mais sua mãe do que qualquer criatura de sua própria condição. Diz ele:

Meu raciocínio, eu penso, está correto
Minha mãe é esta que me alimentou
Pois é melhor do que aquela
Que me carregou e me abandonou (F.32)

Representando uma noção desestabilizadora da espécie, como também urgência de mudar de habitat, ou de atributos corporais, a fábula metaforiza o indivíduo que ascende ou cai de sua classe social: mostra um potencial uma mobilidade social cada vez maior, “fato que é, historicamente, parte integral da consolidação da monarquia angevina e da aliança das comunas Anglo-normandas com a Coroa” (Bloch, 2003, p. 318). O subtexto definidor da fábula diz respeito ao papel do animal / homem entre dois espaços – o campo e a cidade. São textos alegóricos sobre a domesticação do homem, dentro da violência no mundo feudal em que a lei do mais forte prevalece.

A referência aos caracteres simbólicos e à alegoria, feita por Bloch (2003), nos conduz às controvertidas considerações sobre a alegoria, sempre comparada ao *símbolo*. Alguns autores estabelecem uma relação de diferença entre ambos, como Otto Maria Carpeaux, para quem “O símbolo é a expressão artística do que é inefável; a alegoria é a representação do que é compreensível. (1984, p. 276), ou então Jean Chevalier, segundo o qual “a alegoria [...] é a figuração, em um mesmo nível de consciência, daquilo que já pode ser bem conhecido de uma outra maneira”. O símbolo anuncia um outro plano de consciência, não o da evidência racional” (2006, p. XVI).

Umberto Eco, no entanto, considera existir uma semelhança entre alegoria e símbolo, uma vez que “a distinção é muito recente: até o século XVIII esses dois termos são considerados praticamente sinônimos, como o foram para a tradição medieval”. (1989: 76). O mesmo autor nos apresenta, ainda, uma definição de alegoria, a qual “não é senão uma cadeia de metáforas codificadas e extraídas uma da outra” (*Ibidem*, p. 74). Sendo uma metáfora, a alegoria representa uma coisa através da aparência da outra, ou seja, os objetos e personagens de uma narrativa são comparados a situações fora da narrativa. Ao estabelecer uma consonância afetiva e intelectual com o objeto do conhecimento, a comparação permite que o processo desse conhecimento seja desencadeado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na alegoria, os personagens, acontecimentos e cenários podem ser tanto históricos como fictícios ou fabulosos. E seu significado pode ser religioso, moral, político, individual ou satírico. A fábula pertence a um tipo de narrativa alegórica que tem uma lição moral como conclusão (Aveleza, 2003). Ela é composta de duas partes: o enredo e a moral. O enredo é formado pelos personagens que, em forma de alegoria, emprestam à narrativa um aspecto lúdico. Esses personagens são, geralmente, animais, cuja relação com os homens é sublinhada por Jean-Paul Clébert em sua obra "Bestiaire fabuleux":

Seja por intermédio de figuras, de máscaras, (...), de totens, de metamorfoses lendárias, o homem sempre recorreu ao animal para se exprimir, para [se] comunicar tanto com os outros como consigo mesmo. (Clébert, 1971, p. 10)

Elementos de comunicação entre os homens, os animais também têm sido utilizados como metáfora dos atributos humanos, pois, como afirma Eliphaz Lévi (*Apud* Clébert, 1971, p. 10), "Os animais são os símbolos vivos dos instintos e das paixões dos homens."

O subtexto definidor da fábula diz respeito à institucionalização da violência no mundo feudal no qual, como no reino dos animais, a lei do mais forte prevalece. E isto tudo precisa acontecer no novo espaço civil da cidade e da corte. Os animais de Marie estão limitados pelas características físicas do corpo: o grou não pode escapar do instrumento de sua vergonha (F. 81); o voo do besouro é prejudicado pelo tamanho de suas asas (F.75); o pavão nunca cantará (F.31); o cuco nunca terá uma voz adequada para poder comandar (F.46); a lebre nunca conseguirá adaptar os chifres em sua cabeça (F. 97); um rato nunca nadará (F.3). A ovelha é fraca e a raposa é esperta como a cobra. Os animais das fábulas estão também limitados pela relação de tendências comportamentais de acordo com a ecologia de suas origens. O mesmo animal, ou a mesma natureza é adaptável a mais de um ambiente ecológico. Na verdade, a possibilidade do mesmo animal estar adequado a múltiplos ambientes não somente desestabiliza a noção da natureza, como também equivale a naturalizar a importância do ambiente.

A ênfase na correta leitura das palavras e seu uso socialmente adaptável são parte e parcela de uma grande percepção do poder mediador da linguagem – algo oposto à imediatez do conflito violento – importantíssimo na redefinição das relações humanas que ocorrem

A CIDMAR TEODORO PAIS

dentro do espaço da cidade e da corte. As histórias de animais, apesar de seu vocabulário feudal, são progressivas e operam contra os interesses da aristocracia guerreira, cujas ações épicas falam mais alto do que as palavras, e quando o fraco, cuja arma é a fala, não tem chance contra os poderosos. De fato, podemos evidenciar um elo entre a forma fabular e o princípio de astúcia que torna capaz o triunfo dos pequenos sobre os poderosos.

A fábula mostra sempre um descompasso existente entre o discurso e as ações. Revela um mecanismo discursivo de que se valem as pessoas para mascarar seus propósitos, para encobrir suas intenções. A fábula de 'Raposa e a pomba' (F.61) trata da instituição da paz real, proferida pela monarquia aliada ao papado na época da primeira cruzada, mas imposta na França e na Inglaterra, na época da primeira proibição real ao julgamento por combate. A raposa tenta induzir a pomba a descer de seu galho, dizendo que um decreto real prescreve o fim das guerras; mas foge no momento em que chegam os caçadores do rei. "É que os cachorros não devem ter ouvido a proclamação real", explica a astuta criatura. Literalmente, o texto metaforiza a situação entre o rei e os nobres: alguns resistem ao poder real de legitimar as guerras privadas, como aconteciam no antigo regime, e não aceitam a extensão atual do poder monárquico. As fábulas de Marie de France estão situadas dentro do contexto do movimento de paz do século XII e XIII. Bloch afiança que,

Apesar do ethos predatório do mundo animal, e da corrupção e ineficiência da corte animal, as histórias mostram procedimentos linguísticos como o debate, a argumentação, uma versão embrionária da disputa da escolástica. (Bloch, 2003, p. 185).

Sob a ótica dos eruditos, o rei ideal deve fazer reinar a paz através da justiça e, para tanto, deve praticar as três virtudes divinas: força, bondade e sabedoria. Sua força – ou poder – permitirá impor sua justiça a todos, ao passo que sua bondade – ou misericórdia tornará possível adequar a justiça às misérias e às fraquezas humanas. Quanto à sabedoria, é considerada a maior de todas as virtudes reais. Por fim, como decorrência da "Renascença do Século XII", a cultura passa também a constituir um dos atributos exigidos de um soberano. Tal exigência pode ser exemplificada numa frase cunhada nesse mesmo século, incluída em todos os "Espelhos dos Príncipes": *rex illiteratus quasi asinus coronatus*, ou seja "um rei sem cultura é um

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

asno coroado", conforme elucidada Le Goff (2007, p. 22). Tal frase revela, ainda, que seu autor bem conhece a importância da metáfora *homem-animal* como forma de transmitir ensinamentos.

Marie de France nos apresenta um perfil da nobreza que, através de certas características de seu comportamento, revela que senhores e vassalos não vivem em concórdia. Na fábula "O lobo e a cegonha", o lobo, engasgado com um osso, prometera uma boa recompensa à cegonha, caso ela, com seu longo pescoço, conseguisse tirar o osso de sua garganta. Ao fazê-lo, a cegonha pede ao lobo que cumpra sua promessa. Este, "com muita falsidade", sem negar seu juramento, alega, no entanto, que ela já está mais do que compensada, uma vez que ele poderia tê-la estrangulado, pois sua carne muito lhe apetece. A analogia entre a ingratidão do lobo e a do senhor é estabelecida por Marie na moral, ao alertar que:

...o mesmo ocorre com o senhor perverso:
se um pobre homem lhe honra
e logo solicita recompensa,
nunca conseguira mais que desgostos;
pelo fato de estar sob seu poder,
ainda por cima há de dar graças de estar vivo. (F. 21)

Igualmente ingrato é o lenhador da fábula "O lenhador e o machado" que, precisando fazer um cabo para seu machado, se serve do tronco e da raiz de um espinheiro negro, "muito difíceis de se romper". Porém, quando o machado fica pronto, ele corta o espinheiro em pedaços, retribuindo, com "má recompensa", o bem que dele recebera. Na moral, Marie se refere aos maus vassalos, pois, segundo ela,

Acontece o mesmo com a gente má, com os que são cruéis e muito pífidos, quando um homem de bem o enaltece, e por ele se fazem ricos e poderosos, porque, enquanto consigam superá-lo, sempre o humilharão e lhe farão dano; e, ao fim, hão de tratar do pior modo ao que mais os havia levantado. (F. 43)

A ingratidão dos maus servidores também é o tema da fábula "O homem e o boi", na qual os bois se recusam a cumprir sua obrigação para com o vilão, isto é, retirar do estábulo o esterco que nele lançaram. Alegam que o vilão não os recompensa adequadamente pelo serviço, tratando-os "com grande desonra". Na moral da fábula, Marie esclarece que:

A CIDMAR TEODORO PAIS

Assim sucede com o mau servidor, que sempre anda ao senhor lançando em cara os serviços que presta: não considera a honra, o bem e a recompensa de que gozou em sua casa. Das faltas e ações que comete não quer saber nada: mas, quando lança em cara seu trabalho, suas más ações haverá que recordar-lhe. (F. 85)

Os nobres também são ambiciosos, e a eles Marie acena com o castigo de perderem o que possuem, como acontece com a lebre da fábula "A lebre e o cervo". Ao contemplar os chifres do cervo, a lebre "se considera o animal mais desprezível". Pergunta à serpente, uma deusa, porque não havia sido honrada com chifres iguais aos do cervo, ao que a serpente responde por não ser "capaz de governá-los". Diante da insistência da lebre, a serpente concede-lhe os chifres. Mas, como era pequena, ela não consegue se mover com eles. Aos ambiciosos, Marie ensina através desse exemplo, "que os avaros e os cobiçosos tanto cobiçam e elevar-se querem, e empreendem tais coisas por seus excessos, que até sua honra se vê prejudicada." (F. 97).

O mesmo castigo sofre o corvo da fábula "O corvo que encontrou plumas de pavão". Ao andar por um caminho, o corvo encontra plumas de pavão. Olha-se de cima a baixo e, achando-se desprezível, arranca suas penas e se enfeita com as plumas do pavão. Aproxima-se dos pavões que, no entanto, o desprezam, pois não o reconhecem como sendo um deles, o mesmo acontecendo quando retorna ao convívio dos corvos. E, na moral, Marie nos diz que

O mesmo pode ver-se em muitas gentes/ que possuem honras e riquezas: / sempre desejariam alcançar mais do que podem reter; / não chegam a ter o que cobiçam e por sua insensatez perdem o seu. (F.68)

Além da visão dos eruditos, e bem diferente desta, a cavalaria também constrói seu modelo de rei perfeito, o qual, de acordo com Bernard Guenéé, deve ser "... belo, bom, ousado, valente, valoroso, fiel, e proteger os vassalos e o povo através de virtudes cavaleirescas levadas à perfeição. (1981:33). E, talvez pelo fato de ter escrito o "*Ysopet*" a pedido de William, o perfil do rei apresentado por Marie de France deixa transparecer, no que concerne aos atributos necessários a um soberano, alguns aspectos desse ideal cavaleiresco. Na fábula "A águia, o açor e as pombas" (F.62) , por exemplo, a águia "é rei dos pássaros porque é cortês e prudente", indicando uma virtude cavaleiresca, a cortesia.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Também na fábula "O rei dos pássaros" (F.29), Marie afirma que o rei deve ser "valente, virtuoso, prudente e atrevido", bem como possuir grande valor". Mas, nessa mesma fábula, Marie apresenta um atributo valorizado pela erudição: a justiça. Segundo ela, um rei "deve ser justo e na justiça firme e duro".

E o rei justo, capaz de fazer reinar a paz e a concórdia através da sabedoria, é mostrado na fábula "O lobo e a raposa", cuja moral ensina que

Assim deve fazer o bom senhor: não deve sentenciar nem pronunciar-se quando os homens que dele dependem à sua corte se dirigem aborrecidos; não deve pronunciar-se em favor de um, de forma que lhe pese muito ao outro, antes bem orientar segundo seu juízo e conseguir que a ira desapareça. (F.72)

A legitimidade do poder real, um dos elementos essenciais para a aceitação do rei, depende, por sua vez, de um outro elemento primordial – a sagração – cerimônia que confere legitimidade ao poder do soberano. O rei se torna *rei dei gratia*. E, como vigário de Deus ou, ainda, como imagem de Deus, tira da fé cristã de seus súditos a força necessária para governar. O sagrado da realeza é explorado pelos reis normandos sob a forma de terem o poder de curar a escrófula (Le Goff, 2007). A crença nesse poder dos reis ingleses enraíza-se de tal modo, ao longo do século XII, que sobrevive como um atributo da realeza até o reinado de Ana, já no início do século XVIII.

Mesmo tendo um caráter sagrado da realeza, o perfil do rei delineado por Marie de France – inclusive aquele no qual apresenta as virtudes a serem encarnadas pelo soberano ideal – se reveste de um caráter profano, confirmando sua ligação com um meio social laico. Desse modo, a observação feita por Georges Duby a respeito da história do Guilherme, o Marechal, bem pode ser aplicada às fábulas de Marie de France, uma vez que

O biógrafo de Guilherme, cuja visão do mundo é tão profana, jamais fez a menor alusão a esse poder suplementar, sobrenatural, eventualmente milagroso, com que as liturgias da sagração impregnavam a pessoa real, libertando-a da rede feudal e elevando-a a uma posição intermediária entre os homens e Deus (Duby, 2004, p. 122)

A arbitrariedade do rei pode ser comprovada através da fábula "O sol em busca de esposa". O sol, querendo se casar, pede para todas as criaturas pensarem no assunto. Estas vão se consultar com o

A CIDMAR TEODORO PAIS

destino, que lhes pergunta a opinião sobre o pedido. A que mais conhece o assunto responde que, durante o verão, o sol fica tão quente que seca tanto a erva como a terra. E que, se possuir "reforço e companhia a todo seu arbítrio", nada poderá suportá-lo. Então o destino decide não aumentar sua força, deixando-o do jeito que estava, isto é, sem esposa. E, na moral, Marie aconselha:

O mesmo recomendo eu aos muitos que acima deles têm maus senhores: que não devem proporcionar reforços nem acompanhar ao que é mais forte que eles nem com seu bom senso nem seus bens, e sim afastar-se mais ainda de seu poder. Quanto mais forte é pior se porta; sempre espreitando está para fazer dano. (F.6)

A combinação de traição e abuso de poder é exemplificada na fábula "O lobo rei". Um leão, que é "rei", resolve viver em outro país e, reunindo todos os animais, diz-lhes para escolherem novo soberano. Todos lhe pedem para ser outro leão, mas o rei não havia educado nenhum para substituí-lo. Escolhem, então, o lobo, não se atrevendo a propor outro, pois sabem o quanto era "traidor". O lobo jura que não tocará em nenhum animal e que jamais voltará a comer carne enquanto viver. Quando o leão parte, o lobo volta a sentir vontade de comer carne, mas como havia jurado não fazê-lo, começa a pensar num ardil para conseguir o quer, com o consentimento dos animais. Convoca um veado e, ao lhe perguntar a verdade sobre seu hálito, o animal responde que realmente cheira muito mal. Fingindo-se furioso, o lobo manda chamar seus vassallos que, consultados sobre o castigo a ser aplicado àquele que 'ultraja, injuria e desonra a seu senhor', condenam o veado a morte. O lobo então o mata, se apodera da melhor parte e, "para encobrir sua traição", reparte o restante com os outros animais. Depois disso, convoca um outro animal que, com medo de morrer, prefere mentir ao lobo, dizendo que seu hálito é muito perfumado. Mais uma vez o lobo reúne seus barões em assembleia e o animal é condenado à morte por haver mentido. O lobo então, o mata, dessa vez o devorando sozinho. Mas quando tenta usar o mesmo ardil com um macaco, este, de sobreaviso, responde que o hálito do lobo não cheira mal nem é perfumado. Sem poder condená-lo, o lobo se finge de tal modo doente que seus barões acabam consentindo que coma carne outra vez. E assim, todos vão sendo condenados, sem que lobo necessite preservar seu julvamento. A moral da fábula ensina que não se deve:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De modo algum fazer senhor a um homem traidor
nem conferir-lhe honra alguma:
pois não há de guardar mais lealdade ao estranho que ao privado
se comportará com sua gente o mesmo que fez o lobo com seu juramento.
(F.29)

Traidor, esse rei apresentado por Marie de France é um tirano. E, na Idade Média, a tirania de um rei se manifesta de duas formas: “como um usurpador, que se apropria do poder através de meios ilegítimos, ou como um mau príncipe, cujo poder, embora legítimo, é utilizado de maneira arbitrária”, adverte Bernard Guenée (1981, p. 30). Em ambos os casos a tirania exige punição e justifica o direito dos súditos resistirem. O poder do rei é, pois, limitado. Esses limites são estabelecidos pela maioria os teóricos medievais, os quais, embora admitindo que o rei, como *dominus* possua o *dominium* sobre seu reino, consideram que tal domínio lhe conceda o direito de proteção, e não de propriedade. Existem, todavia, outras maneiras de evitar a tirania de um monarca, pois, ainda citando Guenée a respeito dos “Espelhos dos Príncipes”, “o único obstáculo prático à tirania é o horror à tirania que conseguirem lhe inspirar”. (*Ibidem*, p. 133).

Desse modo, Marie de France nos apresenta uma visão dos nobres e do rei, personagens políticos de seu tempo e de seu meio. Mesmo que as fábulas pareçam falar sobre o universo do senhor e do vassalo, com um pesado realce sobre a linhagem e a lealdade, encontramos uma diferente noção da natureza humana nos contos de animais, e desta imagem atenuada da natureza da fera humana, pode ser deduzido um novo modelo social. As fábulas devem ser lidas como um procedimento de conduta, um guia para a nova sociedade que se estabelece no final do feudalismo, um mundo no qual os indivíduos estão separados de suas classes, e no qual as regras de posição e comportamento social estão determinadas por uma economia decididamente mais urbana, baseada no mercado e no dinheiro, e não em elos de homenagem e honra. Apesar de seu ambiente quase todo rural, as histórias apresentam um catálogo virtual de valores e de instituições do reino.

Fascinada pela dinâmica social articulada entre os indivíduos e também pelo comportamento das classes sociais, Marie se mostra profundamente afetada pela transformação legal ocorrida no século XII e XIII. Seu trabalho induz a uma constante percepção da dinâmi-

A CIDMAR TEODORO PAIS

ca das relações de poder entre as classes sociais e entre o homem e a mulher. Devemos ler suas histórias como um estudo a respeito dos engodos que os homens praticam com a linguagem. O mecanismo discursivo é o da sedução, não para esclarecer a verdade, mas para ocultar as contradições inerentes à vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELEZA, Manuel. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex, 2003.

BLOCH, Howard. *The anonymous Marie de France*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985, vol. 1.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CLÉBERT, Jean-Paul. *Bestiaire fabuleux*. Paris. Albin Michel, 1971.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos homens. Do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1991.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

———. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

POOLE, Austin Lane. *From Domesday Book to Magna Carta*. Oxford: Oxford University Press, 1951.

MARIE DE FRANCE. *Lais de Marie de France*. Tradução e introdução de Antonio L. Furtado. Petrópolis: Vozes, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. *Les fables, édition critique*. Notas de Charles Brucke. Paris: Louvain, 1998.

ZINK, Michel. *Littérature Française du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2001.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A TEORIA SEMIÓTICA DA FIGURALIDADE NA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS TURÍSTICOS

Rozuila Neves Lima (UFMA)

O minicurso tem por objetivo mostrar o potencial da Teoria da Figuralidade na comercialização de produtos turísticos (lugares, arquitetura, monumentos etc.). Como resultado de uma pesquisa, demonstraremos como proceder a desconstrução do sentido utilizando a Teoria Semiótica da Figuralidade Visual, de Nícia Ribas D'Ávila, identificando as substâncias e formas da expressão e do conteúdo, respectivamente, nos componentes básicos estruturais e designativos da linguagem arquitetônica, produtores de efeitos de sentido e do sentido articulado inerentes ao objeto semiótico turístico “Rua Portugal”.

São Luís, capital do Maranhão, tem um acervo arquitetônico de aproximadamente três mil e quinhentos imóveis, a maioria civil, com construções do período colonial e imperial, que formam o maior acervo arquitetônico e paisagístico da América Latina. Despontada para o terceiro milênio como uma cidade preparada para os desafios do crescimento, a UNESCO reconheceu a capital maranhense como Patrimônio da Humanidade. Definido como um estilo arquitetônico, não apenas pelo caráter plástico-figurativo, mas, principalmente, pelo plástico-figural, a Rua Portugal, enquanto objeto de valor modal, tem o poder de manipular cidadãos, inicialmente qualificados como estetas, transformando-os em turistas consumidores e em vendedores da comunidade que se servem da beleza arquitetural para vender e comprar os produtos artesanais.

A contribuição da teoria da figuralidade para o setor turístico está na sua função plástica e sócio-econômica. A teoria não só descreve, resalta as características plásticas de produtos turísticos, como valoriza a cultura local, influenciando assim percepções, atitudes e comportamentos do turista. Visualizamos na teoria uma excelente ferramenta para o marketing turístico, para alavancar o turismo, oferecer ao *trade* novos mercados, criar novos destinos e oportunidade de mobilizar cadeia de negócios e geração de emprego.

ESTRUTURA DO MINICURSO

Conceitos Básicos

Designativos da Teoria da Figuralidade/Figuratividade (D'Ávila)

Apresentação da Terminologia proposta pela teoria:

a) figural I nuclear – nebulosa figural colhida de 1a. ou de última instância da apreensão do todo visualizado;

b) figural II classemático (presentificado), o traço-classemata que serve de suporte ao formato e elemento constitutivo da forma. Pode ser estudado sob os dois aspectos (clas-b e clas-c) já mencionados;

c) figurador I do *logos* (representação da imagem);

d) figurador II do *mythos* (re-representação da imagem). Este último é fruto da fertilidade imaginativa que permite interpretar, na imagem percebida, traços e condições pressupostos, por meio da crença ou opinião que provém da fantasia, ou ainda pela faculdade de conceber e de recriar motivada por experiências perceptivas anteriores e riqueza de repertório.

O figural II como 'clas-b', com quantificação e qualificação reduzidas, estaria voltado ao formato do objeto em si (um círculo posto, por exemplo), como se a essência e a aparência do mesmo convergissem a um plano originário único de identificação, em caráter de meta-forma, fusionadas no instante da sua presentificação. Esta representa o "real" posto da apreensão formal, não figurativa, a iconização pura, sem histórias a narrar.

Desse elemento primitivo, colhemos o traço pelo traço, com qualidades e quantidades potencializadas (podendo transformar-se em cilindro, por exemplo), cuja atualização/ realização formal dar-se-á no momento em que o olhar minucioso do receptor, na busca do caráter figurativo, descobre esse figural inserido nos objetos do mundo natural (no todo ou em partes), podendo ser acrescido de classematas básicos ou comuns (clasb ou clasc) responsáveis pela estrutura componencial da forma figurativa.

Esta nada mais é que a dessemantização do objeto sensível que se torna desprovido de todo o valor denominativo por toda a sig-

A CIDMAR TEODORO PAIS

nificação intrínseca, expondo-se como "formas livres" que permitem ao usuário um jogo infinito de combinações numa produtividade plástica inédita.

A essa liberdade de expressão plástica denominamos "figural II classemático básico" (clasb) quando nos deparamos com as formas de base linha, círculo, triângulo (e derivados), portadoras de classemas originadores do traço contínuo, descontínuo, não descontínuo (misturado) e não contínuo (sincopado). Estes fundamentam a aparência dos primitivos figurativos citados.

O esboço já poderá ser considerado uma obra abstrata que, pelo acréscimo de classemas (qualificadores e quantificadores) nos figurais traçados, poderá transformar-se num figurador I, do *logos*, ou seja, num desenho ou pintura figurativa qualquer. Constante e não variável é o figural I nuclear.

O figural II classemático = clasb (básicos) + clas-c (comuns), com dominantes tensivas, é variável, segundo o número e a qualidade dos classemas. Ele pode ser identificado por conter traços isolados ou traços agrupados.

No caso dos agrupados (ex. quadrado, triângulo), esses figurais representariam, pelo acréscimo de traços – os *tracemas* (no figural II, clas-c) – a possibilidade de transformação em figurador I (do *Logos*), ou seja, em imagem qualquer reconhecível no mundo natural, que do nível da figuralidade passa a pertencer ao nível do figurativo, conforme D'Ávila (2003c).

No nível profundo da forma do conteúdo, na teoria de D'Ávila (1999a, 2001b, 2003c, 2004b), os possíveis semas contextuais a ser detectados, são os seguintes:

a– O punctuema é a unidade mínima significativa da construção do traço. A iteratividade dos tracemas (semas classificatórios do traço), comporá a parcialidade do desenho, conduzindo-nos à isotopia (reiteração simples, classemática). As isotopias serão identificadas quando um caráter formal for predominante ou reiterado na totalidade ou parte do desenho, definindo, também, o sema nuclear.

O punctuema, sema classificatório do punctum (ponto) é observado como unidade absoluta detentora e geradora de qualidades e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de quantidades. É concomitantemente punctual (aspectos incoativo e terminativo), de conformidade com caráter fenomenal (aparência espaço-temporalizada) ; e durativo, de conformidade com sua essência ou natureza esférica do "continuum". Gera o tracema, que poderá apresentar-se como retilíneo, curvilíneo, longitudinal, transversal, diagonal, da coloração, da textura etc.

b– Os texturemas (Groupe μ , 1992, p. 197), definidos como semas contextuais da textura, são gerados pela sobreposição de camadas, propiciando a apreensão da profundidade plástica "palpável".

c– Os densiremas, que são os traços cerrados, compactos, carregados, contíguos, sem intervalos entre si, apreendidos a partir dos traços demarcatórios da espacialização de volumes, do peso e do equilíbrio das massas formando a densidade do objeto plástico.

d– Os larguremas, traços largos ou estreitos obtidos a partir da largura, ou seja, a distância visualizada lado a lado de um volume ou de uma superfície plana.

e– Os extensiremas, traços longos ou curtos, extraídos do comprimento. Na Representação, temos o desenho representativo, denominado figurador I, do logos. Logos faz-se referencializar pelo lexema "palavra", que desde 1880 passa a designar o estudo dos significados nas línguas. É por meio da palavra que o destinatário decodifica, da imagem figurativa, sua denominação, seu figurador I. Assim, é estabelecida entre a imagem e a palavra uma relação metafórica.

Esta teoria será visualizada em gráfico – Percurso Gerativo do Sentido na Manifestação Não-Verbal – para melhor assimilação da mesma pelo aluno. A teoria semiótica da Figuratividade Visual, também denominada da *Figuralidade*, é aplicável a linguagens visoplásticas, tendo como objetivo a desconstrução do sentido na linguagem visual.

Apresentação do Material Compositivo Compilado

Figura 1 “Rua Portugal”

Figura 11– Telhado da “Rua Portugal”

Figura 6– “Bagdá Café”

A CIDMAR TEODORO PAIS

**Figura 22 – arco superior da porta de madeira e ferro
com riqueza de detalhes**

Transparência correspondente à figura 22

Figura 27 – azulejo estrutura geométrica

Transparência representativa da figura 27

A Análise Semiótica do Material Compositivo Compilado

Identificação dos Campos Semânticos (As estruturas discursivas –figura e tema)

A identificação dos Campos Semânticos – figura – propiciará ao enunciatário (leitor) formar a imagem idealizada da produção arquitetural da época, num percurso figurativo que conduzirá ao tema “estilo colonial português”.

Num primeiro momento, faremos a descrição do *corpus* do trabalho, iniciando pela decomposição da organização tipológica.

A observação do local, acompanhada pelas fotografias, dispostas numa perspectiva multiplanar com visão frontal para então iniciarmos a desconstrução do /ft/ mostrar-nos-á uma série de oposições. A partir dessas oposições elaboraremos as categorias de base.

A configuração arquitetônica da Rua Portugal é formada por quatro quadras. Traçando um percurso sob a perspectiva do usuário que estabelece a abreviatura (A), como ponto de acesso à Rua Portugal, e (Sd) o ponto de saída para a Praça dos Catraieiros, presencia-mos à direita do observador que predominam os sobrados, e à sua esquerda, os casarões térreos, oferecendo aos destinatários da mensagem visual um agradável “passeio turístico”.

Dessa configuração, teremos como objeto de análise os casarões, as portas, as fachadas e trechos da Rua Portugal, com detalhamento.

Azulejos.

Capitel: arremate de colunas ou pilastra ou balaústre.

Cimalha = cume.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Cofrada = apoio dos arcos.

Capitato: que termina em forma de cabeça.

Pedras de cantaria (Pedra rija, esquadrada para construção colocada à frente de colunas).

Pedra de Lioz (em sacadas).

Pedra calcária, branca e dura, que serve para estatuária.

Gradis de ferro forjado ou fundido (guarda-copos).

Grade ornamental separatória ou de proteção, geralmente de barras verticais paralelas.

Caixilharias (Armação de madeira ou metal que emoldura as almofadas de uma porta, vidraças de uma janela. Moldura).

Portadas (Porta grande, ornamentada)

Colunatas (Série de colunas dispostas simetricamente).

Platibanda (Moldura saliente e chata em contorno de portas, telhados, grade de terraço).

Frontearias (Frontispício, frente, fachada).

Frontão (arremate ornamental em forma triangular ou semicircular em cima de portas e janelas ou da entrada principal de um edifício).

Loggia: galeria ou arcada aberta (Vazamento dos arcos para entrar ar e claridade)

Sobrevergas (de Lioz, Peça de pedra ou de madeira colocada horizontalmente sobre ombreiras de porta ou de janela; padieira).

Frontões triangulares (Remate ornamental, geralmente triangular ou semicircular, em cima de portas e janelas, ou da entrada principal de um edifício).

Telhado (Telhas de cobertura denominadas portuguesas, de barro cozido ao forno).

Cornija (Ornamento saliente que acompanha a parte superior de uma porta, ou que se assenta sobre o friso duma obra arquitetônica).

A CIDMAR TEODORO PAIS

Porta-e-janela (Casa pequena com uma porta e uma janela)

Meia-morada (Casa mediana, com uma porta e duas janelas).

Morada-inteira (Casa intermediária entre mediana e grande, com uma porta no centro e duas janelas de cada lado).

Casarões (Casa grande, de um só pavimento e sem divisões ou mal dividida).

Sobrados (Pavimento superior ao pavimento térreo).

Bossagem (saliência em obras de construção fora do prumo).

Tapetes: ladrilhos dispostos em forma de tapete.

Figural II (denotativo)

Identificaremos as substâncias e formas da expressão e do conteúdo, respectivamente, nos componentes básicos estruturais e designativos da linguagem arquitetônica figural.

Na análise figural determinaremos os formantes, como elementos que descrevem um desenvolvimento figurativo.

Para a captura do espaço-objeto iniciaremos a análise com a identificação do ritmo simétrico ou assimétrico, dos planos, dos espaços, da perspectiva, das projeções sintagmáticas, das isotopias, chegaremos ao plástico-figural, estrutural, por meio dos *classemas* da textura, da densidade, da largura etc., contextualizando o “como” do sentido, sua função, categoria, qualidades etc.

Deter-nos-emos no “Estado de síncope” apresentando 5 funções de síncope nos *síncopemas*, observada da seguinte maneira:

- a) interrupção *do continuum*;
- b) projeção sobre o núcleo paradigmático;
- c) condensação no núcleo paradigmático;
- d) expansão do núcleo paradigmático por apelo isotópico;
- e) reorganização da linearidade do /ft/.

As cinco funções no "estado de síncope" jogam-nos para outra dimensão do discurso. Se, diante de uma configuração arquitetô-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nica, virmos uma construção que não tem similaridade com o todo, então buscamos o todo como referência. É quando o estranhamento interrompe (por desorganização) toda a continuidade rítmica, narrativo-discursiva, modulando-nos (projeção) para uma zona de questionamentos (condensação). O surgimento de uma isotopia advinda da produção textual provocará a expansão (expansão) desse núcleo ocasionando o retorno (reorganização) à totalidade narrativo-discursiva textual. Daí as cinco características que compõem a função de síncope, a saber, desorganização, projeção, condensação, expansão e reorganização.

A partir da desconstrução dos *formemas* em seus elementos componentes, os *tracemas*, (classemas ou semas contextuais), vai sendo realizado o discurso da porta apreendida como “texto imagético”, inicialmente enquanto aparência, para chegar-se, por dessemantização, ao seu figural I nuclear, arcabouço da forma, sua essência.

Em algumas figuras faremos ainda, em primeira instância, a abstração total da cor e da textura. Esses procedimentos facilitarão ao observador melhor apreensão da teoria.

Figurador I “do logos”

Na busca do sentido demonstramos o texto “Rua Portugal” no plano dos figurativos, da representação, como figurador I, “do *logos*”.

Iniciaremos pelo Figurador I “do logos” – Aquilo que a imagem está representando; a história retratada com fidelidade ao figurativo e implicação com o semantismo verbal.

Figurador II “do mythos”

E seguida passaremos ao Figurador II “do *mythos*”, momento em que a representação do objeto é acrescida da subjetividade interpretativa do analista cujos acréscimos fundam-se no seu repertório e na criatividade.

A CIDMAR TEODORO PAIS

OS QUADRADOS SEMIÓTICOS

Finalizaremos com a apreensão do quadrado semiótico para nele chegarmos à essência do texto.

Origem das formas

No quadrado semiótico da "Origem das Formas", formulado por D'Ávila para comprovar suas pesquisas direcionadas à elaboração da Teoria Semiótica da Figuratividade/ figuralidade, são apresentados os semas que agregam a espacialidade e a temporalidade em suas dêixis.

Na parte superior do lado esquerdo do quadrado semiótico está a essência, representada pelo ponto, essência originária das formas, o numenal kantiano; e à direita, a aparência, o fenomenal, que pode ser representado tanto por um *tracema* semicircular, ou por um retilíneo, como pode ser visualizado no parecer contínuo.

Para complementar o quadrado semiótico, na parte inferior à esquerda está a categoria sêmica do não-descontínuo e, à direita, o não contínuo (ou sincopado). Quer dizer, então, que a presença de uma quebra numa reta ou distorção numa curva, interrompendo a continuidade do olhar pretendida pelo receptor, caracteriza uma interrupção de continuidade, passando ao não-contínuo (ou sincopado), ou seja, há uma ausência do real pretendido ou "esperado" quanto à linearidade até então desenvolvida.

Para a autora, em "De la totalité" (Da totalidade) e em "De la partie" (Da parte), teremos a percepção do elemento formal com maior nitidez pela captura do todo emanado do objeto como um inteiro morfológico, a exemplo da circunferência apreendida como um todo, sem nos apercebermos dos minúsculos pontos que a constituíram para poder ser capturada pelo nosso olhar. Na sua essência física, ela é um contínuo pontualizado, porém visualizada como um inteiro. Assim, a retirada de apenas uma unidade discreta das que compõem o todo formal já identificaria a presença do caráter descontínuo, podendo o mesmo ser colhido de semicírculos ou de retas. O que está em jogo no ritmo que elabora o formato da figura é seu caráter aspectual.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O ponto é o paradigma fundamental e primitivo. Ao se expandir engendra o sintagma linha, para então abrir-se em alternativas classificáveis em retas, curvas etc. Essa expansão é exemplificada por D'Ávila (2003c; 2004b).

O quadrado semiótico nos mostra os semas elementares do figurar II, a partir do contraste do todo construído. Ainda num esquema de subordinação, as linhas curvas, retas e intercaladas, são sintagmas em relação à anterioridade do ponto, É nessa relação de interdependência que a composição de portas, paredes, telhados etc., responde às regras originárias da geometria.

Da estética

No quadrado semiótico situam-se, na dêixis positiva, no nível do segredo, os semas contextuais da horizontalidade sobreposta não aglomerada e da horizontalidade superposta aglomerada. Na dêixis negativa, nível da mentira, posicionam-se os semas contextuais da horizontalidade térrea não aglomerada e da horizontalidade sobreposta aglomerada.

O quadrado semiótico comprova que essa construção é quase totalmente simétrica. Quando se vê uma construção que foge do estilo porque ela apresenta elementos que não possuem uma simetria organizada pelo estilo, torna-se então uma sincopa – um estranhamento, algo diferente.

Ao longo da análise é evidenciada simetria rítmica nos telhados das moradias térreas, nos paralelepípedos, nas janelas, nas calçadas, na dimensão dos pontos de luz dos candelabros que estão dispostos na rua, nos semicírculos, nas ferragens, enfim, e uma assimetria na composição de alguns sobrados, na mistura entre portas totalmente portuguesas, retas, e as de arco greco-romano, num mesmo imóvel. Assim sendo, a simetria pela qual esperávamos que primasse a construção em estilo colonial português é de 60%, sobre 40% de assimetria, constatados no imóvel de horizontalidade + verticalidade sobreposta e aglomerada, em posição de /não-parecer/.

A CIDMAR TEODORO PAIS

EXERCÍCIOS PROPOSTOS PARA OS ALUNOS

Análise com aplicação da teoria da Figuralidade visual em imagens-produtos turísticos (arquitetura, lugares, paisagens, monumentos etc.) selecionados pelos alunos.

BIBLIOGRAFIA

D'ÁVILA, Nícia R. *Semiótica Não-Verbal – O ritmo dos espaços na pintura, na escultura e na arquitetura, em Teoria Greimassiana*, – Penápolis: Jornal Interior, 3/12/1995b, p.9.

———. *Semiótica Visual – O ritmo estático, a síncopa e a figuralidade*. In: *Semiótica & Semiologia*. Org. D. Simões. Rio de Janeiro: Dialogarts (UERJ), 1999a, p.101-119.

———. *A Noção de Objeto: Presentificação e Representação*. III° *Selissigno e IV Simpósio de Leitura da UEL-2002 – Discurso e Representação*. Org. L. Limoli – Publicação em CD-ROM. ISSN – 16.796.829 – 2004b

———. *Semiótica Visual – O ritmo estático, a síncopa e a figuralidade*. In: *Semiótica & Semiologia*. Org. D. Simões. Rio de Janeiro: Dialogarts (UERJ), 1999a, p. 101-119.

———. *Semiótica e marketing. A manipulação, através da síncopa, nas linguagens verbal, musical e imagética*. In: *Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CIFEFIL)*. Org. J. Pereira. Rio de Janeiro: Dialogarts (UFRJ). 1999b, p. 468-480.

———. *Diálogos entre Peirce e Greimas*. In: *Entrelinhas entretelasos desafios da leitura*. Org. L. Limoli e V.Aguilera. I SELISSIGNO. Londrina: UEL. 2001b, p.65-78.

———. *Le Rythme Statique, la Syncope et la Figuralité*. In: *Sémiotique du Beau*. Org. Groupe Eidos. Paris I/Paris VIII. Éditeur : l'Harmattan, 2003c, p.141-159.

———. *A Noção de Objeto: Presentificação e Representação*. III *Selissigno e IV Simpósio de Leitura da UEL-2002 – Discurso e Representação*. Org. L. Limoli – Publicação em CD-ROM. ISSN – 16.796.829 – 2004b

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. Comunicação verbal e não-verbal. O Motivo na semiótica tensiva de J.-C. Coquet”. **In:** *Comunicação:Veredas*, nº 3, Ano III. **Org.** S. Flory e L.Bulic. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Editora UNIMAR – 2004c, p. 240-251

A CIDMAR TEODORO PAIS

**ATITUDES EM FRONTEIRA:
O CASO DE TABATINGA E LETÍCIA**

Gabriela Barbosa
gbmjf@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Com o intuito de verificar a hipótese de que, além da variedade linguística, diferenças culturais justificam as maneiras de socialização dos grupos estudados _ as atitudes sobre eles mesmos e os demais, sobre as línguas que utilizam e a manutenção de imaginário binacional na região _ este artigo analisa as atitudes linguísticas de brasileiros e colombianos bilíngues em português e em espanhol, habitantes de uma fronteira particular: a região urbana de Tabatinga, no lado brasileiro, e de Letícia, no lado colombiano.

Tabatinga possui 26.536 habitantes (IBGE, 2000), e Letícia 36.528 habitantes (DANE, 2000). A primeira cidade, fundada em 1766 com a construção de um forte por parte dos militares portugueses para defender seu território amazônico, é considerada um posto militar, embora não existam somente militares na cidade. Estes foram se misturando à população local. Segundo dados do Exército Brasileiro (2004), 934 homens organizados em quatro pelotões são responsáveis pela vigilância fronteiriça de Tabatinga. Ali o governo brasileiro, através dos Ministérios da Cultura, Educação e Turismo, investe em atividades militares e de ajuda civil para evitar o êxodo populacional, incentivando os serviços de educação, saúde e infraestrutura como estratégia de defesa nacional, desenvolvimento e fixação da população. Letícia, capital da província colombiana chamada Amazonas, por sua vez, tem sua fundação em 1867, por peruanos, para ser porto comercial. Tabatinga e Letícia estão às margens do rio denominado Amazonas, no lado colombiano, e Solimões, no lado brasileiro. A avenida da Amizade liga as duas cidades e não há divisão estrita entre elas. Pode-se passar de uma localidade a outra sem passaporte. Existe apenas uma tabuleta indicadora de fronteira, que ninguém percebe mais. Tabatinga e Letícia intercambiam serviços e mão-de-obra e estão relativamente isolados do resto do Brasil e da Colômbia, já que a floresta amazônica as circunda. O contato com

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

outras regiões acontece por transporte aéreo ou fluvial, razão pela qual Tabatinga e Letícia permanecem unidas sócio-economicamente (Barbosa, 2004, p. 10).

Devido a essa necessidade de sobrevivência, as famílias foram se misturando por meio de uniões oficiais e não oficiais e apresentam integrantes das duas nacionalidades. As autoridades afirmam não saber exatamente quantos estrangeiros existem em cada cidade, pois muitos possuem dupla nacionalidade e declaram uma das duas dependendo da situação (na escola, em hospitais, por exemplo). Tal nível de miscigenação deveria fazer com que pensássemos que há uma integração perfeita na região, ou seja, que na família, no trabalho ou nas ruas as diferenças nacionais foram apagadas. Entretanto, isto não ocorre, aumentando o interesse pelo estudo dessa região paradoxal.

Embora brasileiros e colombianos vivam em comunidade aparentemente tranquila, detectam-se diferenças entre eles quando se observam as atitudes e valorações que uma nacionalidade demonstra em relação à outra e aos idiomas que utilizam. Durante as entrevistas ou conversas informais estabelecidas entre o investigador e a população, houve declarações de que, por exemplo, colombianos pensam que o brasileiro é menos trabalhador do que eles e que gosta de viver em festas. O contrário também acontece. Brasileiros declararam que os colombianos são mais rudes ao falar e chegam a ser grosseiros.

Dessa forma, o problema investigativo traduz-se como as diferenças entre grupos de distintas nacionalidades, brasileiros e colombianos. Toma-se a ideia de nação como etnia, na visão de Ribeiro (1975, p. 61-63), ou seja, “um povo que se vê a si mesmo como um ente singular frente aos demais e que aspira à ‘autodeterminação’ de seu destino; desígnio comumente alcançado pelo domínio de um território pertencente a uma entidade política, que é o estado nacional”. As formas de interação linguística e cultural refletem atitudes linguísticas, valorações e estereótipos construídos pelos povos em contato, o que finalmente provoca e demonstra questões de identidade na região.

A seguir, encontram-se detalhes sobre a teoria e a metodologia nas quais está baseado este artigo. Depois, apresentam-se os resultados da pesquisa bem como discussão e conclusões.

A CIDMAR TEODORO PAIS

MATERIAL E MÉTODOS

Fundamentação teórica

O presente trabalho busca na Psicologia Social os conceitos de *atitude* e de *estereótipos* como também o método de análise dos dados, ou seja, a aplicação destes à Escala de Likert, detalhada mais adiante; na Antropologia Linguística, por sua vez, encontra a base da relação língua-cultura-identidade, além dos conceitos de *valores*, *preconceitos* e também de *estereótipos*.

Interessada em como um indivíduo valora outros grupos ou sujeitos, a Psicologia Social, dedica-se ao estudo das *atitudes* e as define, com Montmollin (1985, p. 117), como “sentimentos ou juízos favoráveis ou desfavoráveis sobre pessoas ou grupos sociais”. Também aborda o conceito de *estereótipo* e o considera como a base cognitiva do preconceito, pois vê o primeiro como uma crença sobre as características pessoais que atribuímos aos indivíduos. É possível identificar tais estereótipos através da língua, já que, em geral, aparecem concretizados no uso linguístico dos falantes. É neste ponto que entra a Sociolinguística e, em meio a essa gama de atitudes, concentra-se na atitude linguística. Segundo Lastra (1992, p. 148), a atitude linguística é “qualquer índice afetivo, cognoscitivo ou de comportamento de reações a diferentes variedades da língua ou a seus falantes”. Partindo dessas reações ou posicionamentos linguísticos em uma sociedade, é possível observar se os sujeitos preferem ou não determinado uso ou forma empregada e, conseqüentemente, se identificam com o grupo que a concretiza. Como consequência disso, formam-se uma ou mais comunidades de fala, que, segundo (Moreno, 1998, p. 37) são grupos de indivíduos que conhecem e compartilham ao menos uma variedade linguística, regras de comportamento comunicativo, atitudes e uma mesma valoração das formas linguísticas. Além disso, pode-se também perceber se na comunidade ocorre ou não a diglossia, que Fishman (1979, p. 129) define como “o uso de duas variedades linguísticas, de qualquer tipo, com funções diferentes (depois o autor alarga o conceito para duas línguas distintas)”.

Segundo a Antropologia Linguística, *cultura* é uma “maneira de ser e estar no mundo” (Duranti, 1997, cap. 2). Essa maneira está

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

constituída por valores, crenças, saberes e conhecimentos socialmente adquiridos através do aprendizado humano. Os indivíduos organizam sistemas simbólicos para conhecer e reconhecer essa realidade orgânica e inorgânica, formando assim, uma consciência sobre o mundo, os seres que o habitam, as coisas e sobre eles mesmos. Um desses sistemas é a língua. À medida que tais sistemas são particulares a determinado grupo, pode-se reconhecer um modo particular de viver de tais indivíduos e caracterizá-los como detentores de uma identidade cultural própria. Como Duranti, Gumperz (1981, p. 99), também se dedica à relação língua e cultura, e diz que a estrutura linguística tem um importante efeito sobre o modo como se percebe a realidade. Este autor afirma que a linguagem ajuda a formar as bases dos estereótipos com que justificamos nossos modos de experiência e é, assim, mais que um veículo para expressar ideias, sendo capaz de restringir nosso pensar. Os indivíduos, quando aprendem a língua materna, adquirem também a forma com que seu grupo avalia essa língua e as línguas dos outros. Os estereótipos estão baseados em valores que a comunidade possui, ou seja, para van Dijk (1997, p. 9), que também aborda a relação língua-cultura, estereótipos são “pontos de referência para a avaliação social e cultural”. Segundo este autor, os valores “estão localizados no domínio da memória das crenças sociais” e “compreendem-se como objetos mentais compartilhados de cognição social” (van Dijk, 1997, p. 79). Se a comunidade estudada é bilíngue, também é provável que viva uma experiência bicultural, já que tem contato com duas realidades linguísticas.

Considera-se bilíngue, neste trabalho, aquele que utiliza dois idiomas de forma alternada (Weinreich, 1953, p. 5), sendo que esse uso pode variar em níveis diferentes. O bilíngue, então, poderá dominar as habilidades de produção e compreensão linguísticas ou apenas ser fluente para entender o idioma e não para produzi-lo.

Etapas na coleta de dados

A pesquisa se desenvolve em três visitas à região, a saber, 15 dias em 1998, 20 dias em 1999 e 20 dias em 2000. A primeira visita voltou-se para a *observação participante*, isto é, para a observação da comunidade em atividades comuns à rotina dos habitantes. Em conversas informais na rua, no comércio, nas escolas, anotaram-se

A CIDMAR TEODORO PAIS

declarações do tipo “o brasileiro é festeiro” e “o colombiano é trabalhador”, o que sugere uma divisão política de duas nações no imaginário local.

A segunda visita de campo estabeleceu o primeiro grupo de informantes que forneceu os enunciados avaliativos sobre o português e o espanhol. Não é necessária uma amostra de todos os bilíngues da região, já que somente são utilizados alguns de tais enunciados (6 a 24) conforme Oppenheim (1992, p. 187). Essas proposições são extraídas de entrevistas e questionários (técnicas detalhadas mais adiante).

A terceira visita dedicou-se à apresentação dos enunciados avaliativos à comunidade bilíngue.

Técnicas de coleta de dados

Na segunda visita de campo, para recolher os enunciados avaliativos foram aplicadas técnicas de coleta de dados chamadas diretas (quando o informante tem a consciência sobre o tema abordado). Entre as técnicas deste tipo encontram-se os questionários e as entrevistas.

Questionários

De acordo com Richardson (1999, cap. 12 e 13), o questionário é um dos métodos de captação de informação mais utilizado na investigação social. Ele permite obter um grande número de dados em um curto período; é capaz de abarcar uma ampla área geográfica e apresenta relativa uniformidade nos resultados, pois o vocabulário, a ordem das perguntas e as instruções são iguais para todos os entrevistados. Permitem a tabulação dos dados de maneira mais fácil, principalmente os questionários de perguntas fechadas, onde as opções de respostas aparecem para o indivíduo. Este tipo se usa para conseguir informações objetivas sobre o sujeito, como dados pessoais, cidade de residência e nacionalidade, em modelo de múltipla escolha, por exemplo. Por outro lado, o questionário de perguntas abertas (quando não há múltipla escolha) dá ao sujeito a possibilidade de contestar algo que não está apresentado ou previsto pelo investiga-

dor, fornecendo-lhe informações não preconcebidas sobre a comunidade estudada.

Foram utilizados esses dois tipos de questionários. O questionário em português foi respondido pelos brasileiros e o questionário em espanhol pelos colombianos, já que assim preferiram. Não houve nenhum pedido de troca de instrumento por parte dos informantes.

Entrevistas

Sobre as entrevistas tentou-se conjugar, na mesma ocasião, dois tipos de procedimentos importantes, ou seja, a entrevista não diretiva, mais próxima de uma conversa, e a entrevista guiada, baseada num questionário escrito. Nos dois casos deseja-se obter dados mais profundos sobre a comunidade. Isto significa que o investigador pode captar informações que estão em um nível consciente, subconsciente e inconsciente do informante.

A entrevista não diretiva tem a intenção de descobrir aquilo que o sujeito acredita sobre os aspectos do tema abordado. É um instrumento útil para conhecer as atitudes de uma comunidade sobre determinado tema. Deixa-se que o sujeito fale e não são permitidas muitas intervenções do investigador, entretanto este não deve deixar que o indivíduo se desvie do assunto.

A entrevista guiada é feita com base em um guia preparado com antecedência e, embora não se levem as perguntas feitas, o investigador prevê determinada organização. O guia contém os aspectos do tema que se deseja abordar. As perguntas dependem do investigador, que deve separá-las por tema, mas também se dá liberdade ao entrevistado para responder como desejar. Nos dois tipos de entrevistas deseja-se aprofundar sobre o “estado interno” ou “estado mental” do falante.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Justificativa da amostra

A Psicologia Social indica como se pode extrair a compreensão do fenômeno atitudinal a partir das declarações obtidas em campo. São precisos dois grupos de informantes: o primeiro, bem pequeno, que apenas forneça enunciados atitudinais; o segundo, maior, que reavalie esses enunciados saídos da comunidade.

Na segunda visita de campo, de toda a população urbana de Tabatinga-Letícia (63.054 habitantes: 26.536 de Tabatinga somados aos 36.528 de Letícia), o primeiro grupo de informantes foi constituído por 40 bilíngues, 20 brasileiros e 20 colombianos, sem determinação de classe social, idade ou sexo, já que não se desejava relacionar as atitudes linguísticas com essas variáveis. Confia-se na declaração de nacionalidade dos sujeitos, uma vez que muitos possuem dupla nacionalidade.

Na terceira visita, para o segundo grupo de informantes, não se trabalhou com o universo de todos os bilíngues da região, ou seja, um marco de referência ou base de amostragem (nem mesmo o governo tem posse de dados exatos de quantos estrangeiros vivem em cada cidade). Utilizou-se uma *amostra acidental*, “um subconjunto da população formado pelos elementos que se conseguiu obter” (Richardson, 1999, p. 160). Quatro ajudantes do investigador, também bilíngues, conseguiram informantes em locais diversos como estabelecimentos comerciais, residências, hospitais, postos de saúde, nas ruas. A amostra acidental foi composta de 618 sujeitos bilíngues, metade de brasileiros e metade de colombianos. Dos primeiros 50%, metade era composta por indivíduos brasileiros residentes em Letícia e a outra parte morava em Tabatinga. Assim também se procedeu com os sujeitos colombianos: metade residia em Tabatinga e o restante, em Letícia.

Preparação da escala de medição atitudinal

Nas respostas aos questionários e às entrevistas se encontram os enunciados avaliativos sobre as línguas. Foram listadas todas as proposições que fizessem alguma consideração sobre o português e o espanhol, mas não foram utilizadas todas encontradas na pesquisa, já que, somente algumas cumprem as exigências estruturais e semânti-

cas para serem novamente avaliadas pela comunidade e contabilizadas em escalas de medição de atitudes: os enunciados devem ser claros, incluindo um só conteúdo para a avaliação, evitando-se, assim, a ambiguidade nas interpretações; não devem apresentar verbos em passado ou ser muito extensas; deve-se também evitar o uso de palavras como “todos”, “sempre”, “nenhum”, “nunca”, que levam a uma rápida aceitação ou recusa do enunciado por parte do sujeito (Richardson, 1999, p. 289). Oppenheim (1992, p. 179) afirma que as proposições estão bem construídas quando os indivíduos se sentem emocionalmente envolvidos nas respostas e quando o investigador não percebe muitas dúvidas nem recebe respostas em branco.

Escolhidas entre as proposições as mais adequadas às apreciações dos sujeitos, tanto em português quanto em espanhol, elaborou-se com elas uma escala, conhecida como Escala de Likert, desenvolvida para analisar o grau de orientação de determinado indivíduo a favor ou contra um objeto. Os escores obtidos numa escala deste gênero dão conta das atitudes do grupo para o qual foi construída.

A escala de Likert consiste numa série de afirmações sobre um objeto atitudinal. A metade delas deve ser favorável ao objeto e a outra metade, desfavorável (Rodrigues, 1999, p. 421). Isto evita que o indivíduo esteja somente de acordo ou unicamente contra o enunciado. Cada afirmação é seguida de cinco alternativas: *totalmente de acordo*, *de acordo em parte*, *não estou de acordo*, *discordo em parte* e *discordo totalmente*. Estas opções permitem maior precisão de resultados, pois não reduzem as respostas a dois pólos opostos (favorável X desfavorável). A cada uma das afirmativas se atribuem valores numéricos de 1 a 5, sendo o investigador aquele que decide em que direção vai atribuir os valores mais altos. O escore individual de cada sujeito será a soma dos pontos obtidos com as respostas dadas às proposições da escala. Há que levar em conta que, se um enunciado tem um escore baixo em relação aos outros, ele não deve ser considerado por ser pouco confiável ou poder representar atitudes estranhas à comunidade. O sujeito marca suas respostas, estando “mais” ou “menos” de acordo com cada um deles. No final, calcula-se a pontuação de cada indivíduo sobre sua orientação a favor ou contra cada enunciado. A principal função de uma escala de medição é dividir as pessoas investigadas em grupos relativamente amplos no tocante à determinada atitude (Oppenheim, 1992, p. 187) e prever ati-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tudes e interesses (Richardson, 1999, p. 256). Parte da escala utilizada na pesquisa encontra-se no anexo 2.

Depois de contabilizados os escores de cada indivíduo, o investigador pode demonstrá-los em porcentagens que indicam o número de sujeitos que foram favoráveis ou desfavoráveis ao objeto. Isso facilita a visualização e a interpretação dos resultados. A inclusão dos dados sobre as cidades de Tabatinga e Letícia na tabela de percentuais permite que se relacionem as informações entre idioma e território, vínculo importante para a confirmação da ideia de que uma determinada língua está ligada à ideia de territorialidade e, ainda, à ideia de nação.

As escalas foram aplicadas por quatro auxiliares de pesquisa, também bilíngues, e preenchidas na presença dos mesmos.

RESULTADOS

As atitudes estudadas referem-se basicamente ao sentido de estética de cada idioma; à importância que possuem essas línguas para os sujeitos de cada nacionalidade; à preferência que cada grupo nacional expressa sobre o português e o espanhol e à consciência sobre quem fala melhor.

Observemos os resultados, divididos segundo as nacionalidades. O item 3.1 se refere às atitudes linguísticas de colombianos e o item 3.2 às atitudes linguísticas de brasileiros. Comentários sobre estes resultados aparecem nas notas, no final do trabalho.

Atitudes linguísticas de colombianos (309 indivíduos: 154 de Tabatinga, 155 de Letícia)

Sobre o espanhol os colombianos em Letícia e em Tabatinga disseram ser o mais elegante, mas não sabem se é o mais elegante de todos os que existem.²

² "El español es la lengua más elegante de esta región, pero yo no sé si es la más elegante de todas en el mundo" ("o espanhol é a língua mais elegante desta região, mas não sei se é a mais elegante de todas no mundo").

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para os colombianos em Letícia, seu idioma é o mais importante porque, como disseram 71% deles, é “seu” idioma.³ Em Tabatinga os números confirmam essa ideia, entretanto há um aumento do número de colombianos inseguros (de 16% em Letícia para 32% em Tabatinga) e dos que concordam em parte.

O português não é mais elegante para os colombianos em Letícia. Embora haja colombianos inseguros sobre isto (15%), o espanhol continua sendo o idioma mais elegante. Os números são confirmados pelos colombianos em Tabatinga (80% discordam da afirmativa).

A língua portuguesa não é a mais importante entre os colombianos de Letícia (75%).

Pelas anotações do investigador, vê-se que, embora os colombianos prefiram seu idioma (92%), há um apreço pela língua do Brasil. Para eles, o outro idioma, como é de um país grande e desenvolvido, deve ser importante também.⁴

Sobre o ensino de português aos colombianos, parece que muitos (68%) não pensaram sobre o tema.⁵ Em Tabatinga, 56% dos colombianos estão em desacordo parcial sobre a ideia. Esse enunciado aparece num questionário e foi escrito por um brasileiro em Letícia.

Os colombianos em Letícia estão, em sua maioria (76%), em desacordo parcial quando perguntados se preferem o português ao espanhol. Há exceções, pois se comenta que o português é muito bonito, entretanto o espanhol é o idioma deles.⁶ Em Tabatinga, diminui o número dos que estão parcialmente contra (para 48%) e se justifica esse caminho porque preferem o português para comunicar-se em

³ “*El español es mi idioma*” (“o espanhol é meu idioma”).

⁴ “*El brasileño es una lengua importante, pues Brasil es un país grande y desarrollado*” (“o brasileiro é uma língua importante, pois o Brasil é um país grande e desenvolvido”).

⁵ “*Nunca se nos ha ocurrido esa posibilidad*” (“Essa possibilidade nunca nos passou pela cabeça”).

⁶ “*El español es meu idioma*” (“o espanhol é meu idioma”).

A CIDMAR TEODORO PAIS

Tabatinga. Confirma-se a ideia de que, no imaginário dos sujeitos, cada língua pertence ou está vinculada a um território.

A maioria dos colombianos de Letícia (87%) crê que eles falam melhor do que os brasileiros. Os que estão parcialmente a favor (5%), justificam suas opiniões, pois a linguagem dos brasileiros lhes chama muito a atenção. Em Tabatinga, isto se confirma também pelas notas do investigador, que registram que o sotaque brasileiro é mais agradável do que a pronúncia colombiana por ser diferente desta última.⁷ Mantém-se a diferença entre as duas línguas. Os colombianos admiram o português embora este não seja seu idioma.

Os colombianos rejeitam a ideia de que o português seja seu idioma (91%). Tanto em Letícia quanto em Tabatinga parece não haver dúvidas a esse respeito.

Os colombianos em Letícia acreditam que, se não fosse o fato de dizer tantas grosserias,⁸ estariam totalmente de acordo (58% totalmente + 42% parcialmente) que os colombianos tenham uma linguagem muito bonita. Isso também se confirma em Tabatinga.

Atitudes linguísticas de brasileiros (309 indivíduos: 156 de Tabatinga, 153 de Letícia)

A avaliação estética do espanhol pelos brasileiros retrata que tanto os que estão em Letícia quanto em Tabatinga acreditam que o espanhol não é a língua mais elegante.

Sobre a importância desse idioma, os brasileiros em Letícia (41% totalmente + 25 parcialmente) tampouco concordam que o espanhol seja a língua mais importante. Em Tabatinga as cifras se mantêm.

As atitudes positivas dos brasileiros em relação ao português como língua mais elegante são claras. A maioria em Letícia concorda (58% totalmente + 42% parcialmente). Em Tabatinga isso se

⁷ "El acento de ellos es bonito, pero creo que es por ser diferente" ("o sotaque deles é bonito, mas acho que é porque é diferente").

⁸ "Ellos dicen muchas grosserias" (eles dizem muitas grosserias").

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mantém. Aqueles que estão parcialmente de acordo (60%) afirmam que o português é um idioma elegante, mas não sabem se é o mais elegante do mundo.⁹

Sobre a importância da língua portuguesa em Letícia, tanto em Tabatinga como em Letícia os brasileiros demonstram uma consciência linguística interessante porque relacionam o idioma com outros que não fazem parte da região. A maioria está de acordo com a posição de importância da língua (75% em Letícia e 100% em Tabatinga).

Para os brasileiros em Letícia, 72% creem totalmente que os colombianos devem aprender o português, pois estão cansados de falar espanhol.¹⁰ Em Tabatinga, 50% dos interrogados também acreditam nisso de forma integral. O interessante foi notar que 20% dos sujeitos em Letícia disseram que concordavam somente em parte, pois afirmaram que os brasileiros eram estrangeiros, logo, era sua obrigação falar espanhol, o idioma da Colômbia.¹¹ De qualquer forma, tanto em Letícia (83%) quanto em Tabatinga (85%), a maioria dos brasileiros prefere o português e o sentem como seu idioma.

Os colombianos não falam melhor que os brasileiros. Na opinião da maioria destes últimos (58%), os brasileiros reconhecem a pronúncia colombiana como muito decente. Relacionam-se estes comentários com o significado da palavra decente, que em português, significa respeitável, pelo trato que os brasileiros recebem dos colombianos em Letícia e em Tabatinga.¹² Nas duas cidades, os brasileiros falam melhor do que os colombianos (58% em Letícia e 84% em Tabatinga –item 12).

⁹ "O espanhol é bonito, mas entre todos no mundo não sei".

¹⁰ "Às vezes ficamos cansados de falar só o espanhol"

¹¹ "Se o brasileiro lá é estrangeiro, tem que falar a língua de lá"

¹² "São decentes, respeitáveis"

A CIDMAR TEODORO PAIS

DISCUSSÃO

Quando se observa a realidade linguístico-cultural da área Tabatinga-Letícia, pensa-se nas condições geográficas e sociais de um lugar que tem a diferença como marco importante. Ali convivem grupos de nacionalidades diversas, pessoas que possuem em seu repertório linguístico mais de um idioma. Passar de um país ao outro é fácil, rápido e quase imperceptível, pois a linha de fronteira não se observa com facilidade. A Avenida da Amizade, que liga as duas cidades, estabelece um corredor de livre passagem a brasileiros e colombianos. Isso é necessário, pois, do outro lado da fronteira, há algo de que uns e outros precisam e não encontram em seus países. Sobrevive assim Tabatinga-Letícia, com as diferenças que, no dia-a-dia, não se notam, mas que marcam os imaginários da população.

Uma região tão diversificada ainda poderia reconhecer-se como um lugar de identidade única, neste caso, amazônica. O isolamento geográfico poderia ser responsável pelo esvanecimento de ideias como as de nação, nacionalidade e de território nacional. Entretanto, isso não acontece, pois Tabatinga e Letícia se reconhecem como cidades separadas, cada uma com sua identidade e instrumentos que refletem essa independência como, por exemplo, as línguas que utilizam. Pensar em Tabatinga é pensar no Brasil e lembrar de Letícia é ter a Colômbia em mente. As diferenças entre os dois países se percebem nos sentimentos e valores que os habitantes deixam transparecer sobre o português e o espanhol.

Confirma-se a ideia de que os dois povos possuem consciência de que há duas nacionalidades distintas na região: brasileiros e colombianos. São bilíngues em algum nível, demonstram essa noção e, reconhecem que cada idioma é um símbolo, respectivamente, do Brasil e da Colômbia. Ao preferir um idioma em relação ao outro, apresentando adjetivos que deixam perceber que são mais ou menos favoráveis a cada um deles (ex.: o português é elegante, importante), marcam sua pertinência a uma etnia, a uma nação. Deixam também escapar estereótipos, quando, por exemplo, afirmam que brasileiros ou colombianos falam melhor uns que outros. Esses julgamentos só têm sentido quando baseados em valorações particulares de cada grupo ou cultura. Isto evidencia que existem diferenças e mais de uma forma de ver o mundo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Este trabalho focaliza as atitudes linguísticas na região e as vincula aos sentidos de identidade nacional ali presentes. Entretanto, há outras questões que podem ser levantadas considerando-se temáticas linguísticas como as do bilinguismo, da eleição linguística, da diglossia, e outra, referente ao conceito de comunidade de fala.

O bilinguismo está claramente evidenciado, em algum nível, nos sujeitos que participam dos questionários, entrevistas ou que preencheram as escalas de medição atitudinal. Eles podem compreender o português e o espanhol, embora alguns não sejam fluentes em uma dessas línguas.

Poderíamos perguntar se há ou não diglossia na região, já que, em vários momentos, o português é preferido em relação ao espanhol ou vice-versa, levando a crer que há valores distintos para cada língua. Os valores atribuídos ao português e ao espanhol são diferentes, mas esta atribuição não está vinculada ao papel que cada idioma exerce dentro do Brasil ou da Colômbia. Para que houvesse diglossia seria necessário que os sujeitos preterissem uma ou outra língua em termos de sua funcionalidade no país. Isto até ocorre, dentro de cada país, em algumas escolas de Tabatinga ou Letícia, onde os estrangeiros deixam de usar a língua de suas nações para utilizar a língua da escola. Entretanto, este fato é muito restrito, acontecendo somente em escolas onde há estrangeiros. Por outro lado, a escolha linguística mais geral acontece devido à territorialidade, à geografia, ao país no qual o idioma representa a nação. O português não tem funções que o espanhol não possa cumprir no Brasil ou na Colômbia respectivamente. Estes dados podem ser confirmados pela tabelas em anexo, observando-se a relação entre as opiniões dos sujeitos e seu local de residência.

Pensando ainda em valoração linguística, levanta-se outra questão: a da existência ou não de mais de uma comunidade de fala. É curioso que, por um lado, parece tratar-se de uma só comunidade que domina regras de uso bilíngue muito claras, optando pelo português em Tabatinga e pelo espanhol em Letícia. O valor que se atribui a cada língua é diferente, embora para as duas cidades, no dia-a-dia, português e espanhol tenham o *status* de línguas nacionais. A atribuição de valor é distinta quando se pensa em quem está avaliando a língua. Nesse momento, ocorre a separação do português e do espa-

A CIDMAR TEODORO PAIS

nhol, dos brasileiros e dos colombianos. A diferença não se deve ao status das línguas, mas à relação de identidade que cada grupo mantém com elas (vide, por exemplo, as notas 2 e 5.). Por haver atitudes linguísticas diferentes dentro da região compreende-se que se trata de duas comunidades de fala e não de uma. Quando se levanta a possibilidade de existência de uma comunidade Tabatinga-Letícia, com identidade própria, é pelo seu isolamento geográfico e ajuda sócio-econômica mútua entre as duas localidades. Isto leva a pensar que se trata de um lugar que, diariamente tivesse apagado a ideia das nacionalidades que ali convivem. Na prática isso não ocorre.

Pelos enunciados recolhidos em trabalho de campo foi possível observar as posições do sujeito em relação ao idioma, ou seja, o valor linguístico dessa língua na sociedade estudada. No caso de Tabatinga-Letícia prevalecem duas línguas diferentes e dois grupos nacionais distintos.

CONCLUSÕES

Entende-se que a comunidade estudada é bilíngue, alternando o português e o espanhol segundo o território onde esteja o indivíduo e não devido ao valor que um ou outro idioma apresente na região. Para eles as duas línguas possuem o mesmo status como língua nacional. Não ocorre diglossia, a não ser em momentos extremamente restritos, dentro de cada país, quando, por exemplo, um brasileiro vai estudar em Letícia e sabe que o espanhol é a língua da escola. Não usa, então, o português. Os sujeitos aceitam essa situação, embora defendam seus idiomas.

As atitudes linguísticas indicaram que os estereótipos reafirmam as diferenças entre brasileiros, que defendem o português como seu idioma e colombianos, que também preferem o espanhol e o indicam como língua de seu país. Cada grupo com seu símbolo demarca seu território geográfico e linguístico embora não exista fronteira física estrita. As divisões estão no imaginário da região, que é binacional.

Dois grupos étnico-nacionais em contato, duas comunidades de fala: brasileiros e colombianos. Podem conviver na região de limite político, mas o imaginário de fronteira entre os dois países se

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mantém, separando as pessoas segundo suas nacionalidades. As línguas e seus usos dão conta disso, pois uma vez mais a forma de contato linguístico não supõe uma mistura dos dois idiomas. Ainda utilizando as duas línguas em família ou nas ruas, a comunidade continuou gerando atitudes linguísticas que denotam preferências por uma das duas como símbolo de identidade nacional de cada grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Gabriela de Campos. *Atitudes lingüísticas e identidade na fronteira Brasil-Colômbia*. Dissertação de Mestrado em Linguística. 2004. UFRJ. Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

DANE – *Departamento Administrativo Nacional de Estadística* – Colômbia – Censo de 2000.

DIJK, T. Van. *Ideología. Un enfoque multidisciplinario*. Amsterdam: Universidad de Amsterdam, 1997.

DURANTI, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge: CUP, 1997.

FISHMAN, Joshua. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1979.

GUMPERZ, J. J. y BENNET, A.. *Lenguaje y cultura*. Barcelona: Anagrama, 1981.

<http://www.exercito.gov.br/05Notici/Imprensa/impnot/2004/09set/a/mazonia.htm>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo de 2000.

LASTRA, Yolanda. *Sociolingüística para hispanoamericanos*. México: El Colegio de México, 1992.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. London and Washington: Cassell, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *Los brasileños. Teoría del Brasil*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975.

A CIDMAR TEODORO PAIS

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. *Pesquisa social. Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, A. et al. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. La Haya: Mouton, 1953.

**CHAPEUZINHO VERMELHO
RECONTADO PELO CINEMA**

Ivete Irene dos Santos (Mackenzie)
ipoesia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Um texto escrito é bem mais do que um somatório de letras, palavras ou frases. Na verdade é preciso ter claro que existem também textos não-verbais e produções que fazem uso das várias linguagens, por isso, nos apoiaremos, implicitamente, nas teorias sobre mídias, linguagem icônica, televisiva.

Uma adaptação de um texto literários para um programa televisivo é, em primeira instância, um processo de mudança de suporte físico. Trata-se da passagem de sinais e símbolos gráficos assentados em papel para um conglomerado de imagens e sons captados engendra, no geral, outras mudanças. (Reimão, 2004.b, p. 108)

Independente de ser ficcional ou não, verbal ou não verbal, a produção é composta de discursos. Para Fiorin (1988) o discurso são frases ou conjuntos constituídos por diversas frases que os falantes utilizam para dizer o que pensam e exprimir tanto o seu próprio mundo como o mundo exterior. Mesmo quando se trata de uma ficção há um contexto criado pelo texto há um discurso vinculado a ele. O homem não escapa de suas coerções nem mesmo quando imagina outros mundos. Dessa forma, é a realidade que se toma como parâmetro para análise ou ainda para a construção do texto.

Por isso as diversas versões são frutos de contextos diferentes e, também as leituras, são permeadas pelas diferenças culturais. Assim, até as leituras sofrem transformações, mesmo em livro:

Se os aspectos materiais do livro são conformadores básicos do ato de leitura, devemos também afirmar como condicionante correlato do ato de ler um conjunto múltiplo de fatores extratexto. No século XX, um dos espaços em que se pode observar a atuação desses fatores extratexto que emolduram e condicionam o ato e a disponibilidade para leitura de livros, com grande força, é a representação do livro nos demais meios de comunicação de massa. (Reimão, 2004.b, p. 92)

Levando esses aspectos em consideração, o intento desse trabalho será analisar os mecanismos de produção da comunicação e as

A CIDMAR TEODORO PAIS

produções de sentido, e assim, quais as leituras possíveis, não se restringindo só a textos verbais e livros, mas também a quaisquer produções midiáticas; por isso, como já afirmamos anteriormente, fundamentaremos nossa pesquisa em teorias da comunicação, teorias literárias e teorias sobre cultura. Todavia, não só o conto *Chapeuzinho vermelho*, mas outras obras são tomadas por várias áreas, como veremos no item posterior.

CINEMA: NOVA MANEIRA DE CONTAR

Toda nova produção midiática, de certa forma, recupera estrutura, visualmente e interdiscursivamente suportes midiáticos que o antecederam. Mesmo sendo animação ou filme com os atores, o contato com essa produção pode variar: cinema, vídeo e DVD.

A linguagem do cinema tem como atrativo o visual, tanto que o cinema nasceu mudo e mesmo assim comunicava. Mas o cinema moderno é a combinação das ações das personagens com a verbalização. Algumas falas, textualizações verbais podem ser suprimidas se a imagem narra. No texto verbal, apresentado por um livro, as imagens devem ser sugeridas pelas palavras, mas pode haver ainda a combinação de texto verbal com ilustração, resultando em novos sentidos.

Na produção fílmica, a câmera é o narrador, e pode se mostrar onipresente, revelando ao espectador, informações que as personagens ainda não sabem. Ou pode ainda apresentar-se na perspectiva da personagem, revelando para o espectador apenas os fatos que a personagem vai descobrindo ao longo da obra. A perspectiva da câmera, objetiva ou subjetiva, contribui para a composição da mensagem, assim como os planos, focalizando todo ou parte da cena e das personagens, revelando a ótica do narrador ou das personagens: plano de detalhe, plano geral, plano médio, plano próximo, close. Os movimentos das câmeras também evocam a participação e olhar do espectador modalizando a narrativa. Fazendo uso desses recursos o cinema reconta as narrativas e insere novas perspectivas ao conto.

Os contos clássicos ora são recuperados enquanto estruturas, ora são recuperados explicitamente pela presença de personagens em novos contos, sendo divulgada e recriada em diversas mídias ao lon-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

go dos séculos. Se tínhamos o corpo como o primeiro suporte do que era produzido na imaginação humana, é preciso estender o conceito de mídia, considerando o livro como tal, já que é um suporte artificial para as palavras. Constatamos que outras produções coexistem com os livros e assumem, de certa forma, o papel desempenhado por este, registrando e divulgando a cultura, levando ao seguinte questionamento: para ser literatura, a narrativa deve estar vinculada só à palavra escrita e associada a livro? A mensagem dos contos de fadas perde-se ao ser transmitida em outras mídias?

Não consideramos as mudanças problemas, pois as variações vão propiciar outras discussões, diferentes do texto-base. Podemos ler o mesmo texto e ter leituras contrastantes em diferentes fases da vida e esse efeito é potencializado pela existência de diversas produções. O suporte que revisita a literatura atribui características, mas também recebe as “funções” dela.

Não só teorizamos, mas constamos em nossa prática docente e familiar que as mídias e os suportes coexistem, assim as diversas versões coexistem. O cinema alimenta-se da literatura, várias obras foram adaptadas para o cinema e para a televisão e essa apropriação é tão frequente que suscitou várias obras teóricas.

Outros estudos suscitados correspondem à reflexão sobre o uso de filmes em aulas, sobretudo de obras baseadas em literatura.

No livro *Como Usar o Cinema na Sala de Aula*, de Marcos Napolitano, há uma crítica sobre o uso limitado só ao enredo das narrativas, desprezando os recursos expressivos dessa linguagem:

O problema é que os filmes se realizam em nosso coração e em nossa mente menos como histórias abstratas e mais como verdadeiros mundos imaginários, construídos a partir de linguagens e técnicas que não são meros acessórios comunicativos, e sim a verdadeira estrutura comunicativa e estética de um filme, determinando, muitas vezes, o sentido da história filmada. (Napolitano, 2007, p. 14)

Como já afirmamos anteriormente, cada mídia tem características próprias, mas retomam outras. O objetivo de se trabalhar com adaptações em filme deve ser a intertextualidade, trabalhar, implicitamente, conceitos de literatura e semiótica, expandindo o conceito de leitura. Não consideramos nenhuma mídia (inclui-se o livro) superior a outra, elas são diferentes e devem coexistir. É inadmissível,

A CIDMAR TEODORO PAIS

portanto, havendo a existência de outras formas de contato e divulgação de histórias clássicas, ignorá-las.

ANÁLISE DE “A COMPANHIA DOS LOBOS”

O filme, em uma leitura superficial, pode ser tomado só como uma alusão à narrativa *Chapeuzinho Vermelho*, porém, constata-se que ele é, na verdade, baseado no conto de Ângela Carter. Essa autora recontou vários contos clássicos atribuindo características de contos de terror a eles.

Utilizar esse filme em nosso trabalho permite duas reflexões: primeiro discutir como o conto foi transposto para a tela e como o filme e o conto de Ângela Carter referenciam o conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Já no início do filme verificamos diferenças em relação ao livro. No conto, há uma descrição sobre a natureza dos lobos. No filme, a personagem focalizada é um cachorro, que surge em meio a uma floresta. A câmera segue o animal, que estava na floresta, próximo a um poço. Aparecem nas cenas subsequentes, respectivamente, a imagem de um boneco quebrado sob folhas, a de uma adolescente em direção a uma casa, e a de um carro na estrada.

A adolescente entra no casarão e logo que percebe a chegada do carro volta para receber seus pais. Os pais perguntam onde está a irmã e após seu comentário de que a irmã está dormindo, mandam-na acordá-la.

Enquanto subia a escada, balbuciando “peste”, referindo-se à irmã, é ultrapassada pelo cachorro da cena inicial do filme.





A menina está no quarto deitada a dormir, cercada de bichinhos de pelúcia. A câmera focaliza a janela e logo após aparecem as cenas da irmã que a fora chamar correndo entre as floresta e os animais que apareciam em volta do quarto estão agora no que parece ser um sonho. Os bichinhos adquirem um aspecto aterrorizante, retomando a tônica sugerida nas cenas iniciais, pelo boneco sujo e quebrado entre as folhas.

O cachorro está agora acompanhando uma alcateia que ataca a menina.



A passagem de tempo é dada pela coloração indicando o amanhecer: Cortes de cenas geram o suspense na narrativa: primeiro a imagem da parte superior de uma igreja, tendo como fundo sonoro a balburdia de pessoas em um culto, depois a câmera faz um *travelling* sobre a igreja, corta para o plano geral de um enterro e por fim a câmera focaliza a imagem da garota morta.



Não há só uma transposição de cena, há uma transposição de tempo e de personagens, criando uma ambiguidade. No início do

A CIDMAR TEODORO PAIS

filme, o carro, a casa eram indicio da contemporaneidade (década de 80 quando o filme foi gravado).



pais na hora do enterro

pais nas cenas iniciais

pais,nas cenas iniciais

Os pais parecem ser os mesmos apenas fisicamente e pelo fato de terem duas filhas e uma delas ter sido morta pelo lobo. Agora a narrativa do filme prossegue num vilarejo antigo, sombrio, em meio à floresta. Aqui percebemos uma diferenciação com a ordem e o esquema revelado no livro.

O conto é iniciado com a descrição do lobo e a seguir, a narrativa sobre o casamento de uma moça com um lobisomem (personagem recorrente em vários filmes de terror). Esse fato, no livro, é contado pela avó, que antes já advertira sobre não sair da trilha da floresta e não confiar em homens com sobrancelhas unidas. No filme, esse caso também é inicialmente contado pela avó enquanto as cenas são projetadas. E depois a história prossegue só que sem a narração da avó.

Na sequência há flashes da menina sonhando, rompendo a sequência lógica interna do filme, pois há transição entre as estórias, lembrando o espectador que tudo pode ser um sonho, que as estórias contadas, interdependentes, se dão num plano onírico.

A mãe da personagem “Chapeuzinho” aparece nesse filme, mas é a avó que desempenha um papel importante na vida da menina. E esta convivência com a avó é criticada pela mãe em determinados trechos... “sua avó a faz sentir especial, e esse xale vermelho”, “Você dá ouvido as histórias que a avó conta”. A menina se mostra instigada e pouco amedrontada pelas histórias que a avó conta.

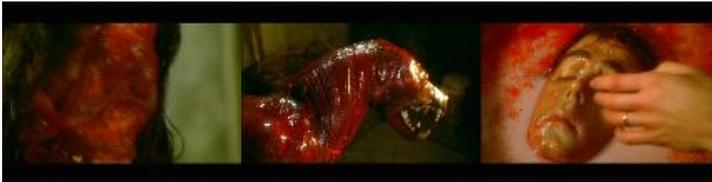
Seu pai mata um lobo e retira a pata como troféu, percebendo a seguir que ela se transforma em uma mão humana. Rosaline relembra as histórias da avó e sem mostrar medo, questiona se vão enterrar ou queimar o membro.



Mão capturada pelo pai de Rosaline

No livro essa cena não é protagonizada pelo pai de Rosaline, é o narrador que conta o fato, assim como as outras histórias que se encaixam. No filme essas narrativas paralelas são atribuídas às personagens da trama ou ainda são narradas pela avó ou por Rosaline que torna-se uma contadora de histórias também.

Além dessa situação citada no livro, há a narração de outro caso retratando a maldição dos lobos: a noiva que perdeu seu marido na noite de núpcias, pois esse saiu para urinar e não voltou. A noite era de lua cheia e ao olhar a lua, ouvir o uivo dos outros lobos, “sentiu a natureza chamar”. O noivo retornou anos depois quando sua esposa já estava casada. Nervoso por saber que ela se casara com outro e tivera filhos, o ex-marido se transforma em lobo para atacá-la, mas o marido atual chega e o mata, e com ele já morto, observam a metamorfose em humano novamente.



Uma outra narrativa, contada pela Rosaline a sua mãe, é a história da mulher que abandonada pelo amado, vai ao casamento dele e transforma todos em lobo. No conto essa mulher abandonada é adjetivada como bruxa e não há tantos detalhes sobre a metamorfose dos convidados em lobos. No filme, Rosaline começa a contar a história e a seguir as ações se desenrolam, ou seja, a imagem transpõe o verbal da narrativa, havendo no filme mais detalhamento e desenvolvimento do que havia no conto.

A CIDMAR TEODORO PAIS



Deixando clara sua afinidade com avó, Rosaline diz a sua mãe que quer visitá-la. Se no conto o narrador antecipa sobre os perigos, enunciando que se o pai estivesse em casa poderia impedi-la, no filme na fala da mãe e na imagem discursiva construída tem-se uma menina destemida. Sua mãe a instrui a não sair das trilhas, a menina responde afirmando que o lobo já está morto e por isso não há perigo. Ela leva uma faca e segue sozinha rumo à floresta. Um rapazote que a corteja se oferecesse para acompanhá-la e ela rejeita, pois no dia anterior, ele não a protegera do lobo.

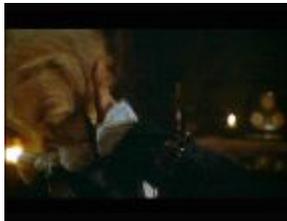
Sozinha, ela segue pela a floresta até que ouve barulhos e encontra um rapaz, acredita que ele é um caçador, não porque ele assim se apresente, mas por ela assim deduzir. A garota hesita um pouco em conversar com ele, questiona o que ele faz lá sozinho, fica aliviada por ele estar vestido, já que sua avó avisara ser perigoso encontrar um homem nu na floresta, pois para o homem transformar-se em lobo deveria despir-se. A nudez aqui adquire conotações simbólicas polissêmicas, aludindo à própria sexualidade, ao estágio anterior da metamorfose ou ainda à revelação da personalidade uma vez que outra reflexão feita pela personagem Rosaline: na verdade o pior lobo é aquele que é peludo por dentro. Embora na fala ela pareça desconfiada e prudente, a troca de olhares, a aproximação dos corpos, demonstra o jogo de sedução e envolvimento dos dois, sobretudo quando é mostrado os dois sentados com ela próxima a ele, comendo uma fruta.



Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O caminhante critica a crença aproveitando-se para persuadi-la, dizendo que uma moça tão inteligente, não devia crer nessas estórias sobre lobos. Ainda com o objetivo de persuadi-la, afirma nunca se perder, pois possui um objeto localizador, estando sempre com ele no bolso da calça. Ainda enfatiza que sempre está com suas calças, ironizando o que ela dissera sobre a metamorfose dos homens em lobos.

Ele mostra como funciona a bússola, Rosaline questiona porque, então, ele está perdido. Novamente com voz e gestos galanteadores, afirma não estar perdido, pois a encontrara. Ele a convence a fazer um piquenique, a induz sair do caminho a deixar comer as coisas da cesta e a fazer uma aposta de como seria mais rápido que ela, combinando que, se perdesse, daria a ela a bússola, mas se ganhasse, teria como prêmio um beijo da garota. Na versão fílmica e no livro percebemos que não há esforço dela para chegar antes. O rapaz imita a voz da netinha e sem que a avó termine de falar, entra. Ela, que está lendo, mal tem tempo de perguntar pela netinha, mal consegue se defender e tem a cabeça cortada.



Cabeça sendo cortada pelo tapa do lobo

No livro há uma riqueza de detalhes, mas as imagens propiciadas pelo livro não são fortes quanto às visuais do filme, que tem o impacto gerado devido aos recursos próprios deste meio: imagens, sons, movimentos de câmera etc.

Ao chegar, Rosaline pergunta onde está a avó, demonstrando perceber o que já ocorrera. Ele diz que ela está pegando lenha. De forma irônica, ela afirma: “um cavalheiro não deixaria uma senhora estar fora.” A menina então olha a lareira e questiona se sobrara aquilo, se a raça dele não comia cabelo.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Identificando-o, começa o questionamento sobre as características das partes do corpo, presente nos diferentes versões, mas que, nessa obra, não ocorre na sequência. Em meio à conversa sobre a condição humana ou animal, entre a defesa e a entrega, ela faz as indagações que caracterizam esse conto, deixando a pergunta crucial, para o fim. O questionamento sobre a boca grande só ocorre quando ela o beija em pagamento à aposta. Mas ela se desvencilha, quando ele vai comê-la, dizendo que ela não é boa para ser comida. Lobos uivam do lado de fora e Rosaline parece se solidarizar com eles, por estarem chorando pelo frio, diz apiedar-se dele também, e lhe dá um tiro. Ele se transforma em lobo. A menina desculpa-se afirmando não saber que um lobo chora. Ela percebe que os outros lobos estão indo embora e conta-lhe uma estória de um lobo abandonado, enquanto o acaricia. A narrativa contada é projetada. Ela assume o papel de contadora de estórias como era sua avó, utilizando a função terapêutica das narrativas, já que conta para acalmar e quando termina, comenta “é só isso que eu posso contar, é só isso que eu sei”, associando o contar ao relato do que sabe e ouviu.

Há um corte de cena, e o que se vê são os familiares procurando Rosalina, Quando se aproximam da casa veem um lobo saindo pela janela. Na cena seguinte, a mãe abre a porta e impede que os homens armados, que a acompanham, atirem. A câmera em zoom revela-nos o que a mãe vê. Como ela, identificamos o crucifixo no lobo, o mesmo que Rosaline ganhara quando a irmã morrera.



Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Esse final difere do conto, não no que se refere ao tema. No conto também há a sugestão da metamorfose da menina em lobo, há a ideia de entrega por opção, já que ela não matara o lobo. Nas cenas seguintes do filme, os lobos correm em direção à casa da cena inicial do filme voltam a casa. Há no filme o aspecto *non sense* onírico, simbolizando como é ler os contos que mexem com os sentimentos e sensações, medo, atração, uma vez que as histórias parecem ser interdependentes, mas misturam as personagens, deixando a ambiguidade.



Nessa versão, há ainda acréscimo de outras personagens não existentes no conto-base e, conseqüentemente, de outras narrativas e temas paralelos, que não abordaremos nesse trabalho. Pode-se numa leitura superficial e maniqueísta, acreditar que essa versão é uma hipótese da sexualidade, pois o tema não é só abordado implicitamente, é explicitado nas falas das personagens, em alguns trechos.

O filme materializa e explicita algumas discussões de Bettelheim sobre a simbologia da sexualidade abordada pelo conto *Chapeuzinho vermelho*. Se nas outras versões, sob perspectivas psicanalíticas ou simbólico-literárias o lobo é uma metáfora do homem, nessa versão, a metamorfose em lobisomem explicita esse simbolismo.

Mas o conto clássico aborda outras questões: a rivalidade entre ela e a mãe, ultrapassar os limite, o rito da floresta, a identificação e também a ruptura com a avó. O foco é a conjunção que há entre a menina e o lobo, o final feliz não existe, na denominação tradicional. Ele não volta a ser humano, ela se transforma na espécie do outro. Tinha a opção de matá-lo, mas não o fez. Esse conto também aborda a questão de identidade, demonstrando que nem sempre a identificação se dá com as personagens maniqueístamente positivas.

As cenas finais focalizam a menina dormindo, enquanto o narrador em *off*, verbaliza a moral da história, desnecessário, se o objetivo da obra for só trabalhar com as sugestões:

A CIDMAR TEODORO PAIS

Garotas pequenas, é preciso dizer, nunca aparem no caminho, nunca confiem num estranho, ninguém sabe como isso pode acabar, além de bela, seja também sábia, os lobos podem usar qualquer disfarce. E agora essa é a mais pura verdade: a língua mais doce é a que tem os dentes mais afiados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos o avanço da tecnologia e da Mídia: a narrativa era oralizada e por muitos autores estudiosos, considerada a primeira Mídia, já que o texto se formaria inicialmente no pensamento, cognitivamente e seria expressado usando o aparelho fonador e ainda o corpo, gestos e hoje é contada por outros suportes. O livro, então, é um registro do que nasceu na oralidade, mas para algumas pessoas mais conservadores, a narrativa em disquinhos (hoje CDs), em teatro, em filmes em jogos eletrônicos é uma “blasfêmia”, não só em relação ao suporte, mas ao próprio enredo.

Adaptados para a TV, cinema e associados a programas de entretenimento infantil com caráter didático intrínseco, despertam os questionamentos para que valores estão incutidos. Cabe, todavia, discordar da afirmação que a presença de contos infantis adaptados tenha como público-alvo a criança, pois sua alusão, citação não está presente só na produção para esse público. Na contemporaneidade, podemos citar, entre vários exemplos, o filme *Eu, Robô* que fez alusão à narrativa “João e Maria”, assim como o filme *A Hora do Pesadelo* e a produção *Branca de Neve e os Sete Peões*, protagonizada pela Hebe Camargo, já explicita a paródia ao conto de fadas, mesmo texto parodiado na propaganda de um antigripal que cura o anão Atchim, mudando o nome deste para Duílio.

Um outro texto que se transformou em mais de um filme para o cinema, é o do *Pinóquio*. Este personagem é abordado em várias produções como: *Pinóquio, o Perverso* (1996), do diretor Kevin S. Tenney, um filme de terror, no qual, como o próprio título já sugere, o personagem é um boneco que pratica atos perversos, sendo figurativizado como a personificação do mal. O filme *Inteligência Artificial* (2001), do diretor Steven Spielberg, também apresenta uma intertextualidade explícita com o texto de Collodi. O personagem principal, o robô David Swinton conhece a narrativa sobre Pinóquio, encontrando, nele, inspiração para tornar-se gente. Essa mesma temáti-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ca, de humanização das máquinas em detrimento da “desumanização humana”, está presente também no filme *O Homem Bicentenário* (1999), do diretor Chris Columbus.

Cabe a nós professores educadores pesquisar como e porque os textos permanecem ao longo do tempo, permeando as várias construções e (re)construções textuais, pois nessa relação simbiótica a mídia, a produção editorial auxilia para a difusão dos contos na mesma relação circular que estes contos são utilizadas por pertencem ao imaginário cultural.

Acreditamos, pelo exposto, que tais produções devem, portanto, ser abordadas estética, artística e criticamente nas aulas. A narrativa continua existindo, o que muda é o suporte, é óbvio que o novo suporte acrescenta um novo sentido. Livros como *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1997), *Uma História Social da Mídia* (Briggs, 2004), esclarecem que as invenções, sobretudo as midiáticas, são extensões e aumento das possibilidades dos sentidos e dos órgãos humanos, então essas novas mídias são uma nova maneira contar. O acesso a essa nova mídia é a maneira de ler, por isso há importância da alfabetização do não-verbal, e por extensão a essa nova mídia. Mas, como já afirmamos, a narrativa ainda é o elemento constituinte desses textos, então o trabalho com a intertextualidade continua sendo imprescindível, principalmente para discutir a permanência de textos clássicos; como a modernidade, ainda se alimenta e muito das raízes do passado.

Como exemplo, podemos retomar o conto *Chapeuzinho Vermelho* tão revisitado em livros, teatro, histórias em quadrinhos e filmes não destinados só a crianças: o filme *Na Companhia de Lobos*, aqui analisado, por exemplo, apresenta intertextualidade com o conto *Chapeuzinho Vermelho*, mas tem como público-alvo o adulto. E reforçando o que afirmamos sobre a importância do trabalho com a narrativa, citamos a esteira o filme *Deu a Louca na Chapeuzinho*, uma paródia que apresentará uma nova versão da narrativa.

No capítulo “A nova ancoragem da tradição”, Thompson (2004, p. 159) alerta que

Uma das mais poderosas heranças do pensamento social de que, com o desenvolvimento das sociedades modernas, a tradição vá gradualmente

A CIDMAR TEODORO PAIS

perdendo importância e finalmente cesse de desempenhar algum papel significativo na vida cotidiana da maioria dos indivíduos.

O que mudou, segundo ele, foi a forma de interação:

Mas estes desenvolvimentos enfraquecem a tradição? Não necessariamente. Pois as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. (*Idem, ibidem*, p. 160)

Reiteramos: os textos tradicionais coexistem, resistem, existem sob novas roupagens.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDET, Jean-Claude, *O que é cinema?* São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

CARTER, Ângela. A companhia dos lobos. **In:** *O quarto do Barba Azul*. São Paulo, Rocco, 2006.

BRIGGS, Asa; BRURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter e BRIGGS. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 2002.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Paulus, 2002.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2002.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.

———. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

JESUALDO, J.S. *A literatura infantil*. Trad. James Amado. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MERTEN, Luiz Carlos, O cinema e a infância. **In:** Zilberman, Regina (org.). *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

NAGAMINI, Eliana. *Literatura, televisão e escola: estratégias para leitura de adaptações*. São Paulo: Cortez, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: 2007

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 2000.

REIMÃO, Sandra. Estudos sobre produção editorial e história dos livros no Brasil: algumas observações. **In:** *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 26, nº 42, p. 83-93, 2º sem. 2004a

REIMÃO, Sandra. *Livros e televisão: correlações*. São Paulo: Ateliê, 2004b

ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo?* São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

———. *Comunicação & pesquisa*. 2ª ed. São Paulo: Hacker, 2002.

SANTOS, Ivete Irene. *Fábula e intertextualidade: figurativizações e tematizações em versões de A Galinha dos Ovos de Ouro*. Dissertação de Mestrado defendida no curso de Pós-graduação em Comunicação e Letras. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FILMOGRAFIA

A companhia dos lobos. EUA: The Company of Wolves, 1984. Direção: Neil Jordan.

A CIDMAR TEODORO PAIS

DESCRIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM CLASSIFICADOS DE IMÓVEIS

Renata G. Palmeira (UERJ)

INTRODUÇÃO

A ideia para o presente trabalho, que está sendo desenvolvido como projeto de Iniciação Científica na área da Linguística Aplicada, surgiu de uma experiência pessoal que será relatada posteriormente, e que apontou a necessidade de se entender o que é dito nos anúncios classificados de imóveis.

A busca, muitas vezes infrutífera, de um imóvel para compra (e não aluguel) mostra a dificuldade encontrada para interpretar o que diz cada anúncio. O não entendimento pode levar à decepção pois o que é descrito mostra-se muito distante e até contrário ao imóvel visto. Normalmente são visitados muitos apartamentos até se atingir certa percepção das diferenças entre o que é dito / descrito no anúncio e o objeto (o imóvel) existente.

A pesquisa linguística teve início tendo como *corpus* os classificados de imóveis para venda de apartamentos de sala e um quarto no bairro de Copacabana.

Nesses classificados podemos observar, na distância entre o imóvel existente e o imóvel descrito através de um texto escrito, quase cifrado, a presença da argumentação por parte do anunciante (o proprietário ou a corretora de imóveis) que pretende convencer os compradores em potencial das vantagens do produto oferecido.

O trabalho será desenvolvido considerando estas duas forças, descrição (Adam, 1993) e argumentação, a primeira operando a serviço da segunda e ambas a serviço dos classificados de imóveis, a serem apresentados aqui como gênero.

RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA

No ano de 2002 comecei minha busca por um apartamento de sala e quarto em Copacabana. Era a primeira vez que procurava so-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

zinha um apartamento para comprar e morar; no passado já havia ajudado meus pais nessa tarefa.

Segui o que imagino ser o procedimento comum a todas as pessoas; comprava jornais (na época privilegiei *O Globo* e o *JB*) e literalmente recortava os anúncios de maior interesse, colava em uma folha de papel e começava a telefonar para os números indicados. A partir do resultado dos telefonemas, isto é, se os imóveis continuassem a ser de meu interesse, marcava uma visita.

Logo as primeiras visitas geraram grande decepção pois, talvez pela inexperiência, o que era “dito” nos anúncios a respeito dos apartamentos não se parecia em nada com o que era visto no local. Ao final foram visitados cerca de cinquenta apartamentos e teriam sido visitados muitos mais caso eu não tivesse começado a “decifrar o código” presente naqueles classificados de “imóveis compra e venda”.

Após esta experiência, sendo possuidora do conhecimento que decifra os “códigos” embutidos nos classificados, pude orientar outras pessoas na busca de seus imóveis para compra. Porém, na época, não imaginava transformar tal experiência em pesquisa linguística; isto só foi acontecer cinco anos mais tarde.

O CORPUS

Durante dois meses foram analisados classificados de “imóveis compra e venda” nos jornais de maior circulação na cidade do Rio de Janeiro, *O Dia*, *Extra*, *JB* e *O Globo*. Nesse período foi constatado que os dias da semana com maior quantidade de anúncios são os dos finais de semana, sendo o domingo o dia mais procurado pelos anunciantes. A partir da escolha dos dias da semana em que seriam coletados os dados para o trabalho, deveríamos decidir quais jornais seriam utilizados. O jornal *O Globo* foi escolhido pois os outros jornais apresentam uma quantidade muito pequena de classificados de imóveis (em torno de 10% do total deste) mesmo nos finais de semana. Os meses de maio e junho de 2007 referem-se ao período de início da coleta de dados e do trabalho, considerando-se que, no que diz respeito ao mercado de imóveis para compra ou venda, qualquer período do ano atenderia às necessidades da nossa pesquisa, exceto o

A CIDMAR TEODORO PAIS

período de pouco movimento, compreendido entre as festas de fim de ano e o Carnaval. Para este trabalho foram selecionados, então, classificados de “imóveis compra e venda” publicados no jornal *O Globo*, nos dias 26 de maio, 02, 03, 09, 10 e 16 de junho de 2007, e elegemos os imóveis de sala e um quarto no bairro de Copacabana simplesmente por terem sido estes que deram origem à ideia deste trabalho (como poderíamos ter escolhido qualquer outro tipo de imóvel).

Ao “recortarmos” estes anúncios da seção de classificados “imóveis compra e venda”, contamos um total de 41 anúncios no dia 26/05, 42 no dia 02/06, 86 no dia 03/06, 33 no dia 09/06, 56 no dia 10/06 e 47 no dia 16/06. A quantidade de anúncios efetivamente utilizada como parte do *corpus* de nosso trabalho será definida posteriormente, lembrando que o trabalho está ainda em andamento. Até o ponto onde nos encontramos nesse trabalho, destacamos quatro itens, desenvolvidos adiante, na seção “análise e discussão de dados”. Com isto, alguns anúncios foram descartados nesta fase, por não apresentarem ocorrências referentes a tais itens, sendo utilizados até agora 35 do total de 41 anúncios no dia 26/05, 32 do total de 42 no dia 02/06, 72 do total de 86 no dia 03/06, 29 do total de 33 no dia 09/06, 44 do total de 56 no dia 10/06 e 38 do total de 47 anúncios no dia 16/06.

DESCREVENDO O GÊNERO “CLASSIFICADOS DE IMÓVEIS”

Pellissier, dans ses *Principes de rhétorique française*, envisage ainsi «l'énumération des parties»: «Ce n'est souvent qu'une définition développée; elle consiste à indiquer les différentes parties d'un tout, à montrer les différentes faces d'un sujet, pour en tirer des arguments favorables à sa cause» (1883, p. 34-35).¹³

Para iniciar nossa descrição do gênero “classificados de imóveis”, especificado aqui como “classificados de imóveis compra e venda”, podemos recorrer à citação acima referente à “enumeração

¹³ Pellissier, em seu *Principios de Retórica Francesa* considera assim “a enumeração das partes”: “Isto não é com frequência apenas uma definição desenvolvida; ela consiste em indicar as diferentes partes de um todo, em mostrar as diferentes faces de um sujeito, para extrair os argumentos favoráveis a sua causa” (tradução da autora). (Deusdará: Rocha)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

das partes”, tomando emprestados alguns de seus termos. Começamos então a definir esse gênero, segundo Pellissier:

- trata-se de algo que “consiste em indicar as diferentes partes de um todo”, pois ao descrever o imóvel a ser vendido, o anunciante indica suas partes, como sala, quarto, banheiro, cozinha etc.;
- consiste ainda “em mostrar as diferentes faces de um sujeito”, quando, além de indicar os cômodos que compõem o apartamento, mostra suas particularidades, apontando detalhes de cada parte;
- como finalidade de tal enumeração, “extrair os argumentos favoráveis a sua causa”, lembrando a presença, neste gênero, da argumentação, que tem como característica convencer o leitor / comprador das vantagens do produto oferecido.

Enumerar o conteúdo do imóvel é o primeiro passo no seu processo descritivo; contudo a enumeração não é rígida por nenhuma ordem.

No gênero classificados de imóveis não há uma ordem necessária a ser seguida nem tampouco a obrigatoriedade de conter todos os itens que descrevem o imóvel, principalmente por ser um gênero marcado pela argumentação, com poder de convencimento, que dá liberdade de opção para incluir na descrição / enumeração “argumentos favoráveis à própria causa”. A ordem não segue, por exemplo, os deslocamentos de uma pessoa quando entra em um imóvel e descreve / enumera tudo o que vê, mas talvez a ordem do que há de mais “urgente” a ser destacado no produto à venda, como preço, localização, vista etc.

À primeira vista, não há uma complexidade na estrutura descritiva dos anúncios; ao contrário, parecem extremamente simples, não só na pouca quantidade de palavras utilizadas como também na ausência de conjunções e até mesmo no uso de abreviações, criando um texto muitas vezes cifrado. Porém, uma análise mais detalhada desta estrutura descritiva pode nos levar a perceber que sua complexidade é tanta que somente após muitas releituras do texto é que se torna possível seu entendimento, encurtando a distância entre o objeto (imóvel) descrito e o objeto real.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A descrição a serviço do gênero “classificados de imóveis compra e venda” em muito difere da descrição presente em narrativas, quando os mesmos imóveis podem ser descritos através do uso de inúmeras referências espaciais que colaboram para a visualização do que é descrito. Neste gênero, entretanto, há uma necessidade de economia de palavras, principalmente pelo fator financeiro pois o valor do anúncio depende do seu tamanho e do número de palavras. Ainda assim cada anúncio deve conter o máximo de informações possíveis sobre o imóvel desde que favoráveis a este.

De acordo com os dados coletados, podemos verificar que há itens a serem considerados na descrição dos imóveis e que, mesmo não estando presentes em alguns anúncios, em geral são comuns à maioria deles. São eles: valor; localização; proximidade do metrô ou da praia; área (em m²); vista (mar ou verde) posição no edifício (frente ou fundos); número de unidades por andar; sala, quarto, cozinha e banheiro; área de serviço; vaga de garagem; orientação (sol da manhã); armários; estado de conservação (bom ou precisando de obra); tipo de edifício (residencial ou misto ou familiar); situação da documentação; forma de pagamento (à vista, carta de crédito, outro imóvel como parte).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS (OU COMO A DESCRIÇÃO SE APRESENTA NO *CORPUS*)

Os anúncios foram analisados e podemos notar diferenças entre eles em relação aos itens citados na seção anterior, pois alguns itens, quando não estão presentes no imóvel devem, de alguma forma, estar presentes na sua descrição.

Por exemplo, no item *vaga de garagem*¹⁴, quando o imóvel possui vaga na escritura o anúncio informa: “garagem escriturada ou vaga escritura”, portanto quando se diz: “possibilidade de garagem, garagem garantida no condomínio, garagem condomínio, direito de

¹⁴ Com relação a este item, é importante ressaltar três ocorrências (duas no total de 41 anúncios do dia 26 de maio e uma destas que se repete no dia 2 de junho, no total de 42 anúncios) onde o texto explicita a ausência de vaga de garagem, ou de garagem no prédio, dizendo: “sem garagem”. (Deusdará; Roccha)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uso vaga, vaga condomínio, vaga alugada, garagem garantidíssima, garagem garantida, garagem convenção R\$ 170 / mensal, garagem prédio, vaga aluguel, estacionamento subsolo c/ rampa”, está implícito que o imóvel não possui vaga de garagem na escritura.

Em relação ao item *tamanho de cozinha*, consideramos cozinha grande aquela descrita por “cozinha cabe (cabendo) fogão e geladeira, cozinha grande cabe fogão e geladeira, cozinha ampla, cozinha (super) espaçosa, copa-cozinha”; em oposição à descrição da cozinha pequena onde não cabe a geladeira (ou nem mesmo o fogão) descrita por “cozinha americana¹⁵, cozinha com frigobar / fogão”.

No item *apartamento*, o apartamento de sala e quarto apresenta em sua descrição os termos: “sala quarto separado, quarto / sala separados, sala ampla 1 dormitório, sala 2 amb. quarto, saleta salão quarto, quarto sala original 2 qtos, salona quartão, sala quarto verdadeiro, salão ambientes dormitório amplo”; enquanto o conjugado (um imóvel caracterizado por ter um único cômodo) é descrito por: “saleta / quarto, saleta com armário, saleta / dormitório, saleta dormitório separados, conjugação divido quarto sala, conjugado dividido, sala quarto conjugado”.

No item *presença de área de serviço*, os apartamentos que têm área de serviço dizem: “área de serviço, área, ampla área, dependências completas, boa área de serviço, c/ área, dependência empregada”; enquanto os que não têm área de serviço apresentam na sua descrição: “banheiro cabe máquina, banheiro máquina, banheiro c/ instalação máquina + tanque”.

¹⁵ Notar que o termo “cozinha americana” apresenta aplicações diferenciadas ao se referir a apartamentos de sala e quarto em edifícios residenciais e a apartamentos de sala e quarto em hotéis residência (também chamados de “apart hotéis”, “flats” ou “residenciais com serviços”); nos primeiros, objetos deste trabalho, referem-se a cozinhas pequenas, normalmente compostas de uma bancada com pia e espaço para um fogão, ou algumas vezes somente para um fogareiro sobre a bancada; nos últimos, referem-se normalmente a cozinhas grandes, planejadas com um balcão dividindo-as da sala, no modelo americano, onde cabem fogão e geladeira. (Deusdará; Rocha)

A CIDMAR TEODORO PAIS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (OU CONCLUSÕES PARCIAIS)

Normalmente essa seção, nos trabalhos, representa um fechamento do que foi pensado e pesquisado, entretanto não é o que faremos aqui por estar a pesquisa em andamento e ainda em fase de descobertas.

Propomos, então, algumas considerações a respeito do que foi visto até agora e também algumas pistas que pretendemos seguir em breve, na continuação do trabalho.

Resumindo o que foi visto até agora, podemos dizer que nos classificados:

1. há representação de elementos comuns a todos os imóveis, referentes aos itens a serem considerados na sua descrição (ex. valor, localização, quarto, banheiro, cozinha etc.);
2. a negação é quase sempre proibida (ver nota²¹ referente ao item vaga de garagem), considerando ser o gênero “classificados de imóveis compra e venda” baseado na argumentação, que trabalha a favor do objeto descrito destacando somente os itens que o valorizem;
3. os elementos não presentes no imóvel devem ser citados de alguma forma (ex. vaga de garagem,...).

Unindo o que foi resumido com as nossas pistas a seguir, lembramos que segundo Ducrot não há simetria entre enunciados negativos e afirmativos, pois “a afirmação estaria implícita na negação de um modo muito mais fundamental que a negação na afirmação” (Rocha, 1998); e que negação polêmica é o enunciado negativo que pressupõe a rejeição de uma afirmativa prévia.

Contudo nos classificados de imóveis veem-se enunciados afirmativos baseados em uma negativa implícita quando não se quer dizer, por exemplo, que o imóvel *não* tem vaga de garagem na escritura ou que na cozinha *não* cabem o fogão e a geladeira ou que *não* tem área de serviço ou que *não* tem sala e quarto separados; fazendo uso sempre de afirmações como “possibilidade de garagem, cozinha com frigobar / fogão, saleta / quarto ou banheiro cabe máquina”, que nos levam a perceber a negação que não se deseja explicitar.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *La description*. Paris: PUF, 1993. (Que sais-je).

ROCHA, Décio O. S. Polifonia em enunciados negativos: vozes que habitam o dizer “não”. *DELTA*, vol. 14, nº 1. São Paulo: PUC-SP, 1998.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *O mesmo e o outro do(a) professor(a): a relação entre gênero do discurso e suporte na construção de imagens discursivas do trabalho docente*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xcnlf/10/14.htm>.

A CIDMAR TEODORO PAIS

**ESTUDO GEOLINGUÍSTICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
UMA ABORDAGEM COM SUJEITOS
NA FAIXA ETÁRIA DE 31 A 49 ANOS**

Adriana Cristina Cristianini (USP/UNIBAN)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem utilizada por uma comunidade é, certamente, uma marca primordial de sua identidade, de sua cultura. Além disso, a linguagem assume o papel de principal “produto” da cultura e é, ao mesmo tempo, o principal “instrumento” de sua transmissão.

O projeto coletivo “Estudo Sociogeolinguístico no município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo GPDG/USP – Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo, inscreve-se num conjunto de estudos que têm por objetivo a constituição de bancos de dados lexicais para elaboração de atlas linguísticos, na Universidade de São Paulo. Esses estudos, que tiveram início em 1999, hoje contam com trabalhos sobre o léxico de alguns municípios do estado de São Paulo.

Cabe destacar, dentre os estudos concluídos, a tese de doutorado de Imaguire (2004), *Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais*; a tese de doutorado *Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB* e a monografia de mestrado *Estudos geolinguísticos de aspectos semântico-lexicais do campo semântico ‘alimentação e cozinha’ (questionário do ALiB) no município de Sorocaba*, de Santos (2005 e 2002); a monografia de mestrado de Encarnação (2005), *Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela*; e a tese de doutorado *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*, de Cristianini (2007).

O léxico dos municípios do litoral norte do estado de São Paulo e do município de Iguape/SP são objetos de estudos atualmente desenvolvidos, respectivamente, por Encarnação e Silveira.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como podemos observar que, além de todos se tratarem de estudos geolinguísticos de aspecto semântico lexical, há certa relação entre os locais para onde os olhares foram direcionados. Não coincidentemente, temos estudos sobre os municípios do litoral do Estado, por onde se iniciou a colonização, e da região do Grande ABC, primeira a ser fundada no planalto paulista, fato histórico este que teve um papel relevante na fundação do município de São Paulo – capital do Estado.

Parece-nos coerente que o atual estudo, desta vez coletivo, dê enfoque ao léxico do município de São Paulo e sua diversidade. Nota-se que a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística e, mesmo num município como São Paulo, com uma sociedade de mil faces, temos uma norma linguística característica do local. Para que possamos compreender a constituição dessa norma da comunidade que povoa a cidade, torna-se necessária, antes, que se apresente uma breve explanação sobre a história de São Paulo, desde seus primórdios.

BREVE EXPLANAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Nos primeiros anos após a data oficial do descobrimento do Brasil, os portugueses tinham grande preocupação na defesa das costas litorâneas brasileiras de possíveis invasões, principalmente holandesas e francesas que não compartilharam da divisão formalizada pelo Tratado de Tordesilhas que repartiu a terra “descoberta” entre os portugueses e os espanhóis.

No início do século XVI, as nações que tivessem terras de onde pudessem extrair minerais, principalmente ouro e prata, estavam à frente dos demais países, pois essas eram as moedas correntes na época e indicadores de riqueza.

A presença de tais minérios justifica o interesse pelas terras brasileiras. Devido a vários ataques às colônias portuguesas, a partir de 1530, Portugal resolveu intensificar a colonização das costas brasileiras. Foi nesse contexto que, por ordem de D. João III, rei de Por-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tugal, Martim Afonso de Souza foi enviado para o Brasil com o intuito de fundar vilas, para que o litoral brasileiro fosse fortalecido.

Em 1531, quando Martim Afonso de Souza chegou ao Brasil, ao ancorar no Tumiaru (hoje São Vicente), já encontrou João Ramalho, um português que representava nesse momento uma porta de entrada para o contato com os índios e para a colonização, pois ele vivia entre os índios guaianazes, conhecia algumas tribos e conseguia se comunicar com elas.

Em contrapartida a sua ajuda, João Ramalho solicitou ao então Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, desde o início, que o local em que vivia um aglomerado de portugueses, índios e mameucos, no planalto, situado acima da Serra do Mar, em território da Capitania de São Vicente, próximo à taba do Cacique Tibiriçá, fosse oficialmente transformado em vila.

Sua petição foi negada durante vários anos, pois se pretendia povoar o litoral e não o interior. Entretanto, nesse período, a busca de metais impulsionou as entradas para o interior, a vila foi se desenvolvendo e, finalmente, seu pedido foi atendido pelo Governador Geral Tomé de Souza, quando, a 8 de abril de 1553, foi solenemente levantado o "pelourinho", símbolo dos foros de Vila, que no ato recebeu o nome de Vila de Santo André da Borda do Campo.

Os padres jesuítas, que já possuíam um colégio na Vila de São Vicente, tinham interesse em transferir seu colégio para próximo dessa região, nos campos de Piratininga, pois havia uma grande evasão de pessoas do litoral para o interior. Obtiveram autorização para instalar outro na nova Vila de João Ramalho, vindo a ser instalado o Colégio de São Paulo (dentro dos termos da Vila, isto é, dentro do raio de três léguas da sede), onde foi realizada a primeira missa a 25 de janeiro de 1554.

Em 1560, tendo se formado um bairro em torno do Colégio São Paulo e estando a Vila ameaçada por ataques constantes dos índios Carijós, insuflados pelos franceses instalados na Guanabara, o Padre Manoel de Nóbrega propôs que a Vila de Santo André fosse transferida e, em resposta, o Governador Geral do Brasil, Mem de Sá, ordenou que se mudasse o "pelourinho" para o pátio do Colégio, declarando extinta a Vila de Santo André, originando, assim, a Vila

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de São Paulo de Piratininga nas imediações do Colégio. João Ramalho, então, assumiu o comando das forças de defesa, com o posto de Capitão-Mor. Desta forma, da primeira Vila de João Ramalho, nasceu a Vila de São Paulo que, em 1711, foi elevada à categoria de Cidade.

De São Paulo partiram as "bandeiras", expedições organizadas para procurar minerais preciosos nos sertões distantes, mas a distância do litoral e o isolamento comercial a mantiveram, durante muito tempo, numa condição sem muita importância.

Cerca de três séculos depois de sua fundação, São Paulo não passava de uma calma aldeia colonial, com uma pequena população de no máximo 20 mil pessoas. A imagem que pairava sobre o local, segundo Schwarcz (2007), era de uma vila sem graça, uma cidade de barro, ponto de entroncamento de tropas, local de partida, não de chegada.

Foi o café que tirou a pacata cidade de seu sono colonial. No final do século XIX, a cidade passou por profundas transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas e da construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí (1867).

São Paulo se industrializava e, para atender à demanda, dentre outras razões, imigrantes de diversos países adotaram o Brasil como uma nova pátria. Para se ter uma ideia do crescimento vertiginoso da cidade na virada do século, segundo a PRODAM – Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo –, em 1895, a população de São Paulo era de 130 mil habitantes (dos quais 71 mil eram estrangeiros), chegando a 239.820 em 1900. Entre os anos de 1870 e 1939, 2,4 milhões imigrantes entraram no estado de São Paulo.

Italianos, japoneses, espanhóis, libaneses, alemães, judeus e imigrantes de diversas outras nacionalidades formaram comunidades em São Paulo e contribuíram para que a cidade se tornasse um rico centro econômico e cultural.

Além disso, migrantes de todo o Brasil, ainda hoje, saem de seus estados, municípios e chegam a São Paulo em busca de trabalho e prosperidade.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Atualmente, São Paulo constitui-se na maior cidade da América Latina, gigante com sua força econômica, sua face multicultural e sua resistência às adversidades, fruto de gente sempre iluminada, algumas ilustres, outras pouco lembradas, que perambulam por sua história.

A GEOLINGÜÍSTICA E O ESTUDO DA NORMA LEXICAL

Percebemos que, desde sua origem, alguns itens nos direcionam a uma reflexão sobre quais fatores teriam influenciado na concretização da norma linguística que se apresenta, hoje, na cidade de São Paulo e somente um estudo aprofundado poderá nos direcionar a conclusões mais sólidas sobre essa norma.

Para tanto, baseamo-nos nos preceitos da Geolinguística, método da Dialetoлогия, que segundo Dubois (1978, p. 307), “é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”.

Podemos também ver a Geolinguística como um estudo cartográfico dos dialetos, como nos mostra Jordan (1962, p. 273) ao afirmar que “A geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos.”

Considerando que a ideia de norma está definitivamente caracterizada pela presença da alta frequência e pela distribuição regular das variações em uma comunidade linguística, e que cabe à Geolinguística a descrição das variações diatópicas, poderemos especificar, por meio das respostas obtidas de entrevistas aplicadas a sujeitos de certo grupo, numa dada localização, a norma característica do local, além de precisar a repetição topográfica dos fenômenos observados em cartogramas que, compilados, constituem os atlas linguísticos.

ESTUDO SOCIOGEOLINGUÍSTICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

O presente estudo, como já afirmamos, faz parte do projeto coletivo, “Estudo Sociogeolinguístico no município de São Paulo: o léxico – parte I”. Esse trabalho se encontra em seu primeiro momento, ou seja, no estudo piloto, que busca localização de sujeitos com o perfil determinado e aplicação do questionário semântico-lexical para a obtenção dos resultados a serem analisados. Tratando-se de um estudo piloto, objetiva-se, ao final dessa fase preliminar, avaliar a adequação do questionário utilizado como instrumento de coleta de dados, além de uma reavaliação da rede de pontos e do perfil dos sujeitos a serem entrevistados.

Apesar de termos ainda um longo trajeto a percorrer, já podemos esboçar reflexões sobre alguns resultados. Principalmente ao confrontarmos os dados obtidos com os resultados de outros estudos do grupo, especialmente com o registrado na região do Grande ABC, visto que esta é composta por municípios que também integram a Região Metropolitana de São Paulo.

Para tanto, fizemos a opção de tecermos algumas observações sobre a lexia “trovão”, que é a mais frequente entre os sujeitos, e suas variações.

Trovão é também o tema da questão número 10 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil – e 12 do questionário aplicado aos sujeitos em nosso estudo piloto, que foi ampliado de modo a contemplar alguns itens específicos à localidade pesquisada. Esta questão aparece vinculada à questão anterior dada seguinte sequência de perguntas:

11. RAIÓ

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

12. TROVÃO

...barulho forte que se escuta logo depois de um ___ (cf. *item*, p. 11)?

Cabe observar que se direciona a questão ao sujeito iniciando-a com “Como se chama...”.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A lexia “trovão”, segundo Cunha (1997) e Houaiss (2001), tem sua origem do latim vulgar *túrbo-onis* e, no clássico, *túrbo-ínis* paralelo a *turben-ínis*, usado *turbónis* por Caio Júlio César (século I a.C.), com metátese. Encontramos *torvões* e *torvon* (século XIII); *trovões*, *troo* e *toruões* (século XIV); *toruam* (século XV)

Verificamos, no latim, *turba*, com o significado de perturbação; agitação; desordem; ajuntamento tumultuoso (no caso de multidão); ruído; estrondo; algazarra; vozeria; gritaria; e *turbo*, como turbilhão; movimento rápido e circular; redemoinho (de vento); tromba; redemoinho (de água); ciclone; agitação; perturbação; confusão; tempestade; tormenta; força (de projeção); impetuosidade (dum corpo arremessado); rapidez; energia (Torrinha, s.d.).

Em Houaiss (2001), encontramos trovão com as seguintes acepções: “1. forte ruído provocado por descarga elétrica na atmosfera; trovoada; 2. qualquer ruído forte; 2.1. ribombo do canhão; trom; 3. algo espantoso”.

Em Ferreira (2004), temos: 1. Estrondo causado por descarga de eletricidade atmosférica; trovoada; 2. Grande estrondo; trovoada; 3. Coisa ruidosa ou espantosa.

Há séculos temos a lexia “trovão” relacionada não somente a fenômeno atmosférico. Na tradição bíblica, o trovão é a voz de Jeová e, também anuncia a aparição ou revelação da divindade, a manifestação de Deus. Encontramos o trovão manifestando o poder de Deus, especialmente sua justiça e cólera, ao corrigir os desvios de comportamento e os erros dos homens.

Na cultura grega, inicialmente o trovão era ligado aos estrondos das profundezas da terra, possivelmente vinculado aos fortes ruídos dos terremotos, mas, mitologicamente, passou da terra para as mãos de Zeus e simboliza o comando supremo com o qual o deus grego do céu comandava ao mesmo tempo mortais e imortais.

Contudo, Segundo Cascudo (1993), as tradições populares em relação a trovão estão quase desaparecidas e, quando as encontramos, quase sempre estão vinculadas à prevenção para evitar o raio que é anunciado pela trovoada. Já não há quase devotos da ideia de que o trovão seja castigo divino ou aviso. No Brasil colonial, entretanto, a influência religiosa do trovão foi infinita, visto que encon-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tramos a figura do deus Tupã, deus do trovão, criada pela catequese católica no século XVI como uma técnica que tomava o efeito pela causa e significava a divindade onipotente perante os índios.

Ao verificarmos as ocorrências na região do Grande ABC, além de “trovão”, também encontramos as lexias “estrondo”, “baque”, “corisco” e “trovoada”.

As lexias “estrondo” e “baque” possuem traços semânticos vinculados a barulho. Esta, de origem onomatopaica, significa barulho de um corpo ao cair ou ao bater em outro ou efeito de cair; queda, tombo; enquanto aquela, de etimologia controversa, é barulho alto, forte e, por vezes, prolongado; ruído geralmente prolongado; rumor mobilização frenética de pessoas em torno de algo; estardalhaço, agitação (Houaiss, 2001).

Quanto à lexia “corisco”, tal qual a lexia “fuzil” registrada por Encarnação (2005), entre caiçaras, nas comunidades tradicionais de Ilhabela, no litoral paulista, significa fásca elétrica da atmosfera, acompanhada ou não de trovão; raio; relâmpago. Podemos inferir que, nesses casos, houve uma confusão entre os dois fenômenos atmosféricos que foram questionados durante a entrevista.

A constatação do uso da lexia “trovoada”, também ocorre, apesar de encontrarmos controvérsias sobre o significado dessa lexia. Segundo Mourão (1995, p. 849):

O ruído que acompanha o relâmpago é a trovoada. Alguns autores procuram fazer distinção entre o ruído quando o relâmpago ocorre entre duas nuvens e entre nuvem e o solo, no primeiro teremos trovoada e no segundo o trovão.

Para Isaacs (1996, p. 428), trovoada é “uma tempestade que atua por convecção acompanhada de relâmpago e trovão, e uma variedade de condições de tempo, especialmente, chuva intensa ou granizo, ventos fortes e variações repentinas de temperatura.”

Houaiss (2001) afirma que trovoada é uma sucessão de trovões, uma tempestade acompanhada de trovões. Ferreira (2004), por sua vez, além da acepção “sucessão de descargas elétricas e trovões, acompanhada, geralmente de chuva”, também reconhece as acepções trovão, grande estrondo e, na Bahia, Estação das chuvas.

A CIDMAR TEODORO PAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das breves colocações que fizemos neste trabalho, fruto de um estudo maior, num projeto que está em desenvolvimento, percebemos que a análise da norma de um grupo humano, em especial num recorte regional, pode proporcionar registros de formas linguísticas que denotam influências socioculturais recebidas por esse grupo e ajuda a compreender as características linguísticas e não-linguísticas da região. Conforme afirma Brandão (1991, p. 6):

A língua, portanto, só existiria para englobar a cultura e comunicá-la, transmiti-la. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda.

Embora o espaço, foco de nosso estudo, seja o município de São Paulo, não podemos nos esquecer que muito há de congruências entre as características sócio-econômica-histórica-cultural dessa gigantesca cidade e da região do Grande ABC, visto que foi por esta que passaram colonizadores, jesuítas, tropeiros, imigrantes, dentre outros, para, muitas vezes, fixarem-se na cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, S. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CRISTIANINI, A. C. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de I-lhabela*. 2005. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

IORDAN, I. *Introdução à lingüística românica*. Trad. de Júlia Dias Ferreira. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

ISAACS, A. *Dicionário breve de Física*. Lisboa: Presença, 1996.

MOURÃO, R.R.F. *Dicionário enciclopédico de Astronomia e Astro-náutica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PERRUCCI, S. *A cidade mais importante da América Lati-na*. Disponível em: <http://www.cidadedesapaulo.com/shMat.asp>. Acesso em 18 ago. 2007.

PRODAM. *A cidade de São Paulo e sua história*. Disponível em: <http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/>. Acesso em 18 ago. 2007.

SCHWARCZ, L.K.M. *Associação viva o centro: História do centro de São Paulo*. Disponível em: <http://www.vivaocentro.org.br/bancodados/centrosp/historia.htm>. Acesso em 18 ago. 2007.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 7ª ed. Porto: Gráficos Reunidos, s/d.

A CIDMAR TEODORO PAIS

EU-NÃO-EU: O SUJEITO NA SERMONÍSTICA DE VIEIRA

Kellen Dias de Barros (UERJ)
kellendiasb@yahoo.com.br

Antonio Vieira, padre, sermonista, homem da metrópole em colônia americana, homem de Deus pelo mundo, semeador, político, amado e odiado por tantos. Guardado, atualmente, por conta do mofo que envolve o termo “sermão”, em gavetas esquecidas ou, quando tentam fazê-lo voltar à memória, mal interpretado, em vista do acúmulo dos resíduos que escondem sua mais limpa face. Tentaremos remover um pouco do pó, para enxergarmos, um pouco mais de perto um autor que apresenta tantas particularidades.

Para os propósitos de nossa investigação, importa voltarmos à Idade Média a fim de observarmos os alicerces do pensamento que direcionou os passos de Vieira ao longo de sua vida. Ao nos aproximarmos de época tão remota, percebemos o poderio da Igreja e seus recursos para a manutenção do mesmo; fazendo uso, em seus múltiplos sistemas de controle, da noção de uma relativa independência do homem e da necessidade do cuidado consigo mesmo. O conceito de livre-arbítrio veio a coroar a existência humana com certa autoterminação, mas sem excluir as mãos dirigentes de um Deus único e pleno.

Envolvida em um universo em que Deus é não só a força maior, como a própria realização do mundo, a filosofia, neste período, tinha a figura divina como um fundamento básico e primordial. Contudo, não abdicava dos conceitos de uma relativa autonomia do ser humano, além de ter de dar conta de um imenso problema: o mal. Apesar de Deus ser criador de todas as coisas, como Ele é considerado soberanamente justo e bom, não pode ser o gestor do erro e, portanto, não é o responsável pelas desgraças do mundo. Sendo assim, desenvolveu-se um enorme arcabouço de teorias e doutrinas acerca da natureza de Deus e, conseqüentemente, do mal.

Uma das teorias dominantes era a de que Deus é o único que É: “E disse Deus a Moisés: Eu sou o que sou. Disse mais: Assim di-

rás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou a vós” (Ex, 3, 14). A esse respeito, destaque-se o seguinte comentário:

Esta passagem do Êxodo constitui o ponto de partida para toda a especulação cristã sobre Deus enquanto Ser absoluto e último. O problema primordial da filosofia – a saber: Qual a realidade última e absoluta, o *ὄντως ὄν?* – fora solucionado pelo próprio Deus. Ele, e só Ele, é o Incondicionado; não foi e não será; Ele é pura e simplesmente, graças à sua transcendência ao tempo e à mudança. (Boehner & Gilson, 2003, p. 15)

As observações anteriores nos deixam entrever que a questão do tempo é de extrema importância para compreendermos a concepção de Deus na Idade Média. Como Deus É, Ele não sofre as ações do tempo. Assim, é válido repetirmos: “Ele (...) não foi e não será; Ele é pura e simplesmente” (*ibidem*), portanto não se modifica, é absoluto e pleno.

Apesar de Deus ser imutável, sua obra se move e perece; o tempo age sobre ela, pois as criaturas não são por si, mas são dependentes daquele que as criou. E como criaturas, não são parte de Deus, mas criadas por Ele: “elles sont été tirées par lui du néant.” (Gilson, 1943, p. 185). Como parece evidente, há uma face nelas de imperfeição, de falta, sendo assim, “ce qui vient du néant ne participe pás seulement de l’être, mais du non être” (*ibidem*).

E é esta falta, este não-ser da natureza humana que implementa o movimento, a busca de completude e justifica a existência do mal, o não-ser por excelência. Leiamos: “O mal, como o pecado, não é uma substância, mas sim uma lacuna, um defeito, uma ausência de algo que deveria estar presente. O mal e o pecado constituem, pois, fundamentalmente, uma desordem.” (Boehner & Gilson, 2003, p. 147).

Nesta falta é que se explica a existência do mal sobre a Terra e que se baseia a noção de livre-arbítrio, pois, se há dor e imperfeição no mundo, isso ocorre por conta da vontade do homem. Mas os seres humanos não estão livres para agir como quiserem. Apesar de apresentarem uma relativa autonomia, uma força maior os direciona e, especialmente, os capacita ao bem. Tal aspecto agrava ainda mais a própria realização do mal, pois, mais do que gerar um desequilíbrio na obra perfeita de Deus, o homem que peca está indo contra a sua própria natureza, que *a priori* o move para o belo, o justo, o bom.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Esse pensamento fundamentado em Deus e disseminado pela Igreja se estendeu para além das fronteiras do período medieval, sendo constatado ainda no século XVII nos países e colônias ibéricas. Sendo assim, a Igreja Católica continuou sendo a maior instância de poder, mantendo um rígido controle sobre as pessoas e instituições, e suas “vontades” passíveis de erro, pela sua incompletude fundamental, sempre em nome de uma força maior: Deus. Sendo constantemente abalada pelas concepções protestantes que se multiplicavam pelo mundo – e não só por outro segmento religioso, mas também pelo racionalismo moderno de uma forma geral –, usou de uma série de artifícios para poder manter-se erguida. Entre fogueiras e interdições, lançou mão de recursos artísticos a fim de comover seus fiéis.

Como se sabe, Lutero defendia a interpretação individual da Bíblia, acreditando que os homens, como filhos de Deus, poderiam se debruçar sobre os ensinamentos ali ditados e interpretá-los para sua vida. Com isso, implementou um sistema monofônico, já que entendia a Escritura Sagrada como o único meio de conversão e adequação aos desígnios divinos. A Igreja Católica, em contrapartida, apresentava a face divina de variadas formas, empregando um sistema polifônico que dava multicores aos meios utilizados para alcançar a devoção. A esse respeito, complementa Schröder, tratando do racionalismo:

A Contra-Reforma se põe, perante o racionalismo moderno, em uma posição defensiva. Se o racionalismo implica uma série de postulados que conflita com a experiência estética, a astúcia dos contra-reformistas esteve em favorecer uma arte propícia à sua posição (...). (Schröder *apud* Lima, 1995, p. 117)

Desde a arquitetura das igrejas até os sermões – prática discursiva de disseminação da fé, largamente empregada nesse período – elaborou-se um minucioso regime de educação para os sentidos. Diante de uma população não letrada, a Igreja implementava uma série de recursos para que a “casa de Deus”, por si só, falasse aos fiéis. As paredes, os tetos, o altar foram tomados por figurações da doutrina cristã e das passagens da Bíblia. Em síntese, a comunhão entre a arquitetura e as artes plásticas possibilitou a construção de um ambiente comovente, propício à adoração da beleza e da magnitude ali expressas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A Igreja revelava, também, um conceito subjacente a toda doutrina católica: a manifestação constante e absoluta de Deus na Terra. Em cada parede, árvore, pessoa, a transfiguração dos desígnios d'Ele. Para compreendermos melhor essa onipresença, não podemos nos esquecer da natureza amplamente discursiva de tal contexto. De acordo com os preceitos cristãos, o universo teria sido criado através da *Palavra* de Deus: “E disse Deus: Haja luz. E houve luz.” (*Gen. 1:3*). Assim, o mundo seria a própria retórica divina que se faz carne: *Verbum caro factum est*¹⁶.

Como formula Alcir Pécora (1994, cap. 1, 2 e 3), em seu relevante trabalho sobre a sermonística de Antônio Vieira, estabelece-se uma permanente relação entre finito e infinito, em que o infinito (Deus) manifesta-se através do finito (mundo), que, dessa forma, ganha caracteres do Eterno, sendo, então, potencializado. Mas a face divina do mundo é encoberta, compondo um mistério que os nebulosos olhos humanos não conseguem desvendar facilmente. Destarte, entra em cena um outro discurso, o do homem, através da voz desses intérpretes autorizados da Contra Reforma: os sermonistas.

Tal mistério se fundamenta na ambiguidade do mundo aos olhos da ortodoxia católica, nessa relação “em que o Ser divino se apresenta em traço material, mas em que esse traço tão somente alude ou indica sua essência de Ser, sem oferecê-la manifestadamente” (Pécora, 1977, p. 156). Para que o homem comum possa enxergar esse Deus que desce ao mundo, tem de elevar-se ao nível dos mediadores dessa revelação.

Importa destacar que essa mediação se opera através de uma relação tríplice: 1) os clérigos, que representam o povo perante Deus; 2) a Igreja, que é organismo institucional de mediação; 3) os sermões, que são o desvendamento das ambiguidades e também do futuro, uma vez que Deus é eterno e imutável, assim como Suas Leis, às quais todos os seres estão submetidos; dessa forma, “a sucessão dos dias realiza uma crônica da Providência que se atualiza a cada momento” (Pécora, 2000, p. 11).

¹⁶ Jo 1:14 “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai cheio de graça e verdade”.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Tal concepção dupla, de um real metafísico, apresentando como mediadores instâncias unicamente ligadas à Igreja, nos revela a amplitude do poder que alcançava essa instituição religiosa no século XVII ibérico. Não podemos nos esquecer de que, nesse contexto, amar a Deus (que era o Dirigente Absoluto de todas as coisas) significava obedecer à Igreja.

Dessa forma, o conteúdo dos sermões, sua forma, as reações que deveria provocar, suas motivações divinas e políticas, eram os fios de uma severa rede devidamente trançada, que envolvia todo o ato de pregar. Os ideais teológicos e os planos políticos da nação reidentora, o Quinto Império português, deveriam ser disseminados com destreza e eficiência, e Antonio Vieira se pretendia o orador modelar dessa retórica divina.

Mais que orador, Vieira seria o semeador do evangelho, muito em consonância com a doutrina inaciana e sua face pragmática, a ação catequizadora do verbo deveria gerar frutos concretos na vida dos fiéis. Não bastava comentar a Palavra Divina, era preciso disseminá-la, e, como Jesus, lançar-se ao mundo em nome do Pai.

Para Vieira, a verdadeira devoção evangélica não era simplesmente meditativa, mas a ação no bem, a conversão da potência em ato. Seria, portanto, mister agir, sair e transformar a vida para que ela fosse um testemunho da Graça Divina. Podemos conferir também, em uma das obras de inspiração para a pregação jesuítica, os *Exercícios*, de Inácio de Loyola – o fundador da Companhia de Jesus –, essa preocupação com a modulação da vida em todos os seus aspectos, gerando uma ampla consonância entre a alma e o corpo:

La primera anotación es que, por este nombre, ejercicios espirituales, se entiende todo modo de examinar la conciencia, de meditar, de contemplar, de orar vocal y mental, y de otras espirituales operaciones según que adelante se dirá. Porque así como el pasear, caminar y correr son ejercicios corporales, por la misma manera todo modo de preparar y disponer el ánimo, para quitar de sí todas las afecciones desordenadas, y después de quitadas para buscar y hallar la voluntad divina en la disposición de su vida para la salud del ánimo, se llaman ejercicios espirituales. (Loyola, 1988, p. 4)

E para garantir a saúde da alma, é necessário direcionar o pensamento, “vencer a si mismo y ordenar su vida, sin determinarse por afición alguna que desordenada sea.” (*ibidem*, p. 6). É preciso

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

controlar a vontade particular em nome da realização do plano que Deus traçou para cada um de nós, pois “el hombre es criado para alabar, hacer reverencia y servir a Dios, nuestro Señor, y mediante esto salvar su ánima” (*ibidem*, p. 7)

E este plano se realiza no mundo, sendo assim, as quatro virtudes basilares dos jesuítas (a justiça, a prudência, a temperança e a força) preconizam aspectos que ajudam o homem a se relacionar com os demais e a lidar com as dificuldades inerentes à existência. Assim sendo, a Companhia de Jesus sempre apresentou um indiscutível caráter prático, como podemos atestar especialmente na obra do também jesuíta, e contemporâneo de Vieira, Baltasar Gracián, que no *Oráculo manual e arte de prudência*, compõe uma série de aforismos que são espécies de dicas de como portar-se, além de em *El Heroe*, *El Político* e *El Discreto* fixar tipos sociais e lhes moldar os atos com uma linguagem variada, usando desde o aconselhamento direto até alegorias interpretativas.

O que é mais interessante é que esses direcionamentos não se dão levando-se em conta unicamente o aspecto divino do mundo, mas conjuntamente seu lado obscuro. De acordo com Gracián seria necessário prudência para se viver. Analisando a *República* de Platão, o jesuíta afirma que é uma obra “más para ser vista que para praticada”, “nada a propósito de tiempos de tanta malicia” (Gracián, 1986, p. 57). Ao contrário, sua obra sim, esta levava em conta o exato contexto da época para um direcionamento acertado dos passos dos homens, fossem eles grandes heróis, políticos ou simples cidadãos.

É imprescindível que não nos esqueçamos da concepção veieriana, de motivação divina do mundo. Como criatura, o universo não é pleno, sofre de uma carência primordial, por ter sido criado por Deus do nada, por ter uma natureza múltipla, falível, volúvel. Sendo assim, o único ser absoluto é o Criador, Ele é a única verdade, a Luz animadora de toda vida. E Vieira estava totalmente em sintonia com esses preceitos.

Seguindo uma teologia fundamentalmente inaciana: ia ao encontro da fugacidade, do erro para convertê-lo em um bem. E essa didática é válida, mesmo para o universo individual. Na meditação

A CIDMAR TEODORO PAIS

diária era imprescindível transmutar o mal de si mesmo, abafá-lo em nome do Belo, do Justo e do Bom.

Neste sentido, é válido destacarmos que o objetivo de aproximação do Divino era tão profundo, que gerava certa anulação do indivíduo, pois este só seria na medida em que se aproximasse de Deus, na medida em que reprimisse o lado mundano e passageiro que o caracteriza para se entregar completamente aos planos do Altíssimo. Roland Barthes, em seu estudo acerca de Inácio de Loyola, conclui:

Quanto ao *eu* inaciano, pelo menos nos *Exercícios*, não tem qualquer valor de ser, nunca é descrito, predicado; a sua menção é puramente transitiva, imperativa (“logo que acorde, devo lembrar”, “reprimir os meus olhares”, “privar-me da luz”, etc) é, na verdade, o *shifter* idealmente descrito pelos linguistas, a que o vazio psicológico e a pura existência locutória asseguram uma espécie de errância através das pessoas indefinidas. (Barthes, 1971, p. 55)

A ação jesuítica é transformadora e, por uma concepção única de história¹⁷, é abrangente, pretende alcançar todos os homens, esvaziá-los de um sentido particular para assinalá-los como peças da grande engrenagem do universo. Essas peças, no entanto, não são totalmente controladas pelo grande motor imóvel, elas apresentam certa autonomia, que lhes é concedida pelo livre arbítrio, tal como já analisamos anteriormente. Em verdade, esses componentes da magnífica máquina são intimamente relacionados, cada qual com sua função específica, mas sem apresentar uma delimitação ostensiva de funcionamento, como podemos atestar no Sermão da Sexagésima:

Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro de si, e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz, e é necessário espelho. O pregador concorre com o espe-

¹⁷ É Pertinente lembrarmos, o conceituado ensaio de Auerbach, “A Cicatriz de Ulisses” em que o referido teórico desenvolve interessante análise acerca do Velho Testamento e da poesia Homérica. Ouçamo-lo: “A pretensão de verdade na Bíblia é não só muito mais urgente que a de Homero, mas chega a ser tirânica; exclui qualquer outra pretensão. O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. Qualquer outro cenário, quaisquer outros desfechos ou ordens não têm direito algum a se apresentar independentemente dele, e está escrito que todos eles, a história de toda a humanidade, se integrarão e se subordinarão aos seus quadros.” (Auerbach, 2002, p. 11-12)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

lho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. (Vieira, 2001, p. 33)

Os homens foram, portanto, criados destinados a um fim específico, mas fazem parte de um sistema que os ajuda a manterem-se firmes em seus propósitos divinos. Deus concedeu-lhes sua graça e presentificou, de forma efetiva, sua Palavra, através de seus oradores autorizados, para impulsioná-los a seguir sua já implícita natureza benigna. Porém, eles podem escolher se afastar ou se aproximar da plenitude oferecida pelo Pai, mas, de acordo com Vieira, as consequências desse afastamento são terríveis. Devemos temer esses males, não por conta da morte, mas por conta da eternidade, pois a morte seria o momento de transição, mas a bênção ou o castigo seria eterno. Vejamos o Sermão de Quarta-feira de Cinza:

Dormindo Jacó sobre uma pedra, viu aquela Escada que chegava da terra até o Céu; e acordou atônito gritando: *Terribilis est locus iste*¹⁸. (...) Terrível escada para quem não sobe, porque perde o Céu e a vista de Deus; e mais terrível para quem desce, porque não só perde o Céu e a vista de Deus, mas vai arder no Inferno eternamente. Esta é a visão mais que terrível que todos havemos de ver; este o lugar mais terrível por onde todos havemos de passar, e por onde já passaram todos que ali jazem. (*ibidem*, p. 69)

Arder no inferno eternamente seria o fim daqueles que não cumprem o plano do Senhor. Como podemos ver essa vontade não é tão livre como poderia se supor. O homem era criação de Deus e como tal deveria portar-se: o *subditus* do Pai Eterno. E com Vieira não era diferente, também ele deveria seguir os desígnios divinos, com um agravante, no entanto, a potencialização de sua imagem pública de pastor das ovelhas de Deus, como podemos atestar nesse trecho do Sermão de Santo Antônio:

A Antônio, porém, disse-lhe Cristo que era a luz do mundo, e não só o disse a Antônio, que era Português, senão também a todos os Portugueses. E qual é ou qual pode ser a razão desta diferença tão notável? A razão é, porque os outros homens, por instituição divina, têm só a obrigação de ser Católicos, o Português tem obrigação de ser Católico e Apostólico; os outros Cristãos têm obrigação de crer a Fé, o Português, tem obrigação de a crer, e mais de a propagar. E quem diz isto? S. Jerônimo,

¹⁸ Gn 28:17 "E, cheio de pavor, disse: *Quão terrível é esse lugar! Não há aqui senão outra coisa senão a casa de Deus e a porta do céu.*"

A CIDMAR TEODORO PAIS

ou Santo Ambrósio? Não: o mesmo Cristo, que disse: *Vos etis lux mundi*¹⁹. (*ibidem*, p. 281)

O homem de Deus deveria figurar a divindade e sua graça, já os pregadores deveriam disseminá-las. Para Vieira esta era não apenas a sua missão, como a de Portugal como um todo. A nação lusitana seria aquela que se ergueria pela força da Palavra e seria a grande pastora do planeta, catequizando as almas, apresentando o Criador às suas criaturas. As conquistas ultramarinas portuguesas seriam o grande sinal da predestinação de Portugal: desbravar o mundo e transformá-lo na imensa pátria do evangelho. E como nação-pastora, gerava homens-pastores que deveriam servir de exemplo aos demais.

Nesse sentido, é válido lembrar que a retórica da época se expandia para além do discurso falado do orador para influenciar sua postura de uma forma geral, sendo assim o pregador cristão deveria persuadir as almas não apenas com seu verbo, mas também com sua vida. O *exemplum* deixou de ser, então, uma simples figura de linguagem para ganhar foros de ação concreta. Esta elevação do lugar do exemplo também é fruto de uma adequação do preceito cristão de imitação de Deus através da Segunda Pessoa encarnada de Cristo.

E em um universo tão codificado, a exemplaridade não se dá de forma solta. No século XVII, se estabelece um ideal ético daquele que toma a palavra, este deveria seguir modelos, protótipos dos mais diversos tipos, desde os laicos como Cícero e Quintiliano, no que concernia à retórica, até os sagrados como os santos e Jesus Cristo, numa abrangência maior. Essa variedade do orador é subsumida por uma só vocação: a santidade ativa.

Cristo não só Santo, mas Santo dos Santos, porque de sua imitação receberam todos os santos a santidade, e Inácio não só Santo, mas Santo dos Santos porque todos os santos concorreram a formar a santidade de Santo Inácio. (*ibidem*, p. 124)

Como ideal inaciano, não só imitar Cristo, mas imitar todos aqueles que se aproximaram d'Ele, transformando a vida em todos os aspectos, superando todos os modelos possíveis, sendo incorrigível. O Santo dos Santos não é nenhum outro, senão o patrono inspi-

¹⁹ Mt. 5: 14 "*Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte.*"

rador da Companhia de Jesus. Podemos perceber claramente neste trecho que ocorre uma super valorização da Ordem inaciana e, com isso, de seus seguidores. Os signos se multiplicam em suas referências até chegar ao próprio pregador, presente em carne e osso. Cristo é referido pela imagem de Inácio, assim como todos os demais santos, Inácio é referido pela imagem de Antonio Viera, que lhe segue, assim como também são referidos todos os outros santos novamente; concentrando-se todas as potencialidades no exemplo vivo, *Ecce Homo*, o orador que discorre sobre a santidade, revelando a maravilhosa rede bendita que Deus opera no mundo, dotando-o infinitamente de significados, de verdades imutáveis.

Sendo assim, Vieira mais do que apresentar a vida de um santo como exemplar, apresenta-se a si mesmo como modelo a ser seguido, como um retrato da efetiva possibilidade de se viver de acordo com a Lei. E esta é uma imagem com altos índices pedagógicos, de acordo com padrões retóricos.

Margarida Vieira Mendes, entende essa auto-referência do pregador nos sermões, como uma marca da subjetividade já subjacente ao discurso jesuítico no século XVII:

Quase parece paradoxal encontrarmos trabalho textual mais intenso e complexo exatamente quando se dá o contato faiscante entre algo interdito e algo obrigatório: de um lado, uma subjetividade que nunca pode se converter em tema de fala, que canonicamente se recalca, mas que tem oportunidade de se metamorfosear de inúmeras maneiras, exatamente nesse “contato” (a metamorfose é mais uma operação tipicamente barroca); de outro lado textos, geralmente das Escrituras, com seus universos de referência próprios, torna esses textos objetos transicionais afetados pela paixão do pregador; o pregador projeta-se no espaço de representação criado pelos textos alheios, e desse lugar exterior se vai mostrar, ao pretender agir junto dos homens. (Mendes, 2003, p. 212)

O que notamos, contudo, é que essa auto-referência se estabelece por uma preocupação com a exemplaridade, com, o já citado, recurso retórico do *ponere ante oculos*. Vieira super valorizava sua imagem, porém não como uma subjetividade reprimida por não poder tornar-se tema de fala, mas como o autêntico modelo de servo de Cristo. Sua pessoa deve ser referida, pois é o enquadramento perfeito dos moldes cristãos de conduta, e não porque é uma vontade auto-determinante desejando manifestar-se, apesar dos rígidos controles clericais. Vieira estava de tal forma envolvido com os preceitos de

A CIDMAR TEODORO PAIS

sua Ordem e com a Verdade determinante de todas as coisas, que lhe seria impossível desvencilhar sua individualidade da Igreja.

É importante não confundir a concepção de individual, com a de sujeito. Cada homem apresenta determinados limites concernentes a sua individualidade; suas experiências pessoais, sua história familiar, esta é uma constatação indubitável; porém a possibilidade de pronúncia em nome de um eu interior que deseja, planeja e realiza coisas, independente de qualquer padrão externo foi algo que veio a se construído ao longo da história e ainda não era vigente no século XVII ibérico. Nesse contexto, qualquer movimentação para o interior do indivíduo acabava convertendo-o novamente para fora de si mesmo. Como no caso da autoinvestigação apregoada por Agostinho, ao conhecer-se a si mesmo, o homem encontra essencialmente uma força maior que a dele, que o gerou e que é a motivação de sua vida: Deus.

Sendo esse indivíduo essencialmente ligado a uma força maior e tendo sua vida previamente planejada pelo estabelecimento de um fim inexorável, que é a santidade, seu grau de ação encontra-se amplamente limitado, não concebendo, portanto, manifestações daquilo que sequer poderia construir sentido: uma vida desvencilhada dos preceitos cristãos. Vieira cria na motivação divina do mundo sensível, e na sua também, de tal forma que não se via como uma finalidade em si. Sabia que o homem, como criatura, só tem valor como índice de Deus e, apenas como tal deve ser visto. Portanto o orador jesuíta ao expor-se no discurso, o faz para demonstrar a possibilidade de uma existência em Cristo, para revelar-se o servo ideal.

Este servo modelar, por outro lado, não era uma peça sem importância. Apesar de o mundo concreto ter seu ser dependente do Ser Primordial, ele é extremamente valoroso, justamente por ser uma manifestação do Criador. Os homens, portanto, poderiam ter sua importância acrescida ou subtraída de crédito de acordo com a utilização que faziam do livre arbítrio. Como candeias poderiam cumprir o seu destino iluminador ou esconderem-se debaixo dos alqueires. E Antonio Vieira se dedicou de tal forma a pregação evangélica, que acreditava levar uma vida santa, digna de exposição, pela luminosidade que tinha, e de valorização pela modelaridade que apresentava.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Dessa forma, em alguns sermões, além de se apresentar como um exemplo de vida através de múltiplos jogos de referência, como vimos no Sermão de Santo Inácio, ele toma-se como tema de fala muito mais diretamente. Um desses casos é o Sermão de Santo Antônio, onde o jesuíta relaciona as semelhanças de vida e nome do santo consigo próprio.

Assim cuidava eu que a lei de bom Português devia fazer também Santo Antônio. Mas quando por parte da pátria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com sua obrigação: *Vos estis lux mundi*. Reparai, diz o Evangelista, que Antônio foi a luz do mundo. Foi luz do mundo? Não tem logo que se queixar Portugal. Se Antônio não nascera para ao Sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o criou para a luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do Sol. (Vieira, 2001, t. I, p. 279)

Plenamente notável é a auto-referência que faz Vieira nesse sermão. Ao chamar o Santo Antônio diretamente pelo nome, que coincide com o seu, iguala-se ao santo como luz do mundo, como sol iluminador das longínquas terras, como homem que viveu para Deus e largou a sua pátria em nome de sua missão. Ambos são luzes que se alastram pelo mundo, são profetas de Deus.

A divindade se atualizava constantemente no mundo e Vieira demonstrava o quanto a realidade era a manifestação do Verbo, já anunciado na própria escritura do mundo, no passado, e nas Escrituras Sagradas. Os homens deveriam se converter, portanto, não porque Deus já havia agido no mundo, mas porque age agora. Há exemplos a serem seguidos sempre.

Apesar desse fundamental intento de apresentação didática de um exemplo vivo, é inegável certa preocupação que Vieira tinha com a sua auto-imagem, é necessário que se analise com muito cuidado este fato. O cristianismo, como vimos, plantou sementes para a consolidação do sujeito com a implementação do livre-arbítrio, pois, de alguma, forma atribuía aos homens um relativo direcionamento de seus atos. O homem cristão, portanto, volta-se para si mesmo a fim de examinar seus atos e direcioná-los ao Criador. Ele é uma individualidade responsável pelas graças ou desgraças que lhe acontecem, pois Deus concedeu-lhe o direito de escolha; apesar da obrigação de seguir um caminho específico ele pode decidir, arcando com as consequências, segui-lo ou não. Sendo assim, Antonio Vieira preocupa-

A CIDMAR TEODORO PAIS

se com sua missão de pregador, de homem público responsável pela conversão de uma série de almas, assim como se absorvia com sua constituição individual como *persona*.

A preocupação com os atos particulares é não apenas pertinente no século XVII, mas, ainda, uma obrigação; o que não significa, no entanto, que haja um sujeito como um independente núcleo interno presente nessas elucubrações acerca da particularidade, pois essas particularidades seiscentistas só se validam com relação a uma universalidade inexorável, ela é absolutamente dependente de algo externo a ela. Vejamos mais dois trechos, presentes no 30º Sermão a Nossa Senhora do Rosário:

Este é o Clima mais benigno, este os Ares mais puros, esta a Terra mais sadia, esta é hoje a Baía. Mas que importa que a Terra, o Ar, as influências dos Astros se mudem, ou não mudem, se todos trazemos dentro em nós o veneno da própria mortalidade (...) (Vieira, 1907-1909, vol. X, p. 513)

Vemos aqui que há uma referência ao Vieira homem, pensando em sua própria morte e o destino que ela lhe reserva e não o Vieira pregador e modelar como nos demais sermões. Leiamos, ainda: “Este sermão, pois, brevíssimo, utilíssimo e digníssimo, reservei e poupei para este último lugar, não como coroa, mas como retratação e emenda dos meus, desejando, quando menos, acabar bem” (*ibidem*, p. 516-517). Mais uma vez, o jesuíta demonstra-se envolvido com sua vida particularmente, após prometer trinta sermões a Nossa Senhora do Rosário, por ocasião de uma epidemia de “bicha” que atingiu o Brasil em 1686, e o contaminara também, ele deseja ser curado.

Não é possível, contudo, confundir o prezar pela vida, com uma declaração subjetiva e original do sujeito no discurso. Apesar de Vieira se expor nesse sermão como homem, ele o faz como servo, como súdito comum, e não como missionário pregador. No primeiro trecho percebemos que sua inquietação refere-se à problemática da morte, não com uma angústia de quem espera o nada ou perde-se em questionamentos puramente subjetivos, mas como quem se interroga acerca de seus passos: teriam eles seguido Deus a ponto de lhe conferirem o direito ao Paraíso? Já no segundo, temos a declaração que a feitura do sermão servia como retratação do fechamento de uma promessa, de uma ação devocional, de uma espécie de penitência di-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

reacionada aos céus com o fim de uma interferência divina. Fica-nos claro, portanto, que mesmo quando o jesuíta refere-se a si como homem, o faz em nome de algo maior: Deus.

Em suma, a motivação dos signos na oratória de Vieira é um elemento assaz imprescindível na leitura de seus sermões. Quando esses dados não são levados em conta, corre-se o risco de se cometer sérios anacronismos que podem vir a deturpar os objetivos que eram subjacentes à obra. Pela bela arte que anima os sermões, as leituras possíveis de lhe serem atribuídas são inúmeras, mas não podemos nos esquecer de que essa veia artística que o alimenta é totalmente diversa da pós-iluminista baseada num sujeito psicologizante. Há também, de se ter em mente que, em consonância, com a teologia, os sermões apresentam pinceladas de um *quase-sujeito* construído a partir de uma série de fatores e, especialmente, pela noção de livre arbítrio. É nesse contexto católico, marcado pela finalidade divina da existência, que se desenvolvem os sermões e, apesar do imenso distanciamento ideológico que guardamos contemporaneamente destes textos, eles persistem e nos encantam pela engenhosidade e arte que os conservam.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.

GILSON, Etienne. *La Filosofía en la Edad Media: desde los orígenes patrísticos hasta el fin de siglo XIV*. Madrid: Gredos, 1985.

———. *Introducción a l'étude de Saint Augustin*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1943.

GILSON, Etienne & BOEHNER, Philotheus. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do sacramento: A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Universidade de São Paulo; Campinas: Universidade de Campinas, 1994.

A CIDMAR TEODORO PAIS

———. *Sermões: o modelo sacramental*. In: VIEIRA, A. *Sermões*. Seleção de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001.

———. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001.

———. Lugar retórico do mistério em Vieira. In: MENDES, M. V., PIRES, L.G. & MIRANDA, J.C. *Vieira escritor*. Lisboa: Cosmos, 1977.

LOYOLA, San Ignácio. *Ejercicios*. Guadalajara: Iteso, 1988.

GRACIÁN, Baltasar. *Arte da prudência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

———. *El héroe. El político. El discreto. Oráculo manual y arte de prudencia*. Barcelona: Plaza & Janés, 1986.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Lisboa: Edições 70, 1971.

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Tomo I e II. Org de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001.

———. *Sermões*. Porto: Lello e Irmãos, 1907-1909, 15 v.

———. *Cartas do Brasil*. Organização de João Adolfo Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 2003.

———. Viera, Velázquez: questões de mímesis. In: *Afecto às Letras: Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto Prado Coelho*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

IDADE DE FERRO

Amós Coêlho da Silva (UERJ)

amosc@oi.com.br

INTRODUÇÃO

Gênesis 11, 1-9, Antigo Testamento, com o episódio *A torre de Babel*, relata que *em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar*. Chevalier & Gheerbrandt (1994, s.v. Torre) nos dá a significação de Babel: *Em acadiano, (...) porta do céu*. Depois de uma descrição do simbolismo da torre, nos afirma que ela tem o seu papel, que é *axial*, ou seja, as torres ligam *os três mundos: céu, terra e mundo subterrâneo*. Como Jeová tivesse constatado uma só linguagem entre os homens e, daí, nenhum desejo poderia deixar de ser realizável, conforme versículo 6: *e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma só linguagem. Isso é apenas o começo, agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer*. Por isso, dispersou os homens, leia-se o versículo 7: *Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro*.

Do ponto de vista histórico, comentam os Autores acima citados que *Essas torres que dominavam as cidades babilônias eram sinais de politeísmo, devendo ser condenadas pelo monoteísmo hebraico*. Assim, se fixou a tradição de uma edificação em direção ao céu como expressão do desejo de aproximação do poder divino e de sua canalização para a terra. No entanto, na narrativa bíblica a Torre de Babel simboliza o orgulho humano, uma tentativa humana de alcançar a altura da divindade: seria um levante coletivo contra Deus, por isso Jeová precisou dispersá-los.

Em Hesíodo também, *Os Trabalhos e os Dias*, verso 50, (Zeus) *krýpse dè pyr, ocultou o fogo*. Ou seja, Zeus ocultou o conhecimento intuitivo. Ao furtar uma centelha celeste, privilégio de Zeus, o protetor dos homens, Prometeu, reanimou os homens, mas ofendeu a Zeus.

Linguisticamente, tal dificuldade de comunicação entre os homens: a de falar uma única linguagem, foi denominada por Ferdi-

A CIDMAR TEODORO PAIS

nand de Saussure de arbitrariedade do signo linguístico. A relação entre o significado e o significante é aleatória, ou melhor, acidental. Dito de outro modo: diante da cultura dos povos *uma língua (...) é 1) o seu resultado, ou sùmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir.* (Câmara Jr., 1970, p. 22)

Partindo de um exemplo clássico, Edward Lopes (1974: 22) o utiliza para demonstrar como a língua é *uma re-criação da realidade*: por exemplo, a enumeração das cores do arco-íris para o português consta de sete nomes; para o inglês, de seis e o bassa da África, de três. Será que o falante de português enxerga com mais clareza o mundo do que os outros?

Encontramos em Platão, certa recomendação de cuidado na leitura de um mito. O fracasso de uma interpretação é confiar unicamente na extensão dos próprios sentidos e captar uma significação por associações de ideias. Isso mesmo foi o que Platão exprimiu no diálogo *Crátilo*, de Platão (427-348 a.C.), através de Sócrates, o mestre e personagem, investiga a questão ‘onomátwn orthótetos’, da propriedade do nome. Nas entrelinhas do *Crátilo*, se patenteia a precariedade da expressão do significado de um nome.

Por essa razão, Platão ressalta neste diálogo pontos de vista opostos quanto à etimologia, ora indica o de Hermógenes; ora indica o de Crátilo e a personagem Sócrates, mediadora do debate, com o bisturi da ironia, traz à baila o termo heróis: ‘oi herwes’ se liga ao nome éros, o amor, ‘hóti parà tò èrwtois ónoma, hóthen gegónasin hoi heróes’, ‘donde os heróis nasceram, porque (vêm) da parte do nome do amor’,²⁰ ou melhor, porque são filhos do amor (398 e). O que é um trocadilho, não leva em conta a aspiração, dado linguístico relevante numa tomada etimológica, presente em ‘heroes’ e ausente em ‘eros’. Chega a admitir *Dionysos*, deus do vinho, proveniente de ‘Didoínysos’, isto é, ‘hó didoys tón oínon’, o que dá vinho (406 c) – como se vê se associa o corpo fonológico aleatoriamente.

Não devemos esquecer a recomendação platônica, logo no começo do *Fedro*, e reduzir simplificarmente um mitologema, ou seja, o conjunto de elementos arcaicos transmitidos pela tradição, a

²⁰ A tradução é nossa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma falha investigação linguística e etimológica para obter uma interpretação, que foi cunhada por Platão de ‘ágroikos sofhía’, sabedoria camponesa, mas que os sofistas consideravam a mais perfeita forma de saber.

Um exemplo disso é qualquer falante ser interrogado sobre o significado de “cratera”. Ele responderá empiricamente “buraco”. O que está correto, mas se ele consultar o dicionário descobrirá algo mais: lat. *cratera, ae* 'vaso grande, buraco ou abertura da terra, abertura de vulcão, cratera', adp. do gr. *kratêr* 'id.'; ver *crater (i/o)*-; f. hist. sXIV *carautela* (Houaiss, 2000). Por isso, seguimos o conselho de Ernst Cassirer (2003, p. 17): *Do rude instrumento que era nas mãos da sofística e das etimologias ingênuas da Antiguidade e Idade Média, veio a alcançar a agudeza, vigor espiritual que hoje admiramos nos mestres da filologia clássica atual.*

A palavra grega *onomatopoiía*, que significa ação de criar palavras novas, (evidentemente é a mesma da nossa gramática atual), exprime muito bem a nossa ansiedade em depreender a realidade exterior. Mas onomatopeias são convencionais: a representação gráfica ou articulada do latido do cão em português torna-se imotivado em inglês, como no Novo Michaelis, que é *bawl!* Os graus de convenção, na relação entre significado e significante, ocultam as significações das palavras. Por isso, um falante nativo aprende que o arco-íris tem *n* cores, mas poderá achar difícil o discernimento delas. Tais imitações poderíamos denominar aqui como implícitos ou inferências. Mas aqui a descrição de tais relações de verdade se instauram entre idiomas.

Estes implícitos são estudados hoje em dia, por exemplo, por Carl Kerényi, que nos dissecou o termo *vida* na linguagem cotidiana dos gregos, como ‘bíos’ e ‘zoé’. É claro que o latim tem “vita” e os outros idiomas importantes também têm tal termo. Mas, logo de início de seu tratado, ele enfoca ‘zoé’, com seu traço fônico de ressonância, se opondo a ‘bíos’ na articulação; quanto ao seu significado, ‘zoé’, *vida em geral*, é a experiência humana sem limites, ao passo que ‘bíos’, *vida particular*, que os gregos também atribuíam a animais; para elementos vegetais, era ‘phísis’, só em contextos especiais podia ocorrer ‘phýton bíos’, *a vida de planta* (Kerényi, 2002, p. XVIII). Por isso, ‘bíos’ não é uma oposição definitiva, e sim particu-

A CIDMAR TEODORO PAIS

lar, a *'thánatos'*, à morte; *'zoé'*, o tempo da alma, é que cria um contraste único, em que a alma, no curso de seus renascimentos, passa de um *'bíos'* a outro. (2002, p. XX)

Assim, bem como em outras nomenclaturas científicas consagradas, o nome da moderna ciência sobre a vida não deveria ser Biologia, já que nela não se estuda a particularidade de um animal que se chame, por exemplo, “a ovelha Dolly de 2003”. Tal ciência deveria se denominar Zoologia (2002, p. XIX). Talvez esses equívocos se devam ao pragmatismo de cientistas, que se apegam a experiências sensoriais, como ocorrera com Orfeu, quando descumpriu a advertência de Plutão ao olhar para trás; por isso, perdeu a sua Eurídice.

Esta escolha selecionada aqui por Kerényi, lida em Aristóteles, Demóstenes (2002, p. XVIII), para em seguida, retirar de Homero a cognata *'zaw'*, o transcorrer da vida, *'biów'*, viver um espaço de tempo. Desse modo, *'zoé'*, vida sem atributos, e *'bíos'*, vida que inclui morte.

Fechamos estes parênteses com o símile de Kerényi, comparando o universo heleno com o cristão: *Plutarco, (se) quisesse enunciar pensamentos sobre a vida eterna de um deus, ou proclamar a 'vida eterna', teria de empregar 'zoé' como os cristãos fizeram com seu 'aiónios zoé'*. (2002, p. XXXI, com citação exegética de Mateus, 19:16; Marcos 10:17; Lucas 18:18; João 3:36 e a referência contracenada entre Jesus e João 11:25; 14:6)

Mito como verdade humana

A sociedade industrial compreende o mito como uma expressão de fantasia e mentiras. Modernamente, os estudiosos, equipados cientificamente com recursos como as atualizadas investigações etimológicas e comparação entre mitologias de diversos povos, não se afastam totalmente da concepção sustentada por Platão acima, porque sabem que aquelas outras interpretações equivocadas se aproximam e formam um paralelo com a compreensão equivocada que a sociedade industrial moderna detém.

Carl Gustav Jung (m. em 06/06/1961) o concebeu como arquétipos do inconsciente coletivo, ou seja, há algo de identidade en-

tre todos os homens, mesmo de épocas diversas e de lugares diferentes. Ele o denominou de arquétipos, isto é, modelo primitivo, ideias inatas.

Os deuses gregos revelam através do mito que a pulsão humana para o descomedimento abala o universo. É o que se quer ler nas passagens de Hesíodo, de Ovídio e do *Antigo Testamento*. Essa ultrapassagem da medida pelo homem pode estar contida na banalizada interpretação do personagem Fedro, in *Fedro*, de Platão. Ora, se não se cumpre o pensamento délfico do *gnôthi sautón* – *conhece-te a ti mesmo* (☞◆♦♣□✕ ◆☞◆◆□❖♣) – ou melhor, se nem nos conhecemos, por que devo me dedicar a esse tipo de “sabedoria camponesa”.

BREVES CONSIDERAÇÕES

No século VIII a.C., a Hélade já havia superado a devastação sofrida pela invasão dos dórios, que sufocaram os anteriores invasores jônios aqueus e eólios, a primeira parte da base da futura Grécia Clássica antiga; daí, formar, com estes, a Grécia do apogeu ateniense e espartano: a que, mais ou menos, seria lida nas entrelinhas de Hesíodo.

A Grécia, cantada por Homero, era a dos vitoriosos jônios, aqueus e eólios, fundadores da civilização creto-micênica: sob o reinado lendário de Ulisses, Menelau, Agamêmnon... O século VIII a.C. significa, mais ou menos, a passagem do regime monárquico para o aristocrático. Como o aristocrático era, de fato, deter o poder na mão de poucos, não houve muito trauma social, uma vez que os dois sistemas de governo se identificam exatamente nisto: um sistema oligárquico. A religião garantia uma ‘pólis’ aristocrática, porque as funções religiosas eram exercidas pelos nobres; sempre dos eupátridas, ou seja, dos nobres, elegiam-se os magistrados, as principais autoridades públicas, a partir de uma assembleia que não permitia muito a interferência popular. Quem possuía terras, era rico e poderoso. Do outro lado da sociedade, tínhamos os camponeses endividados, em situação abaixo da linha de pobreza. Realmente, o que vigorava era a *hipoteca somática*. Era uma situação histórica semelhante a do povo romano. A riqueza concentrada nas mãos de pouco. O verbo locuple-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tar da língua portuguesa é “locus”, lugar, isto é, terras, mais o elemento ‘-plet-’, encher, quer dizer, se encher de terras.

Os Trabalhos e os Dias é um poema didático com o fim de ensinar os trabalhos da terra. O poeta se utiliza do mito para ensinar agricultura e navegação no mar. Enquanto o poema homérico o herói é dotado (vir, ‘aner’) de ‘timé’, honra pessoal, e ‘areté’, excelência (ou seja, de ‘kosmos’, ordem – (kalón kai agathón), “o belo e o bom” resultado de um “deus ex machina”, em Hesíodo, o novo tipo de herói será aquele que ganha a vida da terra – com o suor do rosto (é ‘humus’, ‘ánthrosos’). Há uma força moral que impulsiona o homem para o trabalho: é a competição inconsciente; a inveja é uma competição consciente.

A vingança de Zeus, o trabalho, se explica no mito de Prometeu e Pandora. O trabalho seria o resumo das mazelas humanas. Aqueles que se deixam levar pela ‘hybris’, pelo descomedimento, serão castigados nesta e na outra vida. Isso é exemplificado pelo Mito da Idade. Pertencemos à Idade de Ferro. A lei do descomedimento está em Téspia, local onde reside o poeta. Isso é relatado no apólogo do gavião e do rouxinol.

O seu o poema é dedicado ao irmão Perses, que, na partilha da herança suborna os juízes e, por isso, fica com a maior parte. Mas como é perdulário fica a zero de dinheiro. Procura o irmão e o intima a ajudá-lo. Hesíodo tenta explicar a ele que a vida é, unicamente, trabalho e justiça, sem os quais prevalece a violência. O trabalho existe porque é uma imposição de Zeus.

HESÍODO

Hesíodo (final de VIII a.C.) escreveu *Os Trabalhos e os Dias* e *Teogonia*, grecismo que denota: *teo-*: *deus*; *gon-*: *nascer e sufixo -ia*.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo nos apresenta como se organiza o mundo dos mortais. Além disso, também o Poeta tenta aconselhar seu irmão Perses, que, na partilha da herança paterna, subornou os juízes e obteve vantagens. No entanto, perdulário, ficou sem nada e voltou a pedir algum emprestado ao irmão Hesíodo, que lhe adverte sobre a importância do trabalho e da justiça. É um poema

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

didático com o fim de explicar os trabalhos da terra e determinar as épocas de colheitas.

Para Hesíodo, neste poema, justiça e trabalho estão ligados. Se faltar um destes princípios, há de se gerar a violência, ou melhor, a injustiça. O trabalho existe porque é uma punição de Zeus.

Prometeu é o protetor dos homens, mas como enganou a Zeus por duas vezes, foi punido. Na primeira, em Mecone²¹, enquanto Crono reinou os deuses e os homens viviam em igualdade. Vencido Crono, Zeus quis impor uma nova era entre os deuses e os homens. Fez-se uma reunião entre deuses e homens para tentar um acordo. Matou-se um boi, que foi dividido em duas porções por Prometeu. Uma porção só tinha ossos, mas estava atraentemente coberto com uma gordura apetitosa.

Ao escolher Zeus a porção mais atraente para os deuses, afastou a gordura e se deparou com ossos brancos. Zeus furioso jurou se vingar.

Primeiramente, privou os homens da inteligência, *krýpse dè pÿr*, *ocultou o fogo* (50) e imbecilizou a humanidade. Mas o filho de Jápeto reagiu: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, e trouxe-a num bastão para semear nos homens.

Então, Zeus decidiu por uma punição mais terrível. Concebeu Pandora, cuja formação é “pan-”, todo ou tudo, e ‘doron’, dom – a que tem todos os dons, ou pelo menos um de cada divindade: Hermes, Mercúrio para os romanos, encheu-a de astúcia e cinismo; com Atena aprendeu a arte do bordado; de Afrodite veio a graça, a beleza e um desejo indomável... Zeus a enviou através de Hermes como presente para Epimeteu, irmão de Prometeu, porque, como Prometeu significa ver antes, Epimeteu tem por atributo ver depois: o elemento “epi-”, depois. Enfim, mesmo recomendado para ter cuidado com coisas que viessem de Zeus, Epimeteu aceitou e só depois é que compreendeu o mal que fizera.

A raça humana vivia ao abrigo de perigos e de doenças, mas quando Pandora abriu a jarra para satisfazer sua curiosidade, os ma-

²¹ Cf. Brandão (1994, p.166): *nome antigo de Sicione, cidade da Acaia.*

A CIDMAR TEODORO PAIS

les evolaram e povoaram a terra dos mortais. Com Pandora, se iniciou a degradação humana. Para explicá-la Hesíodo relata o mito das *Cinco Idades*.

Narra-se o mito das cinco raças do verso 109 a – 201. Vai desde a ‘khrýseon guénos’, a ‘guénos sidéreon’, *da raça do ouro à de ferro*, quatro metais: ouro, prata, bronze e ferro, conforme a qualidade do metal, teríamos a qualidade de vida: assim, o ouro significaria abrigo aos males e dificuldades... Intercalou o Poeta entre a Idade de Bronze e a de Ferro a Idade dos Heróis.

A estruturação das *Idades* se faz por antítese aos pares: a de *Ouro*, criada pelos próprios deuses imortais, durante o reinado de Crono, Saturno dos romanos, apresenta os homens em completa confraternização, em paz, sem competição, sem rivalidade e sem guerra. Não trabalhavam e a terra sozinha fazia brotar o fruto sem precisar de um arado que a rasgasse e fosse feita a semeadura. A raça é denominada ouro, porque este simboliza a realeza. Eles não envelheciam e a morte deles era um sono profundo. Mergulhados neste sono eram destinados a um local privilegiado.

A deusa Astreia vivia entre os mortais na *Idade de Ouro*, mas os abandonou, porque não os convenceu de viver com justiça. Subiu aos céus e tornou-se a Constelação de Virgem.

Na *Écloga IV*, Vergílio (70 – 19 a.C.) assimilou essa passagem da *Idade de Ouro* e nos apresenta a Virgem Astreia presidindo uma outra era paradisíaca na Itália. Até Saturno retornou e governou:

Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna

Agora volta o reinado de Saturno e também retorna a Virgem
(6)

Pela falta de culto aos deuses, o que se constitui numa violência, ‘hýbris’, melhor dizendo numa impiedade: numa ‘adikía’, os mortais passam ocupar a *Idade de Prata*. Nesta perdem alguns privilégios, mas continuam sem trabalhar e longe da guerra. Junito Brandão aponta nos mortais da *raça argêntea fortes analogias com os Titãs: o mesmo caráter, a mesma função, o mesmo destino. (...) disputam com Zeus o poder sobre o universo.* (1994, p. 174)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mas os homens se tornaram arrogantes e competitivos. Lutaram pelo cetro. Transformaram-se em soldados. Hesíodo emblematicamente essa idade pelo bronze, que, para os gregos, tem eficácia apotropaica, mas está ligado ao poder e a guerra: o brilho do metal espalha o terror ao inimigo, os soldados atacam com suas espadas de bronze e se defendem com suas couraças, capacetes e escudo, no mínimo com revestimento êneo.

Na *Idade dos Heróis*, há uma raça mais justa e mais brava. Eles são semideuses. Dotados de ‘timé’, honra pessoal, e ‘areté’, excelência. Mas no mito como relato da soberania de Zeus, nos momentos incertos os Hecatonquiros ajudaram o filho de Crono a derrotar os Titãs. Por isso, Zeus os recompensou com a imortalidade, dando-lhes néctar e ambrósia. Assim, seriam os heróis premiados pela prudência, ‘sophosýne’, e respeito à justiça, ‘Díke’, com Ilha dos Bem-Aventurados. Note-se aqui o mito espelho que reflete os atos políticos do exercício de mandatários.

A de ferro tem as seguintes características: doenças, velhice, morte; incerteza do amanhã e do futuro; Pandora, a mulher fatal e a necessidade do trabalho. É a era da convivência inseparável entre o bem e o mal, não em forma de simples antítese, que se constituísse de uma equivalência, equilíbrio entre as ideias, que propícia a compatibilidade entre elas mesmas, como “Sol e chuva, casamento de víuva.” Sabe-se que o sol pode brilhar simultaneamente com a chuva, e até pode criar os belos arco-íris. Mas num oximoro (“oxi-”, quer dizer agudo e “-moro”, louco, néscio), como “Dia de muito, véspera de nada.” há a incompatibilidade, e não ideias coordenadas.

Alguns pontos sobre a *Idade de Ferro* nos versos de Hesíodo. No contexto época do Poeta de Ascrá, vigora a lei do mais forte. Para ilustrar isso, relata-nos um episódio entre o “gavião” e o “rouxinol”: o primeiro é emblemático dos “reis comedores de presentes”, já que é típico de um predador a voracidade como ave de rapina que é; o rouxinol-cantor simboliza um poeta, “fingidor” de Fernando Pessoa. Trata-se de uma denúncia da prepotência dos ricos contra os pobres.

A condição humana de descomedimento e de desrespeito religioso, condensados na antítese de elementos incompatíveis: *Violência*, ‘Hýbris’ oposta à *Justiça*, ‘Díke’. Os mortais criaram o mundo

A CIDMAR TEODORO PAIS

ambíguo, do bem e do mal, do nascimento e morte, do homem em oposição à mulher...

OVÍDIO

Publius Ovidius Naso (43 a. C. – 18 d. C.) educou-se em Roma e estudou retórica na Grécia, embora o pai lhe tivesse apontado o caminho para o Direito, despertou bem cedo o seu interesse pela poesia. Algumas de suas obras são *Arte de Amar*; *Os Amores*; *Heroides*; *Os Remédios do Amor*; *Cosméticos para o Rosto*; *Os Fastos*; *Tristes* – em dísticos elegíacos ou pentâmetro datílico, como esta página poética que citamos a seguir; *Haliêutica* e *Metamorfoses*, em hexâmetro datílico.

Examinemos este pentâmetro datílico de Ovídio:

Donec e\riIs fE\Ix, // mUl\toS nume\rAbis a\mIcOs;
TEmpora \sI fue\rInt // nUbila, \sOlus e\ris, (*Tristes*, I, 9-56)
[Enquanto fores feliz, contarás muitos amigos,
se os tempos se tornarem nebulosos, ficarás só.]

Uma das fontes de Ovídio foi Hesíodo para escrever as suas *Metamorfoses*, poema que descreve a *Idade de Ferro* a partir do hexâmetro datílico 127.

(...)de duro est ultima ferro.
protinus inrupit venae peioris in aevum
omne nefas: fugere pudor verumque fidesque;
in quorum subiere locum fraudesque dolusque..... 130
insidiaeque et vis et amor sceleratus habendi.
vela dabant ventis nec adhuc bene noverat illos
navita, quaeque prius steterant in montibus altis,
fluctibus ignotis insultavere carinae,
communemque prius ceu lumina solis et auras..... 135
cautus humum longo signavit limite mensor.
nec tantum segetes alimentaue debita dives
posebatur humus, sed itum est in viscera terrae,
quasque reconciderat Stygiisque admoverat umbris,
effodiuntur opes, inritamenta malorum..... 140
iamque nocens ferrum ferroque nocentius aurum
prodierat, prodit bellum, quod pugnat utroque,
sanguineaue manu crepitantia concutit arma.
vivitur ex raptu: non hospes ab hospite tutus,
non socer a genero, fratrum quoque gratia rara est; 145
imminet exitio vir coniugis, illa mariti,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

lurida terribiles miscent aconita novercae, filius ante diem patrios inquiri in annos: victa iacet pietas, et virgo caede madentis ultima caelestum terras Astraera reliquit.	150
Neve foret terris securior arduus aether, adfectasse ferunt regnum caeleste gigantas altaque congestos struxisse ad sidera montis. tum pater omnipotens misso perfregit Olympum fulmine et excussit subiecto Pelion Ossae.....	155
obruta mole sua cum corpora dira iacerent, perfusam multo natorum sanguine Terram immaduisse ferunt calidumque animasse cruorem et, ne nulla suae stirpis monumenta manerent, in faciem vertisse hominum; sed et illa propago.....	160
contemptrix superum saevaeque avidissima caedis et violenta fuit: scires e sanguine natos.	
(...) a última provém do duro ferro.....	127
Imediatamente rebentou para a existência todo crime Do pior das entranhas: a fé, a verdade e a vergonha fogem E para o local dos quais vieram as fraudes, astúcia,	130
A cilada, a força prepotente e o amor criminoso de possuir. Davam (os navegantes) velas aos ventos, nem mesmo os marinheiros Conheciam bem os ventos; quantas naves, durante muito tempo, se ergueram Nas altas montanhas e saltaram nas ondas desconhecidas. O medidor cauteloso assinalou a terra, antes comum,	135
Assim como a ti, raios do sol e os ares. Nem somente as searas, o sustento devido, a rica terra era solicitada, Mas também mergulhou-se nas entranhas da terra, Cavou-se das sombras infernais o que se ocultou lá E recursos, incentivo a males, são extraídos.....	140
O ferro já se mostrou tão prejudicial, o ouro (é) mais maléfico Do que o ferro. Surge a guerra, apoiada em ambos, Com a mão sangrenta vibra as armas barulhentas. Vive-se de roubos: o hóspede não confia na hospedagem; O sogro, no genro; do mesmo modo é raro o reconhecimento entre irmãos. 145 O esposo ameaça de morte o cônjuge, ela, o marido; As madrastas misturam plantas venenosas; O filho conta os dias de vida dos pais; A piedade jaz vencida, e a Virgem Astreia, a última divindade, Deixa a terra ensanguentada em carnificina. ²²	150
Contam que os gigantes ambicionavam o reino celeste E acumularam montes sobre montes até os altos astros. Então o pai onipotente partiu o Olimpo com raio arremessado E separou o Pélion ao Ossa sotoposto.	

²² Vergílio, *Geórgicas II*, 473-474: *sacra deum sanctique patres; extrema per illos / iustitia excedens terris uestigia fecit, o culto dos deuses e a veneração pelos pais; entre eles a justiça deixou na saída os vestígios nas terras.*

A CIDMAR TEODORO PAIS

Como jazessem cobertos os ferozes corpos pelo volume,.....155
Contam que a Terra ficou banhada pelo sangue dos seus filhos
E ensopada tornou vivo o sangue quente.
E, para que permanecesse memória de sua estirpe,
Os converteu em forma de homens. Mas aquela raça160
Contemptora dos deuses superiores, avidíssima do crime e crueldade
E violenta: sabe-se de que sangue são nascidos.

DANIEL E O SONHO DE NABUDONOSOR

Analógico ao mito das *Cinco Idades* é o Sonho de Nabucodonosor. Em Daniel 2, 29 – 43, o profeta interpreta o sonho de Nabucodonosor: uma estátua, *A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze; as pernas de ferro, os pés em parte de ferro, em parte de barro (31-2).*

A significação dessa passagem é o desdobramento histórico das grandes civilizações: o ouro = apogeu e queda da Babilônia; a prata, auge e decadência persa; o bronze, ascensão e decadência da Grécia; as pernas de ferro, o soldado romano, dominador das outras civilizações, mas que aceitou a mistura com os outros povos, cuja representação é com *os pés em parte de ferro em parte de barro.*

Em latim, o respeito recíproco se denomina *pietas*: governo em que o povo pode confiar. Tal sentimento é o que liga pais e filhos, constitui o laço familiar e vem projetada do culto dos antepassados, do *mos maiorum*, o *costume dos antepassados*. Os romanos se sentiam protegidos pelos deuses *Manes* (divindades honradas como etapa de culto aos mortos), *Lares* (espíritos tutelares) e *Penates* (divindades patronas do interior da casa).

BIBLIOGRAFIA

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols.I-II.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Introdução, tradução e comentários por Mary de Camargo N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

KERENYI, Carl. *Dioniso*: Imagem arquetípica da vida indestrutível. Tradução de Ordep T. Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1974.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Texte établi et traduit par Louis Méridier. Tome V – 2^e partie. Paris: Les Belles Lettres. 1931.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Traduzido por Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VIRGILE. *Les géorgiques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

A CIDMAR TEODORO PAIS

INTERTEXTUALIDADE É METALINGUAGEM?

André Conforte (UERJ)

Segundo Valente (1997, p. 122), “a intertextualidade é um dos traços da metalinguagem”. A afirmação se justificaria pelo fato de que toda referência a outros textos será uma retomada à linguagem. No presente estudo, cabe perguntar se toda sorte de intertextualidade, ou mesmo qualquer forma de intertextualidade configurará também metalinguagem.

Chalhub (2002, p. 52) corrobora a visão de Valente, ao afirmar que “A intertextualidade é uma forma de metalinguagem, onde se toma como referência uma linguagem anterior”. A concepção de intertextualidade de Chalhub, assim como a de Valente, engloba tanto o que Laurent Jenny (1979) chamou de intertextualidade *interna* (quando o autor cita a si próprio) quanto de *externa* (quando a citação é a outro autor). Desse modo, Carlos Drummond de Andrade, ao citar a si mesmo em “Consideração do poema”:

Uma pedra no meio do caminho
Ou apenas um rastro, não importa.
Estes poetas são meus (...),

Estaria em intertextualidade interna com o seu célebre “No meio do caminho”. Já Manuel Bandeira estaria em intertextualidade externa ao citar o bardo lusitano em “A Camões”:

Não morrerá, sem poetas e soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.

Chalhub (*idem*) vai além e afirma que outra obra de Bandeira, “Poética” (“Estou farto do lirismo comedido/ Do lirismo bem comportado/ Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor...”) está em relação de intertextualidade – e, por extensão, na visão da autora, metalinguagem – com poemas parnasianos como “Profissão de fé”, de Olavo Bilac (“...Quero que a estrofe cristalina/ Dobrada ao jeito/ do ourives, saia da oficina/ sem um defeito...”).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tratar-se-ia, nesse caso, de uma batalha entre diferentes concepções de poesia, diferentes modos de ver o mundo, portanto, diferentes linguagens? Pensamos, consoante Fiorin (2004) que um embate entre diferentes visões de mundo, como ocorre no caso dos poemas modernistas que satirizavam os parnasianos, está muito mais ligado ao conceito de *interdiscursividade* (que abordaremos mais adiante) do que de *intertextualidade*. Cabe ainda perguntarmos se tanto a intertextualidade externa quanto a interna configuram aquilo que poderíamos chamar de metalinguagem. É também necessário perguntar a que Chalhub se refere mais especificamente quando fala em “linguagem anterior”. Qual a amplitude do conceito de linguagem que temos de aceitar? Esse parece ser o fator preponderante para delimitar a abrangência da metalinguagem dentro da língua. Cremos ainda que, para tentar chegar a alguma conclusão, é necessário abordar ainda conceitos como polifonia, dialogismo e outros afins.

Segundo Meserani (1995, p. 63-64),

Intertextualidade é uma expressão do léxico atual da teoria da literatura criada pela semioticista Julia Kristeva, para designar o fenômeno da relação dialógica entre textos. As primeiras formulações sobre esta relação, em termos de imanência do texto e não de influências marcadas extratextualmente, vêm de dois ensaios pioneiros de autores ligados ao formalismo russo. O primeiro, “Dostoievsky e Gogol: contribuição à teoria da paródia”, de J. Tynianov, foi publicado em 1921. Posteriormente, em 1929, surge “Problemas da poética de Dostoievsky”, de M. Bakhtin, a quem se devem as expressões dialogismo e polifonia transpostas para o campo da crítica e da poética literárias.

Portanto, o termo *intertextualidade* teria sido desenvolvido por Kristeva a partir do conceito bakhtiniano de *dialogismo*. No entanto, para Fiorin (2003, p. 29), o termo criado por Kristeva empobreceu o conceito de *dialogismo*. Assim ele expõe seu pensamento:

Quando o semioticista russo foi introduzido no Ocidente, provocou vivo interesse. No entanto, seu pensamento foi um pouco empobrecido. À rica e multifacetada concepção do dialogismo em Bakhtin se opôs o conceito redutor, pobre e, ao mesmo tempo, vago e impreciso de intertextualidade. Foi Kristeva quem, no ambiente do estruturalismo francês dos anos 60, pôs em voga esse conceito.

Fiorin justifica sua afirmativa pelo fato de que, em Bakhtin, o dialogismo compreendia uma ordem de fenômenos, como o discurso objetivado – ou seja, o discurso da personagem representada, carac-

A CIDMAR TEODORO PAIS

terística fundamental do romance moderno – que foram deixados de lado ao se propor o conceito de intertextualidade:

Esse fenômeno [o do discurso objetivado] não pode ser ignorado, pois é ele que dá ao romance a característica da plurivocidade (*Idem*, 1988). É isso que permite produzir o confronto de discursos produzidos em vários lugares sociais, que caracteriza o romance. Esses discursos traduzem as visões do mundo que permeiam uma formação social. Nos romances de Balzac, por exemplo, manifestam-se as vozes da aristocracia, da burguesia e da pequena burguesia. (*idem*, p. 35)

O que se percebe, no entanto, é o uso de um termo por outro, indiscriminadamente, sendo que o termo adotado por Kristeva tem uso muito mais largo. Quanto à noção de *polifonia*, vem da distinção que Bakhtin fazia entre romances *monológicos* e *polifônicos*. Aqueles conteriam personagens veículos de uma única ideologia, de uma única visão de mundo, ao passo que nestes “cada personagem funciona como um ser autônomo, exprimindo sua própria mundivivência, pouco importa coincida ela ou não com a ideologia própria do autor da obra”, como bem define Edward Lopes (2003); para Bakhtin, o representante máximo do romance monológico seria Tolstói, ao passo que Dostoievski inauguraria o romance polifônico em seu país.

Feita essa breve conceituação, prossigamos na discussão do problema. Já se tornou célebre entre os estudiosos da obra de Bakhtin (2000, p. 319) a seguinte passagem:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A ideia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico. (grifo nosso)

Portanto, tudo já foi dito da mesma ou de outra forma, todos os enunciados estão em franco diálogo. Ou, como dizia Fernandes Pinheiro, citado por Antonio Candido (1975, p. 11): “É uma ilusão dos parvos ou ignorantes acreditarem que possuem tesouros de originalidade, e que aquilo que pensam, ou dizem, nunca foi antes pensado, ou dito por ninguém”. O trecho acima poderia, então, servir de

suporte ao seguinte raciocínio: se intertextualidade também é metalinguagem, e todos os enunciados são de certa forma intertextuais (porque dialógicos), então o tempo todo estamos fazendo metalinguagem. E, se tudo é metalinguagem, esta passa a ser sinônimo de linguagem. Logo, mostrar-se-ia redundante o conceito de metalinguagem? É por isso que acreditamos que é necessário estabelecer critérios mais exatos para a abrangência da intertextualidade enquanto metalinguagem.

Como parte do curso de Doutorado em Língua Portuguesa na UERJ, na disciplina “Descrição do Português contemporâneo” durante o 1º semestre de 2006, o professor André Valente propôs a seus alunos de doutorado a seguinte questão: “A intertextualidade faz parte da função metalinguística?” A própria elaboração da tarefa já demonstra que se trata de uma questão em aberto. Propusemo-nos a analisar as respostas que consideramos mais relevantes:

Um dos doutorandos disse pensar que “a intertextualidade pode ser aproximada da função metalinguística a partir do momento que tomemos a relação dialógica como parte integrante da linguagem e admitamos como código texto (ou literatura, ou propaganda etc.)”. Note-se que ele condiciona essa aproximação à admissão do texto como código: não estaria havendo aqui confusão entre metalinguagem e metadiscurso, uma quebra de fronteira entre código e mensagem? No entanto, mais à frente, reconhece que o conhecimento de mundo do leitor se dá de modo exterior ao código, portanto, não se poderia aproximar a relação dialógica da função metalinguística. Conclui, enfim, que a inserção da intertextualidade na função metalinguística “desloca a proposta de Jakobson”, “tratando o texto e a textualidade como código”. Termina seu trabalho reconhecendo a necessidade de revisão do conceito de função metalinguística.

Um segundo doutorando primeiramente define intertextualidade e metalinguagem separadamente, para concluir que “a intertextualidade tem um valor semântico-pragmático que serve de base para a compreensão daquilo que denominamos texto.” Isso o faz entender que “a intertextualidade é um código (texto) que explica o próprio código, ou seja, um texto explicando outro texto, dando precisão ao código utilizado pelo emissor através de informações conceituais,

A CIDMAR TEODORO PAIS

definições e explicações, sem as quais um texto poderia ser incompreensível”.

Novamente parece-nos que a aproximação só se torna possível pelo fato de que se está considerando *texto* como *código*, o que é no mínimo questionável. Duas outras passagens desta resposta parecem denunciar certa imprecisão conceitual: logo em seguida, ele afirma que “partindo dessa premissa, pode-se ressaltar que a intertextualidade, até certo ponto, confunde-se com a função metalinguística, no sentido de apresentar algumas características próprias dessa função”.

Primeiramente, o próprio uso do verbo *confundir* já indica certa, com o perdão da redundância, confusão. Em segundo lugar, o fato de intertextualidade e metalinguagem compartilharem algumas características não é suficiente para se colocá-las no mesmo plano.

Por fim, conclui: “Dessa maneira, podemos *admitir* que a intertextualidade faz parte da função metalinguística, pois serve de suporte para que um *código (mensagem)* seja compreendido através de outro código, ou seja, *a explicação da língua pela própria língua* (grifos nossos).

A conclusão acima novamente dá margem a imprecisão terminológica, uma vez que iguala código e mensagem. E, novamente, o esquema jakobsoniano estaria sendo deslocado. Ou o esquema de Jakobson estaria errado, passível de revisão, ou não se estariam respeitando os limites de um e de outro elemento da comunicação.

Uma terceira doutoranda recorre à etimologia do prefixo *meta*, que, segundo o *Aurélio Séc. XXI*, significa *mudança, posteridade, além, transcendência, reflexão crítica sobre*; ou seja, que remete às noções de *transformação, transposição, transcendência e sucessão*”. Conclui, a partir daí: “*Metalinguagem* significa, portanto, constituir-se, fazer-se através dos outros, pela remissão a esse outro; e significa, também, a possibilidade da constituição de tantos outros”.

É bem verdade que o prefixo *meta* possui diferentes significados, mas o que se encontra no termo *metalinguagem*, conforme proposto por Alfred Tarski em 1930 (Chalhub, 2002b), está bem delimitado como *reflexão sobre*, não comportando, a nosso ver, outras

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ideias, como se pode depreender, por exemplo, do conceito de *meta-competência*, jargão administrativo, ou da palavra *meteoro*.

O quarto trabalho analisado foi um dos poucos inclinados a negar essa associação: “Se a metalinguagem está centrada no código e no uso que dele se faz, (...) a ocorrência intertextual, que não focaliza necessariamente esse código, mas atravessa os discursos do outro e, *transproduzindo-os*, trata de qualquer matéria, talvez não seja um traço da função metalinguística”. Conclui: “A metalinguagem apresenta-se, a nosso ver, como um aspecto da prática comunicativa; a intertextualidade, como um aspecto da prática discursiva (...).

A resposta acima pareceu-nos prudente ao deixar bem claro que a metalinguagem e a intertextualidade, até que se redefinam tais conceitos, assim como os próprios conceitos de *código*, *mensagem* e *linguagem*, encontram-se em planos diferentes e não podem, a princípio, ser confundidos. Não estamos dizendo com isso que tomamos uma posição definitiva em relação a este assunto. Não dispomos ainda de elementos teóricos para tal. Mas queremos apenas demonstrar que nos inclinamos a concordar que não é seguro colocar-se a metalinguagem e a intertextualidade em um mesmo plano.

Vamos nos utilizar de um exemplo clássico de dialogismo ou intertextualidade no universo do samba para nos auxiliar na análise da polêmica questão à luz do gênero que nos propomos a estudar. Em show gravado ao vivo no Teatro Rival (RJ), em 1999, Miltoninho, um dos integrantes do quarteto MPB-4, introduz um *pot-porri* cantado pelo grupo, com sambas de Noel Rosa e Wilson Batista, com a seguinte fala:

Conta a lenda que nos anos 30, o Noel Rosa ouviu uma canção pelo rádio na voz de Sílvio Caldas, era uma música de Wilson Batista, um compositor novo, e ele tratava a malandragem assim, de uma forma que o Noel não gostou muito não. Noel ouviu aquilo e resolveu responder musicalmente naquela canção. E deu início a uma polêmica entre Noel e Wilson Batista, uma polêmica que rendeu frutos maravilhosos pra música popular brasileira. Hoje aqui a gente vai reviver essa polêmica (...)23

Com chapéu de lado,
Tamanco arrastando,

²³ CD MPB-4 – *Melhores momentos*

A CIDMAR TEODORO PAIS

Lenço no pescoço,
Navalha no bolso,
Eu passo gingando
Provoco o desafio
Eu tenho orgulho
Em ser vadio

Sei que eles falam
Desse meu proceder
Eu vejo quem trabalha
Andar no miserê
Eu sou vadio
Porque tive inclinação
Eu me lembro, era criança
Tirava samba-canção

Noel Rosa indignou-se com a letra que, segundo ele, maculava a imagem do sambista, e compôs a seguinte resposta para Wilson:

Deixa de arrastar o teu tamanco,
Pois tamanco nunca foi sandália,
Tira do pescoço o lenço branco,
Compra sapato e gravata,
Joga fora essa navalha
Que te atrapalha

Com o chapéu de lado deste rata,
Da polícia quero que escapes
Fazendo um samba-canção
Já te dei papel e lápis,
Arranja um amor e um violão

Malandro é palavra derrotista
Que só serve pra tirar
Todo o valor do sambista
Proponho ao povo civilizado
Não te chamarem de malandro
E sim de rapaz folgado

Wilson Batista devolveu em seguida:

Você que é mocinho da vila,
Fala muito em violão
Barracão e outros fricotes mais
Se não quiser perder o nome
Cuide bem do microfone
Deixe quem é malandro em paz
Injusto é seu comentário
Fala de malandro quem é otário

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mas malandro não se faz
Eu, de lenço no pescoço
Desacato, também tenho meu cartaz
(modéstia à parte, eu sou rapaz)

A resposta de Wilson fez com que Noel nos presenteasse com um dos grandes clássicos do samba, *Palpite Infeliz*:

Quem é você que não sabe o que diz?
Meu Deus do céu, que palpite infeliz!
Salve Estácio, Salgueiro e Mangueira,
Oswaldo Cruz e Matriz
Que sempre souberam muito bem
Que a Vila não quer abafar ninguém
Só quer mostrar que faz samba também

Fazer poema lá na vila é um brinquedo
Ao som do samba danço até o arvoredado
Eu já chamei você pra ver, você não viu porque não quis
Quem é você que não sabe o que diz? (...)
A vila é uma cidade independente
Que tira samba, mas não quer tirar patente
Pra que ligar a quem não sabe onde tem o seu nariz
Quem é você que não sabe o que diz?

A brilhante composição de Noel fez com que Wilson perdesse a elegância e compusesse dois sambas bem “agressivos”: *Conversa Fiada*, em que atacava o bairro de Noel, e o cruel *Frankstein (sic) da Vila*, um dos capítulos mais funestos de nossa música popular, uma óbvia referência à deformidade facial de Noel:

Boa impressão nunca se tem
Quando se encontra um certo alguém
Que até parece um Frankstein
Mas como diz o rifão: por uma cara feia perde-se um bom coração
Entre os feios é o primeiro da fila
Todos reconhecem lá na Vila
Essa indireta é contigo
Depois não vai dizer que eu não sei o que digo
Sou teu amigo

A lista não está completa; outros sambas foram compostos nessa polêmica, que parece ter culminado com o também célebre *Feitiço da Vila*, de Noel, mas por ora os sambas arrolados nos bastam para perceber que se trata claramente de uma relação de intertextualidade externa, em que um autor dialoga com o outro. No entanto, a única forma de considerar que ocorre metalinguagem nessa relação

A CIDMAR TEODORO PAIS

dialógica seria considerar que os textos acima são *códigos*, e não *mensagens*. Ou que, a cada vez que se estivesse aludindo a outro samba, se estivesse recorrendo a uma espécie de *supercódigo*, *hipercódigo*. Mas aí correríamos o risco de, novamente, cair na questão da redundância; E talvez resida aqui a maior dificuldade para essa aproximação. Pensamos constituir o universo do samba (ainda que não uno), como elemento de nossa cultura, um sistema semiótico próprio, daí defendermos a existência do chamado metassamba. *Palpite Infeliz*, por exemplo, apresenta uma série de elementos ligados ao campo semântico do samba. Mas acreditamos que o que o torna um samba metalinguístico é sua própria composição interna, e não a relação dialógica que estabelece com outras composições.

Perrone (1988, p. 46)), sem intenção aparente de problematizar os conceitos, estabelece um critério que nos faz pensar um pouco mais no assunto. Ao analisar a obra de Chico Buarque, constata a presença de intertextualidade literária (ou seja, externa) em uma série de obras de Chico, fato que não constitui em si novidade; mais adiante (Idem: 56), reconhece a existência de uma intertextualidade *interna* na obra do compositor, como no caso de *Essa moça tá diferente*, da qual faz uma leitura que vale a pena reproduzir na íntegra:

Na canção *metalinguística* “Essa moça tá diferente”, Chico confronta uma transfiguração real: as mudanças na música popular brasileira e nos gostos do público jovem, ambos simbolizados no texto por “a moça”. Chico escreve as estrofes desta composição em quadras, a forma mais divulgada da poesia popular para fazer observações irônicas sobre a “modernização” musical e sobre as mudanças nos valores culturais que o teriam afetado (grifo nosso).

Essa moça ta diferente
Já não me conhece mais
Está pra lá de pra frente
Está me passando pra trás

Esta moça ta decidida
A se supermodernizar
Ela só samba escondida
Que é pra ninguém reparar

Eu cultivo rosas e rimas
Acho que é muito bom
Ela me olha de cima

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e vai desinventar o som

faço-lhe um concerto de flauta
e não lhe desperto emoção
ela quer ver o astronauta
descer na televisão...
essa moça é a tal da janela
que eu me cansei de cantar
e agora está só na dela
botando só pra quebrar...

Este uso de “janela” é facilmente decifrado como uma referência a “Ela e sua janela”, “Carolina” e “Januária”, e às personagens femininas daquelas canções. (*Idem, ibidem*)

A análise de Perrone nos faz pensar na seguinte hipótese: se por um lado torna-se difícil associar os casos de intertextualidade *externa* à metalinguagem, talvez não seja tanto quando se trata dos casos de intertextualidade *interna*, uma vez que, no segundo caso, o autor está fazendo uma auto-reflexão sobre o seu próprio fazer poético; nesse caso, retomando os exemplos dados por Chalhub (2002), poder-se-ia admitir uma metalinguagem quando Drummond retoma a sua *Pedra no Caminho*, o que não ocorreria quando Bandeira cita Camões. É uma hipótese que cremos valer a pena levantar, ainda que seus alicerces não sejam os mais firmes.

Portanto, voltando ao caso de Noel, se tendemos a rejeitar traços de metalinguagem em seu diálogo musical com Wilson Batista, podemos aceitar que há metalinguagem em alguns de seus trabalhos auto-referentes, como é o caso de *De Babado* (parceria com João Mina), em que ocorre a citação da já citada *Palpite Infeliz*:

Com vestido de babado
Eu comprei lá em Paris
Eu sambei num batizado
Não dei palpite infeliz
(você não viu porque não quis)

Há ainda a ocorrência de um *interdiscurso* em determinadas letras de samba. Em nossa pesquisa, pudemos coletar alguns sambas que dialogam com correntes filosóficas ou com ideologias vigentes. Vejamos o caso de *Chico Brito*, de Wilson Batista:

Lá vem o Chico Brito
Descendo o morro nas mãos do Peçanha

A CIDMAR TEODORO PAIS

É mais um processo
É mais uma façanha
Chico Brito fez do baralho o seu melhor esporte
É valente no morro
E dizem que usa uma erva do norte
Quando menino estive na escola
Era aplicado, tinha religião
Quando jogava bola era escolhido para capitão
Mas a vida tem os seus revezes
Diz sempre Chico defendendo teses:
Se o homem nasceu bom
E bom não se conservou
A culpa é da sociedade que o transformou

Os três últimos versos atravessaram os séculos, desde Rousseau, até servir de inspiração, sabe-se lá por que caminhos, a um compositor de pouquíssima escolaridade, morador do Morro da Mangueira.

Há ainda o caso de *Aos Pés da Cruz*, de Zé da Zilda e Marino Pinto, em que o famoso aforismo de Pascal, já popularizado, é evocado:

O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras, depois esquece
Seguindo este princípio
Você também prometeu
Chegou até a jurar um grande amor,
Mas depois esqueceu...

Maingueneau (1997) afirma que “O *interdiscurso* está para o *discurso* como o *intertexto* está para o texto”. Segundo Fiorin (2004), na perspectiva da análise de discurso da linha francesa (a chamada AD), o discurso já é constitutivamente heterogêneo, daí tornar-se a unidade de análise da AD. Observando as letras dos sambas acima, percebe-se a diferença mais visível entre o intertexto e o interdiscurso: o primeiro se mostra textualmente no fio do discurso, o que não ocorre com o segundo; eis porque no segundo caso o texto pode carregar de forma bem mais sutil as marcas ideológicas que o constituíram, como no caso de *O Bonde de São Januário*, de Ataulfo Alves e Wilson Batista, composição que atendia aos interesses do Estado Novo de Vargas:

Quem trabalha é que tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O bonde de São Januário
Leva mais um operário
Sou eu que vou trabalhar

Os exemplos acima serviram apenas para demonstrar que, assim como se podem encontrar traços metalinguísticos em uma série de sambas, é igualmente possível detectar vários indícios de intertextualidade e de interdiscursividade no gênero, mas não há que, necessariamente, se relacionar uma coisa com a outra. Acreditamos que, somente a partir do momento em que o conceito de linguagem, assim como diversos conceitos ligados às teorias da própria linguagem, da comunicação e do discurso estiverem mais nitidamente definidos, delimitados e co-relacionados, será possível (ou não) agrupar a noção de metalinguagem à de intertextualidade e a outras afins. Nem sequer é possível afirmar se há possibilidade ou mesmo necessidade dessa “redefinição” de conceitos. O certo é que, por ora, limitamos a desconfiar de que estabelecer essa relação (metalinguagem = intertextualidade/interdiscurso) de modo definitivo seria forçoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol. 1. São Paulo: USP, 1975.

CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 2002.

———. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 2002b.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

———. Bakhtin e a concepção dialógica da linguagem. In: ABDALA JR., Benjamin. *Margens da cultura*: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1993.

A CIDMAR TEODORO PAIS

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. **In:** *Poétique*, nº 27. Coimbra: Almedina, 1979.

LOPES, Edward. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. **In:** BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.

MÁXIMO, João & DIDIER, Carlos. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: UnB/Linha Gráfica, 1990.

MESERANI, Samir. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.

PERRONE, Charles A. *Letras e letras da MPB*. Rio de Janeiro: Elo, 1998.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

A língua latina continua a ser utilizada hoje em dia, principalmente pelo Vaticano. Nesta apresentação, falarei de duas utilizações modernas do latim, uma em jornal de notícias atuais e outra numa estação de rádio.

Em Varsóvia, na Polônia, é publicado um jornal, que tem o título de *Ephemeris*. Na Rádio Bremen, da cidade alemã Bremen, há também um noticiário falado em latim.

O JORNAL EPHEMERIS

Pela Internet, consegui três números do jornal *Ephemeris*. Começamos pelo primeiro número, que tem a seguinte data: *JOVIS DIE 26 MENSIS APRILIS 2007*. Na mesma linha da data, aparece a célebre frase: *Homo sum humani nihil a me alienum puto*. Essa frase aparece também no outro número.

O texto está dividido em quatro colunas:

a) na primeira, aparece uma espécie de índice, com títulos tais como *Acta, Breves, Miscellanea, Chronicae, Nuntii Finnici, Cinemata, Otium, Fabulae* etc.

b) Na segunda coluna, aparecem curtas notícias internacionais. Essas notícias são iniciadas por uma frase, que, às vezes, é formulada em acusativo com infinitivo, outras vezes, no indicativo. Assim: *Puero captivum fuisse decapitandum – Pontem Tigridis ab attemptatore displosum esse* – ou então *De Samomonum Insularum tsunami – Congressus a Georgio Bush ob Iraquiam vituperatur*. Depois do título, vem a notícia, como, por exemplo, *Congressus Americanus monitus est a praeside Georgio W. Bush quod legislatorum disputatio de pecuniis destinandis exercitui Statounetensi in Iraquia sit obfutura*.

A CIDMAR TEODORO PAIS

c) Na terceira coluna, aparecem notícias de menor importância, com títulos tais como RELIGIO, IN ORBE, INSOLITA, SOCIALIA etc. Por exemplo: *Turcienses editores Bibliae christianae interfecti.* – *Infortunium in horto zoológico factum.*

d) Na quarta coluna, aparecem títulos como HISTORIA – *Nuper demonstratum est reliquias mortales Iohannae Arcuanae heroinae Francogalliae nationalis falsatas esse more audacissimo.*

A segunda página tem o mesmo estilo ou diagramação.

O segundo número tem a data de *LUNAE DIE 6 MENSIS AUGUSTI 2007.*

Obedece à mesma diagramação do primeiro número.

As notícias destacadas são:

De Índia finitimisque civitatibus inundatis – Germanos políticos indignari de atômico commercio Sarkzyl atque Gadafii – I Afganistania iterum periegetas ereptos esse – De reclamationibus in Peruvia – Papam reposcere missam latinam

O terceiro número tem a data de *JOVIS DIE 9 MENSIS AUGUSTI 2007.*

A diagramação é um pouco diferente: apresenta três colunas, ostentando uma foto em tamanho grande de Sarkozy e Gadaff. Dá grande destaque ao problema do comércio atômico de Sarkozy, presidente da França, com Gadaff, ditador da Líbia.

O LÉXICO DE EPHEMERIS

Um ponto importante a ser mencionado é o léxico empregado para referir acontecimentos e objetos modernos.

Apresento aqui uma série de termos, para discutirmos seu significado.

Do N° 1
scopocinematate
autoraedarius bombifer
statounitensi (dativo)
cinematate (ablativo)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

crucigramma
facetiae (termo antigo)
nubeculata
aeroplanum pyraulicum
aeroplaniga
Francogallia
in senatu inferiore
automobilium
autoraedarum

Nº 2

irrumavit puellam:
(ruma=teta – irrumare=faire sucer – Cf. fellare)
periegetas ereptos (grego: perihght»j. No grego antigo=guia; no
grego moderno= turista)
astyphylacibus
meschita
arrestati
certamen autoraedarum
quinque miliarda euronum
banca argentaria
bursarum mundanarum

Do N 3

nationalismo
atômico commercio
partium
Prasini
reactrum atomicum
drama connubiale
se ipsum sclopetando
mulcta 25 milliens milibus viridorum thalerorum consistens
parlamenti
energiae atomicae

A CIDMAR TEODORO PAIS

O PROGRAMA LATINO DA RADIO BREMEN

Bremen é uma cidade industrial, situada no Norte da Alemanha. A Radio Bremen mantém um programa em que as notícias são dadas em latim.

Consegui pela Internet um folheto apresentado em junho de 2007. Aparecem aí notícias como as que seguem:

a) *Eventus prosperrimus – Hominibus doctis successit ut arte quadam genetica cellulas murum corporales converterent in cellulas primordiales, quae in in quamvis fere telam corporis adolescere possunt.*

b) *Bellum Palaestinensium civile.*

c) *Copia cervisiae consumptae aucta*

d) *NOTABILIA: Romanorum castra Transalpina amplissima*

ALGUNS PONTOS A CONSIDERAR

Observamos que, tanto em *Ephemeris*, quanto no folheto da Rádio Bremen, são utilizadas as letras ramistas. Eu, pessoalmente, considero isso um ponto criticável.

Não sabemos como esses textos são pronunciados em latim.

Convém refletir se os termos modernos são bem cunhados. Por exemplo que dizer de *aeroplanum pyraulicum*? não poderia ser *aeroplanum iactatum*?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. 26^o éd. Paris: Hachette, 1963.

EPHEMERIS: Nuntii Latini universi – <http://ephemeris.alcuinus.net>

ERNOUT, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4^o éd. Paris: Klincksieck, 1967.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PEREIRA, I. *Dicionário grego-português e português-grego*. 5ª ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

PERNOT, H. *Lexique grec moderne-français*. Paris: Garnier Frères, (s/d).

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SILVA, A. C., MONTAGNER, A. C. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: A.C.S.-A.C.M., 2005.

STEINMETZ, A. *Neugriechisch*. Berlin: Langenscheidt, 1955.

A CIDMAR TEODORO PAIS

O JOGO DE LINGUAGENS NOS SAMBAS-ENREDO

Juliana dos Santos Barbosa

INTRODUÇÃO

A criação de sambas-enredo é pautada por um texto – a sinopse do enredo. Os compositores devem musicar, com riqueza poética e melódica, o tema do desfile das escolas de samba. O processo de concepção desses sambas envolve, portanto, um constante diálogo com o texto-fonte, na busca por comunicar eficazmente o enredo.

Neste artigo analisamos trechos²⁴ de sambas elaborados para o carnaval de 2007 da Escola de Samba Unidos do Viradouro, do Grupo Especial do Rio de Janeiro, que teve como enredo: “A Viradouro vira o jogo”.

Selecionamos a primeira estrofe das quatro composições finalistas do concurso de sambas promovido pela Escola, para avaliar sua intertextualidade com a sinopse, e procedemos, subsequentemente, a uma análise comparativa, com o objetivo de checar o grau de adequação das referidas letras ao enredo.

Em seguida, complementamos a análise, observando, exclusivamente na letra do samba vencedor, a expressividade da linguagem, destacando alguns recursos estilísticos utilizados por seus autores.

O ENREDO

Com o enredo sobre as diversas modalidades de jogos existentes no tempo e no espaço, o carnavalesco Paulo Barros teve como objetivo central, conforme trecho da sinopse, “mergulhar no universo mágico dos jogos, transformando a Passarela do Samba num imenso tabuleiro, a ser percorrido rumo à vitória no carnaval 2007”. Resumidamente, a sinopse foi dividida em três partes:

²⁴ A dissertação de mestrado da autora contempla todas as estrofes de cada samba-enredo. Pela natureza deste trabalho, foi necessário reduzir o referido *corpus*. A análise comparativa dos sambas considera, entretanto, as composições em sua totalidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- a) *Tabuleiro* (o lugar de encontro entre duas antigas formas de brincar: o carnaval e os jogos);
- b) *Preparação do jogo* (embaralhe as cartas, gire a roleta, role os dados. A sorte está lançada!);
- c) *O jogo* (fase 1 – façam suas apostas; fase 2 – abra o jogo e conheça seu destino; fase 3 – arme a melhor jogada; fase 4 – faça você mesmo; fase 5 – por um triz ; fase 6 – passe o tempo; fase 7 – vencer, vencer, vencer)

A INTERTEXTUALIDADE NOS SAMBAS-ENREDO

Uma vez que o enredo aponta elementos do universo semântico e sintático a serem utilizados na composição da trilha sonora dos desfiles carnavalescos, fragmentos intertextuais permeiam preponderantemente tais composições.

O conceito de intertextualidade fundamenta-se basicamente na relação entre textos, sendo definida por Barros e Fiorin (1994, p. 30) como “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”. Tais relações podem ser explícitas ou implícitas, e os autores as classificam em três modalidades: a citação, a alusão e a estilização.

A intertextualidade pelo processo de citação ocorre, de acordo com os autores, quando há reprodução literal do texto-fonte. No processo de alusão, não há citação de palavras, mas reprodução de construções sintáticas ou figurativizações do tema. Quanto à estilização, que consiste na reprodução do estilo de outrem, estilo deve ser entendido como o conjunto das recorrências que produzem um efeito de sentido de individualização.

O CONCURSO DE SAMBAS NA VIRADOURO

Para escolha do samba-enredo há um processo de seleção, coordenado pela diretoria da agremiação carnavalesca. Cada escola tem um cronograma para o concurso, que deve adequar-se ao calendário da LIESA, que estabelece a data de gravação do CD (disco compacto) com os sambas-enredo de cada ano.

A CIDMAR TEODORO PAIS

No ano de 2006, em uma decisão pouco comum, a diretoria da Viradouro desclassificou 31 sambas, dos 37 inscritos, antes da primeira eliminatória. Das seis composições classificadas para o concurso, quatro chegaram à fase final, sendo de autoria das seguintes parcerias: 1) Evaldo, Tamiro, Peralta, Deivson e Marcinho; 2) Zé Katimba, Zé Glória, Sergio Soares, Inacio Rios e André Luis; 3) José Antonio, Julio Louzada e Washigton Motta; 4) Gustavo Clarão, Gilberto Gomes, Nando, Pablo e Pc Portugal; (esta eleita vencedora).

SAMBA 1

O samba a seguir, que conveniamos enumerar de 1, é de autoria de Evaldo, Tamiro, Peralta, Deivson e Marcinho, tendo sido interpretado no concurso por Anderson Paz. Segue a primeira estrofe:

- 1 Vem...
- 2 Pra esse mundo fascinante
- 3 Vem... pode apostar
- 4 Mas pra ganhar tem que arriscar
- 5 Ontem já era, do amanhã, o que será?
- 6 O seu destino tem que buscar
- 7 Você deve acreditar
- 8 Não perca a razão, segure a emoção
- 9 Que a hora certa vai chegar
- 10 Pro xeque-mate é só antecipar

Nesta estrofe, os compositores convidam o folião para o fascinante mundo das apostas. Identificamos aqui uma referência às primeiras linhas da sinopse, quando o carnavalesco aponta seu objetivo: “Mergulhar no universo mágico dos jogos”. As expressões *mundo fascinante* (do samba) e *universo mágico* (do enredo) fazem parte do mesmo campo semântico. O verbo *vem* (linhas 1 e 3 do samba), por sua vez, representa um convite aos interlocutores, significado que dialoga com o verbo *mergulhar*, utilizado no enredo em seu sentido figurado, referindo-se ao ato de *integrar-se* ou, utilizando outra figura de linguagem, *entrar de cabeça*.

SAMBA 2

O samba que denominamos de número 2 tem como autores: Zé Catimba, Zé Glória, Sérgio Soares, Inácio Rios e André Luís, e como intérprete, Nêgo e Inácio Rios. Segue a primeira estrofe:

- 1 A Viradouro vira o jogo pra folia
- 2 Na euforia do prazer de arriscar
- 3 Em tabuleiro se transforma a avenida
- 4 A bateria faz o povo delirar (bis)

No verso “A Viradouro vira o jogo pra folia” os autores, além de referenciarem o tema do enredo, traduzem a combinação proposta nas linhas 6 e 7 do enredo: “... lugar de encontro entre duas antigas formas de brincar: o carnaval e os jogos”. E, no verso 3, contemplam o objetivo do carnavalesco de transformar a “Passarela do Samba num imenso tabuleiro”. O quarto verso faz uma alusão à bateria da Escola, que nesse carnaval desfilou, de forma inédita na Marquês de Sapucaí, em cima de um carro alegórico, com seus mais de 300 componentes.

SAMBA 3

Esta composição é de autoria de Zé Antônio, Júlio Louzada e Washington Motta, e interpretada por Nego Lindo. Segue a primeira estrofe:

- 1 Liberou geral!
- 2 O jogo hoje é franco
- 3 Numa cartada genial
- 4 Vou colorir meu carnaval
- 5 De vermelho e branco
- 6 Pode jogar quem quiser
- 7 Quem não tem ou quem tem fé
- 8 Tem chance
- 9 Vou transformar esse terreno
- 10 No mais rico tabuleiro
- 11 O meu grande lance!

Nesta estrofe, entre as linhas 1 e 3, os compositores apresentam a ideia do jogo de uma forma mais genérica, sem referências específicas à sinopse. Nas linhas 4 e 5, encontramos a alusão às cores da escola, presente também na linha 24 do enredo. As linhas 6, 7 e 8 também se configuram com um caráter mais genérico, a exemplo das

A CIDMAR TEODORO PAIS

três primeiras linhas. Já nas linhas 9 e 10, os autores importam para o samba o objetivo da Viradouro de transformar a Passarela do Samba em um tabuleiro.

SAMBA 4

O samba de número 4 é da autoria de Gustavo Clarão, Gilberto Gomes, Nando, Pablo e PC Portugal, tendo sido interpretado por Dominginhos do Estácio e escolhido pela Escola como samba oficial. Segue a primeira estrofe:

- 1 Vamos mergulhar nessa jogada
- 2 A sorte está lançada
- 3 Hoje é o grande dia
- 4 No tabuleiro da emoção
- 5 Vou apostar na alegria
- 6 Pra ganhar seu coração
- 7 Meu cassino é fantasia
- 8 Vi nas cartas do tarô
- 9 O que o destino reservou
- 10 Mas se o tempo mudar
- 11 Aos búzios eu vou

O primeiro verso da composição constitui uma tradução quase literal da primeira frase da sinopse: “Mergulhar no mundo mágico dos jogos”; a linha 2 reproduz fielmente um fragmento do enredo: “A sorte está lançada” (linha 29); e o verso 5 se reporta ao trecho do enredo: “No tabuleiro da avenida, alegria, harmonia, ritmo, garra e emoção!” (linhas 15 e 16). Na linha 6 do samba encontramos uma menção ao jogo de sedução, citado na sinopse. E, o trecho compreendido entre as linhas 8 e 11 do samba contempla a fase referente aos jogos de adivinhação do futuro, assunto abordado na fase 2 do enredo.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS SAMBAS FINALISTAS

Consideramos que o samba 1 comunica bem o tema do carnaval da Viradouro, contemplando todas as fases da sinopse, conseguindo estabelecer ainda, uma sequência sintonizada com a cronologia do texto-fonte. Observamos que nesse samba não há referências explícitas a modalidades específicas de jogos presentes no enredo,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

caracterizando-se por utilizar preponderantemente o processo intertextual por alusão.

O samba 2 também traduz com propriedade o tema do carnaval 2007 da Viradouro, com a vantagem sobre a primeira letra analisada, de citar três tipos de jogos: dama, xadrez e gamão, presentes no texto do carnavalesco. Outro aspecto positivo da letra é o trecho “a bateria faz o povo delirar”, numa referência à proposta inovadora da Escola em colocar os ritmistas em cima de um carro alegórico. Avaliamos que neste samba, também, os compositores conseguem estabelecer um diálogo eficiente com o enredo, utilizando os processos de intertextualidade por alusão e por citação.

Com o uso predominante do processo alusivo, o terceiro samba analisado é o que tem o menor grau de intertextualidade com o enredo. Embora utilize palavras do campo semântico dos jogos, há poucas referências específicas às ideias apresentadas na sinopse. Destacamos neste samba, entretanto, a alusão ao jogo *Onde está Wally*, uma das principais propostas do carnavalesco Paulo Barros para interagir com o público durante o desfile.

A letra do samba 4 ilustra, eficazmente, o tema do carnaval 2007 da Viradouro, dialogando com todas as fases da sinopse, sendo possível observar, inclusive, alguns trechos onde há reprodução literal do texto-fonte. Os autores citam vários tipos de jogos presentes no enredo, como cassino, tarô, búzios, xadrez (dama) e pinball, além do jogo de sedução. Dentre os sambas analisados, esta composição possui o maior grau de intertextualidade com a sinopse.

O samba contempla uma variada gama de palavras do campo lexical dos jogos. Entre os substantivos temos: *jogada, sorte, tabuleiro, emoção, alegria, cassino, cartas, tarô, búzios, jogo, dama, xequemate, peças, diversão, adrenalina, euforia, pinball, chama* (numa alusão à tocha olímpica) e *vencedor*. Entre os verbos encontramos: *mergulhar, apostar, ganhar, vencer, brincar, perceber, desvendar* e *encontrar* (jogos enigmáticos).

Quanto às expressões idiomáticas, destacamos: *mergulhar nesta jogada / a sorte está lançada / quebrar a cabeça / esse jogo vai virar*. Além, também, de ideias consagradas como: *a euforia toma conta da avenida* (assim como toma conta dos estádios e outros lo-

A CIDMAR TEODORO PAIS

cais de jogos) e *faz do jogo a paixão* (o futebol é uma paixão do brasileiro).

Ainda no trecho “*Sou Viradouro e vou cantar / Com muito orgulho, com muito amor*”, podemos identificar o processo intertextual de estilização, considerando que tal fragmento remete ao canto de grandes torcidas em jogos esportivos: “*Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor*”.

Este samba representou o carnaval de 2007 da Escola, sendo avaliado, positivamente, pelo carnavalesco Paulo Barros em entrevista publicada no *site* O Dia na Folia, em 08.10.06: “Estou satisfeito com o resultado. Samba bom pra mim é aquele que conta tecnicamente o enredo. No caso deste que ganhou, as palavras estão colocadas de uma forma melhor. Além disso, o seu desfecho é o mais interessante. Casa exatamente com o que eu estou planejando para o desfile”.

ANÁLISE DO SAMBA VENCEDOR

O samba que representou o carnaval da Viradouro em 2007, além de ter sido vencedor no processo seletivo da Escola, foi também vitorioso no desfile. Na avaliação dos jurados, a composição obteve pontuação integral, ou seja, ganhou quatro notas 10. As escolhas semânticas e sintáticas constituíram, poderíamos afirmar, verdadeiras “jogadas de mestre”.

Por meio de combinações incomuns entre lexemas, os compositores conferiram à linguagem do samba uma concepção carnavalesca, que:

[...] ilumina a ousadia e a invenção, permite associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante [...] permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe, e, portanto permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo. (Bakhtin, 1993, p. 30)

A originalidade da construção, de acordo com Salles (2004, p. 89), encontra-se nas combinações singulares: “os elementos selecionados já existiam, a inovação está no modo como foram colocados juntos”. Os versos, a seguir, exemplificam tais associações, numa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

combinação de palavras de dois universos distintos: o dos jogos (*tabuleiro* e *apostar*) e o das emoções (*emoção* e *alegria*):

Linhas 4 e 5: *No tabuleiro da emoção
Vou apostar na alegria*

Em outro trecho do samba, jogos e emoções encontram-se novamente, formando um trocadilho com as palavras: *jogo*, *amor*, *dama* e *prazer*. Lapa (1991, p. 50) define o trocadilho como um jogo verbal, que pode realçar o pensamento. Nas palavras do autor: “o homem com tudo brinca, nas suas horas de desenfado; até com as palavras, que dão forma ao seu pensamento”. Observemos o trecho que segue:

Linhas 12 e 13: *E nesse jogo vou amar
Você é a dama do prazer*

O trocadilho, na linha 13, ocorre por uma construção textual polissêmica: quando observados separadamente, os lexemas “dama” e “prazer” representam, respectivamente, uma peça do jogo de cartas e um sentimento; quando analisados conjuntamente, como uma lexia composta, remetem ao jogo de sedução citado na sinopse.

A ambiguidade é encontrada também nos versos 26 e 27 do samba:

Linhas 26 e 27: *Quebrar a cabeça pra encontrar
Achar você no meio dessa multidão*

A expressão “*Quebrar a cabeça pra encontrar*” faz uma alusão tanto ao jogo de montar (quebra-cabeça), quanto à necessidade de muita concentração (“quebrar a cabeça” na linguagem popular) para desvendar os jogos enigmáticos. Já a expressão “*Achar você no meio dessa multidão*”, pode ser interpretada como uma referência ao jogo “*Onde está Wally?*” e à procura da pessoa amada. O jogo é um livro ilustrado cujo objetivo é encontrar o personagem em cenários de multidões. A pessoa amada, neste caso, é procurada entre os milhares de foliões do carnaval.

Esse uso da ambiguidade, num jogo de palavras que faz menção tanto à ideia do jogo propriamente dito, quanto à ideia da escola na avenida, promoveu um diálogo proposto por Paulo Barros no enredo: “O tabuleiro será o lugar de encontro entre duas antigas formas de brincar: o carnaval e os jogos” (linhas 6 e 7).

A CIDMAR TEODORO PAIS

Em mais uma construção textual ambivalente, o refrão do samba faz uma transposição do jogo verdadeiro para o jogo da avenida, cujo objetivo comum é vencer:

Linhas 30 a 33: *Sou Viradouro e vou cantar*
 “Com muito orgulho, com muito amor”
 Esse jogo vai virar
 Eu quero ser o vencedor

Há, no samba, um trecho que se destaca pelo uso da ordem inversa na construção textual, o que, outra vez, nos remete à carnavalesização da linguagem (Bakhtin) e à questão da originalidade (Salles). A letra do samba, como foi organizada, chama a atenção, primeiro, para os *elementos do jogo* e, depois, para o *resultado* dessas ações:

18 *De cartas um castelo*
19 *De peças um país*

No escopo da Estilística do som, destacamos a recorrência do fonema /v/ por todo o samba, com maior consistência na quarta estrofe, sugerindo uma alusão tanto ao nome da Escola, quanto ao enredo que busca “virar o jogo” e, conseqüentemente, a vitória. Tal fenômeno linguístico, denominado aliteração, consiste, segundo Martins (1989, p. 38), na “repetição insistente dos mesmos sons consonantais”, com a função de realçar palavras, contribuir para a unidade do texto ou, ainda, ser um processo lúdico “que crie harmonia e seja agradável ao ouvido”.

Observamos a presença do fonema /v/ em 19 dos 33 versos do samba:

1 Vamos mergulhar nesta jogada
5 Vou apostar na alegria
8 Vi nas cartas do tarô
9 O que o destino reservou
11 Aos búzios eu vou
12 E nesse jogo vou amar
13 Você é a dama do prazer
14 Um xeque-mate vou te dar
15 Quero vencer
17 Pra deixar você feliz
20 Essa diversão
21 É adrenalina em minha vida
22 A euforia toma conta da avenida
25 É perceber e desvendar
27 Achar você no meio dessa multidão

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

28 Chama que acende um povo
30 Sou Viradouro e vou cantar
32 Esse jogo vai virar
33 Eu quero ser o vencedor

Melo (1976, p. 64) ressalta que “o valor expressivo do fonema é meramente acidental”, derivando, segundo ele, da associação que em determinado texto e momento se fez. O efeito estilístico advindo da aliteração do fonema fricativo, neste caso, não se prende à imitação de algum ruído, mas ao prolongamento das ideias de *vitória* e *Viradouro*.

Ainda tratando dos recursos sonoros, destacamos a rima, ou seja, a repetição de sons no final dos versos, com o efeito de “realçar a correlação entre as palavras em que se dá” (Martins, 1989, p. 41).

Considerando a orientação de Paulo Barros para que os compositores traduzissem no samba a emoção proporcionada pelos jogos, relacionamos a seguir os versos marcados pela rima, especialmente aqueles com palavras do campo semântico dos jogos, e/ou versos com palavras de valor afetivo, definidas por Martins (1989, p. 79) como as que “exprimem emoção, sentimento, um estado de espírito”:

- Linhas 1 e 2: *Vamos mergulhar nesta **jogada***
*A sorte está **lançada***
- Linhas 4 a 7: *No tabuleiro da **emoção***
*Vou apostar na **alegria***
*Pra ganhar seu **coração***
*Meu cassino é **fantasia***
- Linhas 12 a 15: *E nesse jogo vou **amar***
*ocê é a dama do **prazer***
*m xeque-mate vou te **dar***
*uero **vencer***
- Linhas 16 a 18: *Faço qualquer coisa*
*ra deixar você **feliz***
*De cartas, um **castelo***
*De peças, um **país***
- Linhas 24 a 26: *No pinball quero **brincar***
*É perceber e **desvendar***
*Quebrar a cabeça pra **encontrar***
- Linhas 27 a 29: *Achar você no meio dessa **multidão***
Chama que acende um povo
*E faz do jogo a **paixão***
- Linhas 30 a 33: *Sou Viradouro e vou cantar*
*“Com muito orgulho, com muito **amor**”*

A CIDMAR TEODORO PAIS

*Esse jogo vai virar
Eu quero ser o vencedor*

Podemos observar que a semelhança sonora destaca a correlação entre as palavras dos dois universos: o das emoções e o dos jogos, combinando lexemas como “prazer” e “vencer” (linhas 13 e 15), “multidão” e “paixão” (linhas 27 e 29), “amor” e “vencedor” (linhas 31 e 33).

Enfim, a expressividade linguística do samba-enredo da Viradouro, no carnaval 2007, se dá, principalmente, pela utilização de recursos estilísticos como a ambiguidade, a ordem inversa, a rima, a aliteração e combinações léxicas incomuns, que lhe conferem originalidade e riqueza poética.

A utilização da ordem inversa e de associações entre elementos heterogêneos rompe com a regra, saindo do trivial e criando novas possibilidades, que muitas vezes chamam a atenção por seu ineditismo. Já o uso de sons semelhantes cria condições para o surgimento de fenômenos como a rima e a aliteração, recursos considerados por Pignatari (2004, p.17) como um dos principais geradores da poesia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BARROS, Diana L. P.de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994.

GUSTAVO Clarão: nosso samba era o melhor. *O Dia na folia*. Disponível em: <http://www.odianafolia.com.br>. Acesso em 08/10/2006.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARTINS, Nilce S’antana. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. 8ª ed. Cotia: Ateliê, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Anablume, 2004.

UNIDOS DO VIRADOURO. *Carnaval 2007*. Disponível em: <http://www.unidosdoviradouro.com.br>. Diversos acessos.

A CIDMAR TEODORO PAIS

PAISAGENS EM CÂMBIO: PLURALIDADES DA *PLAZA DE MAYO*

Maria Fernanda Garbero de Aragão Ponzio (UERJ)

Andar por Buenos Aires é cruzar por espaços que, inevitavelmente, evocam Carlos Gardel, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Eva Perón, figuras que aparecem em nosso imaginário ao som dos melancólicos tangos de Astor Piazzolla e Aníbal Troilo, deambulando pelos paralelepípedos dos nostálgicos bairros de *San Telmo* e *La Boca*.

Essas paisagens imaginárias se agregam ainda aos charmosos símbolos portenhos expressos nos cafés, nas livrarias, no frio, ao criar um efeito aurático que transforma esse espaço num lugar “encantado” pela ideia de intelectualidade que dele se propaga. Essa imagem modificada do cenário adquire uma autonomia viável à crença de ingresso num mundo de “cultura”; uma paisagem que não se detém às modernas máquinas de fotografia digital. Elas interagem (e integram) com o imaginário de quem busca esse lugar.

Quando pensamos no ecletismo que o turismo oferece, Borges passa a transitar por paisagens reconfiguradas pelas presenças de resistência. *Recoleta*, *Palermo*, ruas *Florida* e *Corrientes* – espaços que convidam ao consumo estrangeiro – dividem a programação dos “*City tours*” com uma paisagem que requisita um olhar atento: a *Plaza de Mayo*.

Situada no centro político-econômico da capital argentina, essa praça nos conduz a alguns dos principais lugares a serem descobertos nessa imersão ao imaginário portenho: por ela, chegamos a *Montserrat*, *San Telmo*, *Caminito*, *La Boca*. Além de outros espaços, como *Puerto Madero*, rua *Corrientes* e à linha mais antiga de metrô, a “Linha A”, paisagens que corroboram para as estetizações operadas por um imaginário ávido pelo consumo de bens simbólicos e materiais.

Dentro dessa perspectiva, Buenos Aires nos convida a um passeio pelo tempo, que se desloca entre os séculos XXI e XIX. Percorrê-los é caminhar em busca de imagens e vivências que permeiam

o arquivo de imagens afetivas de quem deseja (re)conhecer um pedaço da Europa criado na América Latina.

Entretanto, sobre a *Plaza de Mayo*, cabe-nos ressaltar que, além de nos exigir um olhar atento em decorrência da história que se protagonizou nesse espaço, ela nos requer uma análise plural. A delimitação de seus 229,60 metros de comprimento por 95,20 metros de largura abriga paisagens simultâneas que dialogam e questionam a história oficial deste país. Mais de uma praça se desenha nessa paisagem imaginária: um cenário se converte em outros, modificados pela intervenção de personagens que compõem um quadro composto por distintos matizes e vozes.

No presente estudo, pretendemos analisar a *Plaza*²⁵ em seus múltiplos instantes de reconfiguração paisagística. Da *Plaza de Mayo* que estampa os folhetos de divulgação dos atrativos da capital portenha, passaremos às *Plazas* da socióloga argentina Silvia Sigal, quem considera três espaços dentro dos limites históricos que circundam esse lugar: o da Pátria, o Peronista e o das *Madres*, propostas teóricas que a autora desenvolve em seu livro *La Plaza de Mayo: una crónica* (2006). Ainda nos valendo das multiplicidades imagéticas que a *Plaza de Mayo* nos oferece, partiremos para outra paisagem que se desdobra deste *locus* de conjugação plural, permitindo-nos uma perspectiva de estudo compartivista com espaços que evocam a história, o testemunho, o trajeto e as estratégias estetizantes desse local. Daí, emerge a *Plaza* da Memória.

AS PLAZAS DE SILVIA SIGAL: UM PASSEIO “TRANSSECCULAR”

Ao escolhermos a *Plaza de Mayo* como objeto ao qual nos debruçaríamos na tentativa de entender melhor as representações simbólicas e imagéticas desenvolvidas neste espaço, mostrou-se cada vez mais urgente pensar na complexidade derivada das multiplicidades de sujeitos, tempos e narrativas que se inscrevem neste cenário. Em um mesmo dia, a *Plaza* adquire elementos que integram novas

²⁵ A partir deste momento, usaremos o vocábulo em espanhol a fim de conservarmos a imagem que esse espaço nos remete.

A CIDMAR TEODORO PAIS

cores e formas a um lugar que deixa sua fixidez para ser reconfigurado cotidianamente. Com efeito, nestes novos quadros, as paisagens desenhadas requisitam a diferença, característica singular que propõe uma análise capaz de ir além de 1810 – ano de sua última fundação – e, ao mesmo tempo, transbordar 2007, ano de nosso estudo. Transcendendo os tempos a que ela se restringe, um olhar que mira o passado e se projeta ao futuro para tentar entendê-lo é a proposta plural de estudo a que nos temos referido.

Dentro dessa perspectiva, o termo “trans-secular” nos ajuda a compreender tal tempo que se conjuga na líquida fronteira entre a ocupação do espaço público como instrumento de poder e, posteriormente, a contestação desse mesmo lugar como uma paisagem investida por manifestações de resistência.

Segundo a socióloga Silvia Sigal, a *Plaza de Mayo* sempre foi um cenário de poder por dois motivos: por ser um lugar no qual o povo iria reclamar suas aflições e necessidades, e porque as datas comemorativas do calendário pátrio sempre foram festejadas em seu espaço, com os sucessivos governos se apresentando e exibindo seu poder nestas festividades. Desde o princípio, antes de 25 de maio de 1810 – data que marca a Revolução de Mayo, momento em que se sucederam a Revolução, o que acontecia na Argentina se refletia nos cenários da *Plaza*, como vizinhos para pedir mudanças de governo, os levantes militares, as lutas entre federais e unitários, entre outros. . Além disso, em seu entorno, encontravam-se as sedes institucionais mais importantes: a Igreja Matriz, o Parlamento, a Corte Suprema e a Casa Rosada. Com o tempo, distintas transformações e traslados modificaram também as manifestações e os movimentos que se desenvolviam nesta cartografia de poder.

Diante da perspectiva dessa paisagem como um lugar de manifestações e protestos, é importante destacar que a *Plaza* não representa somente um espaço de contestação popular. Desde 1899 até pouco antes de 1930, ela foi um espaço que abrigou as reclamações de empresários do Centro Comercial e da União industrial, ratificando o seu aspecto plural ao conjugar num mesmo *locus* discursos opostos; em termos marxistas, opressores e oprimidos. Num olhar dia-

lético, a *Plaza* democratiza vozes que lutam em situações díspares para serem ouvidas.

Sentidos e usos distintos se sobrepõem numa situação que desestabiliza e confirma o poder investido em seu uso público. Entre essas diferenças de ocupação, a socióloga destaca as três *Plazas* que mais se incorporam ao arquivo imagético da nação: a das festividades pátrias, a do peronismo e a das *Madres*, ainda que existam outras que ela aceite como novas propostas de configuração deste território.

Sobre a data de 25 de maio de 1810, há a representação de uma transformação crucial na política da Argentina ainda colonial, referente ao momento em que há um pedido para que o povo se mantenha fiel à Espanha, que havia sido invadida pelos franceses. Durante uma semana de conflito, marcada nos dias entre 18 e 25 de maio, finalmente os *criollos*²⁶ se reúnem na *Plaza de Mayo* para saber o que acontecia, e é escolhida a “Primeira Junta” como governo pátrio, encabeçada Cornelio Saavedra.

Outra data importante é o dia 17 de outubro de 1945. Após várias crises governamentais internas que decorreram na renúncia de Perón, este aparece na varanda da casa de governo e fala para uma multidão de mais de 300.000 pessoas, que entoam fervorosamente um nacionalismo capaz de consagrar os efetivos laços entre o general Juan Domingos Perón e os trabalhadores, nascendo, assim, o “Peronismo”.

Por fim, há a presença das *Madres de Plaza de Mayo*, cujo primeiro registro é em abril de 1977, representando uma paisagem da qual falaremos mais detalhadamente em nossa análise acerca da *Plaza* da Memória. Escolhida neste recorte espaço-temporal como um marco histórico na compreensão simbólica da *Plaza*, a socióloga considera que a ocupação deste espaço pelas *Madres* representou um fenômeno sincrônico, ou seja, os protestos das *Madres* surgem junto com um movimento de entidade coletiva, no qual os testemunhos de mães, “ao insistir sobre sua diversidade social ou política, constroem uma unidade originária em torno de uma única reclamação” (Sigal, 2006, p. 330). A partir dessa unidade, emerge também o papel social

²⁶ Termo usado para os que nasceram na América Latina colonial.

A CIDMAR TEODORO PAIS

de *Madres*, requisitando um estudo atento à importância da presença política dessas mulheres.

Por mais distintas que sejam as razões que ocasionaram as mobilizações e a ocupação desse cenário público, fica-nos claro o laço que as une: ecoar uma voz reclamante às esferas de poder. Em uma perspectiva política de conflito, poderíamos citar também as multidões em 1982 (Guerra das Malvinas), e as revoltas e confrontos que marcaram os dias 19 e 20 de 2001 (período de intensa crise econômica e renúncia do presidente Fernando De la Rúa). Entretanto, para Silvia Sigal, as três praças desenhadas pelas paisagens de 1810, 1945 e 1977 são consideradas como importantes representações acerca do “imagético nacional”.

Corroborando com a pluralidade da *Plaza* – como um espaço público aberto –, ela pode, ainda, simbolizar diversos grupos, o que não é visto num espaço fechado, onde uma possível ideia de santuário exclui o que é típico da *Plaza de Mayo*: uma constelação de sentidos que coexistem em sua singularidade. Tal aspecto recupera a recorrência e a co-ocorrência das três datas supramencionadas, bem como as manifestações a que elas se referem.

Numa sobreposição pela ocupação desse espaço, as *Madres* adotam a *Plaza* como um território privilegiado, sem interferir no significado simbólico das *Plazas* peronista e patriótica. Perón, por outro lado, tenta colocar a massa de 1945 como herdeira dos revolucionários de 1810, uma estratégia populista que integra o ideal de nação próspera e vitoriosa, aproximando o líder político da convulsão popular que gritava por seu nome.

Além dos aspectos simbólicos que circundam e transbordam a paisagem desenhada pela atual *Plaza de Mayo*, o percurso arquitetônico a que hoje temos acesso passou por inúmeras transformações e redefinições. Neste momento, interessa-nos pensar nas modificações empreendidas neste espaço público, desde sua origem aos dias atuais, o que nos leva a uma viagem pelo tempo e nos faz “desembarcar” no século XVI.

Arqueologias transseculares

A *Plaza de Mayo* é tão antiga quanto a cidade. O colonizador espanhol Juan de Garay, quando fundou novamente²⁷ a *Ciudad de la Santísima Trinidad y Puerto de Nuestra Señora del Buen Ayre*, em 11 de junho de 1580, deixou traçado o lugar da *Plaza Mayor*. Neste espaço de múltiplos usos, eram realizadas as cerimônias religiosas e oficiais; encontrava-se um mercado, bem como um cenário para as corridas de touros, as execuções públicas e as demonstrações de castigo.

Mesmo sendo chamada de *Plaza Mayor*, seu espaço era bem menor do que o atual, pois em sua metade (onde hoje encontramos a Casa Rosada) estavam instalados os Jesuítas, de 1608 até 1665. Quando a ordem religiosa migrou para outro espaço, esta paisagem se transformou numa zona baldia, composta por restos de edificações, o que deu origem ao nome *Plaza de Armas* ou *Plaza del Mercado*, servido de palco para os enforcamentos que ali se praticavam como um mórbido espetáculo público.

Com o propósito de arrecadar impostos, em 1803 é construída uma galeria comercial com duas alas unidas por um arco central, a Recova, espaço pelo qual se cruzava a antiga praça de norte a sul. Assim, divide-se a *Plaza*. A macabra força passa a ocupar o arco central da galeria, donde as pessoas eram penduradas e expostas por várias horas, ilustrando o poder que ali se estabelecia.

Dividida em duas, de um lado encontrava-se a já mencionada *Plaza de Armas* e do outro a *Plaza Mayor* que, em 1808, depois da vitória sobre os ingleses (1806), passa a ser chamada de *Plaza de la Victoria*. Com a Revolução de *Mayo*, a parte que dava para o forte recebe o nome de *25 de Mayo*. Como um marco de consagração do poder constituído neste espaço, em 1811 é erguida, no centro da *Plaza de la Victoria*, a Pirâmide de Mayo, o primeiro monumento da cidade, possibilitando que Buenos Aires atue como “a heroína da festa, a dona de 25 de mayo e o laço com a América do Sul. Única pátria

²⁷ Segundo a história oficial, a cidade foi fundada pela primeira vez em 3 de fevereiro de 1536, por Pedro de Mendoza, com o nome de *Nuestra Señora del Buen Ayre*, sendo posteriormente abandonada.

A CIDMAR TEODORO PAIS

dos portenhos (...) inserindo-se numa identidade americana preexistente, operação facilitada pela inexistência de entidades intermediárias” (Sigal, 2006, p. 25).

Em 1883, por uma determinação do prefeito de Buenos Aires, Marcelo Torcuato de Alvear, a Recova é destruída em cinco dias, e as árvores que rodeavam a *Plaza* são retiradas. Com a demolição, unem-se as duas praças que passam a chamar *Plaza de Mayo*. Além das medidas do prefeito, também há as intervenções paisagísticas de Charles Thays (arquiteto francês que viveu na cidade de 1891 a 1934), com a construção de jardins. Vinte anos após a demolição da Recova, a planta-baixa desse cenário abrigará a primeira linha de metrô do país, levando a Argentina ao encontro da modernidade.

Ainda numa perspectiva de remodelação estético-imaginária do espaço público, amplia-se a calçada e são construídos passeios com 5 metros de largura, o que facilitaria a caminhada de pedestres que transitavam pela *Plaza* em 1929. A iluminação e o cuidado com a escolha do piso também são aspectos que se coadunam com as estratégias de transformação da paisagem urbana da cidade portenha, empreendimentos que lhe concedem, em 1942, o título de Patrimônio Histórico.

Em 1977, durante o período de ditadura militar, a *Plaza* conjuja a dominação, o poder e a resistência. Na tentativa de cessar as manifestações que marcaram o capital simbólico da *Plaza de Mayo*, são construídos pequenos jardins em seu centro, ocupando uma área de, aproximadamente, 3.000 m². Com efeito, neste novo projeto arquitetônico, as grandes agrupações, como as que marcaram outubro de 1945, teriam que se dispensar. Entretanto, isso não impedirá um agrupamento de 14 mães neste cenário para saber notícias de seus filhos desaparecidos. A *Plaza* é reivindicada pelas *Madres* que, com seus lenços brancos, exigem a verdade e redesenham o espaço público. Seus lenços, hoje, estão pintados ao redor da Pirâmide de Mayo, este símbolo mítico-fundacional que empresta sua paisagem todas as quintas-feiras, pontualmente às 15h30min, para dar passagem a vozes que clamam há 30 anos contra as opressões. Neste momento, a *Plaza* volta à voz reclamante de seu povo.

A PLAZA DA MEMÓRIA: LAS MADRES DE PLAZA DE MAYO

O estudo da *Plaza* e seu importante papel como um espaço onde as mães dos desaparecidos adquirem o papel político de *Madres*, em pleno regime ditatorial, coaduna-se com a necessidade de compreensão acerca do termo “memória”. A análise comparativa entre esse lugar de poder e o conceito nos demanda um olhar atento sobre o testemunho de corpos vitimados pela violência do Estado militar.

Em um percurso um pouco distinto ao da socióloga Silvia Sigal, optamos por pensar na *Plaza* das *Madres* como um espaço simbólico que surge pelo viés da memória. Esta exige reparações e ressemantiza a presença materna, ao atribuir-lhe a luta pela justiça e a conscientização política como um ponto de encontro com a memória de seus filhos detidos-desaparecidos.

Sem dúvida, esse espaço representa uma paisagem única para a constituição do movimento das *Madres*, cujo nome provém dele mesmo. Não são “mães” apenas; são as *Madres de Plaza de Mayo*, um termo com o valor semântico que nos remete à resistência, ao enfrentamento às leis ditatoriais e, reiteradamente, à memória.

Desta maneira, o passado surge como um tempo que permite a vivência do corpo, promovendo um diálogo com esse lugar onde o corpo se posiciona em combate. Sobrevivente, ele narra a história, resgata e dignifica os que caíram. Assim, o tempo, o discurso e a *Plaza* passam a simbolizar uma representatividade discursiva, na qual os atos do passado se metamorfoseiam num “lugar/problema de onde se assinalam os vazios das histórias oficiais (...)” (Achugar, 1996, p. 850).

Vítimas da orquestra macabra desempenhada pelo golpe de 1976, as *Madres*, com seus corpos ocupando o espaço público, passam a questionar as linhas da narrativa política argentina, cuja memória representa a operação de mecanismos de censura, rasura e exclusão. A história, nessa perspectiva de apagamento de suas fissuras, é reescrita “(...) com cada mudança do quadro governamental e pede que os leitores da enciclopédia eliminem por si mesmos aquelas páginas convertidas em indesejáveis.” (Todorov, 2000, p. 12).

A CIDMAR TEODORO PAIS

Através das estratégias de supressão e conservação, seleciona-se a memória escrita acerca desse tempo, artifício que tentará retirar de suas linhas as personagens que não podem pertencer ao imaginário de um país em paz (baseado no silêncio e na obediência), ao qualificar as *Madres* como subversivas, terroristas, loucas e inimigas da nação. Entretanto, as feridas seguem abertas, e a *Plaza* é o cenário onde elas serão expostas.

30 de abril de 1977 é a data da primeira agrupação das *Madres* na *Plaza de Mayo*. Desesperadas por notícias de seus entes desaparecidos, elas se reúnem nessa cartografia de poder na tentativa de entregar uma carta ao General Jorge Videla. Sem o embasamento político de seus filhos desaparecidos, essas mães – a maioria donas de casa, o que marca ainda mais a figura da esfera privada – queriam apenas saber o que se passava com o destino dos desaparecidos.

No livro *Las Locas de Plaza de Mayo* (1983), do jornalista francês Jean-Pierre Bousquet, podemos encontrar os primeiros relatos sobre a relação entre as mães e a *Plaza*, uma relação que surge da necessidade, *a priori*, de serem vistas. Composto por testemunhos, histórias e recortes de notícias oficiais, o livro apresenta uma passagem de 1977 que ilustra o mote daquelas reuniões semanais, encontros que decorrerão na formação do movimento *Madres de Plaza de Mayo*: “Nós não fazemos manifestações, viemos testemunhar nossa dor, tiraram nossos filhos, pedimos ao governo que nos diga onde estão, o que lhes passou” (Bousquet, 1983, p. 48).

Não sendo atendidas e, posteriormente, sendo reprimidas por seus semanais encontros na *Plaza*, elas vão tomando dimensão do perigo que representava o *pathos* entoado neste cenário fortemente marcado pela repressão. Entretanto, elas não se intimidam e o número de mães aumenta. O que a princípio era constituído por 14 mulheres cresce, tornando-se um movimento de mais de 200 personagens já investidas de seu papel político-social de *Madres*.

Nessa paisagem, inicialmente, a voz testemunhal das *Madres* se configura como o “*testis*, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de *com-provar*, *certificar*, a verdade dos fatos” (Seligmann-Silva, 2004, p. 18). Ao serem reprimidas, será delas o importante dever de reconstituir os fatos, ao apresentar, com seus corpos vitimados pelas violentas estratégias de silenciamento, “uma textura do vivido em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

condições extremas, excepcionais” (Sarlo, 2007, p. 61). O desaparecimento de seus filhos possibilita, então, a emergência de mulheres que, forçosamente, abandonam a condição de testemunhas vicárias, representantes, para construírem um relato não das torturas do Estado militar, mas das artimanhas empreendidas contra a voz reclamante parida e ressemantizada pelo corpo inseputo.

Vivo nas memórias e nos ideais que constituem o movimento das *Madres*, o corpo que não foi abrigado na sepultura, simbolicamente caminha de braços dados a elas na *Plaza*. Nesse lugar de reencontro com os que não puderam testemunhar sobre os abusos ditatoriais, as *Madres* constroem relatos e reescrevem a história. É através do testemunho delas que os assassinos – de seus filhos e de outras *Madres* desaparecidas – poderão ser condenados, e a democracia se tornará (mais do que nunca) um direito baseado no “enraizamento de um princípio de reparação e justiça” (*Idem*, p. 47).

Livres da lógica masculina que opõe a razão ao desejo, o corpo dessas mulheres traz em sua imagem um arquivo afetivo presente na maternidade. Com efeito, o que vemos com a experiência do corpo em luta das *Madres* é um poder oriundo da transgressão, ao permitir-lhes atuar como uma força subversiva, contrária à hegemonia representada pela figura masculina do poder.

“Paridas por seus filhos”, elas são as portadoras de um legado às avessas. Em uma travessia análoga a de Antígona, as *Madres* desafiam o poder, entregando seu corpo à luta e resistindo aos “ditames do rei”. Na *Plaza*, elas se reúnem, marcham, rondam e protestam semanalmente. É nesse espaço também que, por mais de 25 anos, elas farão a “Marcha da Resistência”, um ato no qual seus corpos desfilam por 24 horas, ao redor da Pirâmide de *Mayo*, entoando a memória e a dor testemunha das violências e abusos do regime ditatorial. Uma cena que se torna parte da paisagem da *Plaza*.

Sobre a conquista desse espaço, é interessante reportarmonos a Ulisses Gorini, autor de *La rebelión de las Madres* (2006). Acerca da memória dos tempos de repressão, Ulisses recorda o que representou para elas, efetivamente, a ocupação (durante a primeira “Marcha da Resistência”, em 10/12/1981) dessa paisagem cujas múltiplas faces refletem o poder:

A CIDMAR TEODORO PAIS

Não foi fácil para estas mulheres, algumas já de idade avançada, levar adiante a iniciativa. A caminhada foi por si própria cansativa, mas, além disso, se tornou mais desgastante ainda pela pressão da polícia, pelo clima hostil – em algum momento começou uma intensa chuva sobre os manifestantes – e pela intimidação que sofreram durante a noite, quando apagaram as luzes da *Plaza* para tentar assustá-las. (...) Ao ver tudo o que ocorria, um jornalista francês, Jacques Deprés, disse às *Madres* algo que lhes pareceu dar um sentido a todo o terrível esforço que estavam fazendo: “Se vocês permanecem toda a noite, nunca poderão tirá-las da *Plaza* (Gorini, 2006, p. 481).

Essa perspectiva da *Plaza* das quintas-feiras, então, guarda em si uma sementeira que se desenvolveu nessa área baldia a que seu espaço pôde corresponder, por nele haver germinado um sentimento invencível, a atitude incompreensível, porém resistente das *Madres* reclamantes por seus filhos. Uma cultura do “ponto cego”, como a definiu Wolfgang Welsch (1995, p. 18), surge, semanalmente, às 15h e 30 min, numa paisagem que, além das mais diferentes formas de estetização, preserva em sua agenda um encontro com algo que lhe devolve um caráter genuíno. Esse espaço, conhecido como *Plaza de Mayo*, se redenomina para a cerimônia dos lenços brancos: é *La Plaza de Las Madres*, um cenário localizado na simbólica esquina entre Luta e Resistência.

CONCLUSÃO

Durante o nosso percurso investigativo pelos espaços da *Plaza de Mayo*, ficou-nos cada vez mais nítida sua “alephica” paisagem. Não há como compreendê-la sem os inevitáveis transcursores que tanto seu espaço quanto seu tempo nos propõe. Em seu território, conceitos elaborados, como memória; testemunho; estetização e representação discursiva de um imaginário afetivo se integram e interagem na constituição de um cenário marcado pelo câmbio constante de seus elementos cotidianos.

Ao término deste trabalho, resta-nos apenas a certeza de que seu caráter dentro de uma perspectiva de estudo da *Plaza* é mais um matiz que se agrega a uma grande constelação de sentidos e afetividades, desempenhados, vividos, espetacularizados e estetizados nesse *locus* de conjugação plural. Percorrê-lo é um convite ao leitor que

deseje compreender alguns dos inúmeros aspectos que transcendem a fixidez desta cartografia de poder e contestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y territorios). **In:** *Revista Iberoamericana*, Vol. LXII, p. 845-861, 1996.

BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: El Cid, 1983.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8ª ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

———. Outros Espaços. **In:** *Ditos & escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*, p. 411-422. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GORINI, Ulises. *La rebelión de las Madres. Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983). Buenos Aires: Norma, 2006.

MADRES DE PLAZA DE MAYO. *Cantos de vida, amor y libertad*. Buenos Aires: Rafael Cedeño, 1985.

———. *Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

———. *O laboratório do escritor*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1994.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. **In:** *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, p. 733-744, 1996.

A CIDMAR TEODORO PAIS

SARLO, Beatriz. Política, ideología y figuración literaria. **In:** BALDERSTON, Daniel *et alii*. *Ficción y política: la narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza Estudio, 1987.

———. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

———. Argentina: nada será como antes. Trad. Sebastião Nascimento. **In:** *Novos Estudos CEBRAP*, nº 61, p. 41-56, nov. 2001.

———. *Tiempo presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2001.

———. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. As literaturas de testemunho e a tragédia: pensando algumas diferenças. **In:** FINNAZI-AGRÒ, Ettore e VECCHI, Roberto (org.). *Formas e mediações do trágico moderno. Uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou A respeito da atualidade do estético. **In:** *Porto arte: Porto Alegre*, v. 6, nº 9, p. 7-22, maio de 1995.

PAISAGENS NATURAIS, ELEMENTOS FICCIONAIS

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)
nunez@unisys.com.br

A noção de paisagem ampliou grandemente seu alcance semântico graças a dois fatos concorrentes. Desde a renovação da geografia cultural e a abertura da disciplina para o consórcio com as ciências poéticas e retóricas, a partir dos anos 1980, a paisagem passou a ser percebida como texto ou como lugar onde se organiza uma textualidade. Ela assume o valor de categoria para o estudo dos signos do espaço. Acrescente-se a isso o fato de que os cenários naturais só se transformam em paisagens, quando o olhar e a ação do homem sobre eles atuam e neles interferem política e esteticamente. Desta forma, as teorias da literatura e da estética recobram o empréstimo de suas competências ao saber geográfico e, agora, respaldadas na reflexão expandida que a geografia cultural vem produzindo, incorpora-lhe o olhar cultural sobre o espaço. Habilita-se o termo (paisagem) a agenciar uma nova epistemologia do texto estético, aplicada à investigação de paisagens concebidas pela imaginação.

Constata-se, por conseguinte, que paisagens imaginadas não são exclusivas dos textos ficcionais. Não se restringem à visibilidade panorâmica, podendo reportar-se a figurações da sensibilidade e de concepções científicas, filosóficas, religiosas e psíquicas. Tensões da vida cotidiana e questões ligadas à afetividade se deixam traduzir em paisagens concebidas espontânea ou artisticamente. Textos paisagísticos, o mais das vezes, são estetizados e ficcionalizados, quando não sofrem processos de mitificação.

A PAISAGEM COMO CONCEITO

Da perspectiva da geografia cultural, o espaço é apreendido como construção social, onde se cruzam paisagens, linguagens, estéticas e discursos éticos, constituindo ele próprio – o espaço – uma instância de apreensão holística do humano.

O conceito de paisagem com o qual o geógrafo cultural passa a lidar nada tem a ver com a descrição de viajantes e geógrafos do

A CIDMAR TEODORO PAIS

passado (considerada pela perspectiva dos processos naturais ou a partir de representações cartográficas). Essa nova percepção considera a paisagem uma vivência (Giles Sauer), um lugar onde se encontram marcas e matrizes (Augustin Berque), a mimesis de histórias/ficções que se inscrevem concretamente no espaço. A cena pública só adquire o *status* de paisagem quando é percebida, representada e reconhecida pelo investimento afetivo para aqueles que nela vivem ou a descobrem.

Como afirmam Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2004, p. 10), “a paisagem tem uma textualidade e uma intertextualidade”. Mas não param aí as correlações entre a nova apreciação da geografia cultural sobre a paisagem e as ciências retóricas e poéticas.

A paisagem constitui um discurso no qual contradições e contestações podem ser lidas. Esse discurso, de forma espontânea ou planejada, se desdobra numa organização, um sistema de signos, que corresponde às preocupações que motivaram a paisagem e às aspirações às quais elas respondem.

Analogamente ao texto que ultrapassa a língua em que é escrito, a paisagem é a superação do meio ambiente, na medida em que ultrapassa a descrição do lugar onde se vive e se age. A paisagem convoca à leitura e ao tratamento hermenêutico, porque, como um texto, nela medram relações complexas entre os indivíduos e os grupos, entre os elementos constitutivos do *continuum* paisagístico e os investimentos semânticos que eles recebem, entre a retórica de cada item espacial e a poética que os integra funcional e esteticamente num sistema. As paisagens, como todo texto, têm caráter documental, seja porque contam uma estória sobre os lugares, da forma como as pessoas a veem, seja por se integrarem à história cultural dos lugares.

A paisagem mimetiza códigos que estão presentes em outras áreas do sistema cultural. Nela identidades e ações antrópicas nascem e se desenvolvem, historicidades se cristalizam. As intervenções humanas no ambiente natural determinam a significação cultural da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

paisagem. Onde há transformação, há modelação, liberação do imaginário e ficção²⁸.

Nesse repertório, destacam-se os jardins, objeto de grande interesse desde remotas civilizações, inscrevendo-se nos mitos e na história como representações do imaginário social e de concepções oníricas, individuais (jardins de Versailles) ou coletivas (jardins suspensos da Babilônia). Talvez mais que o parque, o balneário, o cais, as praças esportivas ou os locais de culto, os jardins podem ser considerados lugares onde se inscrevem mensagens de caráter político, antropológico, psicológico, filosófico, artístico, entre outras acepções, que os torna documentos consignados pela geografia cultural para análise e interpretação na intercessão de múltiplas áreas, especialmente a estética e a teoria da literatura.

Assim como outras paisagens cujo caráter comunicativo, figural e antropológico são evidentes (por exemplo, o deserto, a praia e a floresta, no âmbito das paisagens naturais; a metrópole a praça pública, o condomínio fechado, a favela, o *shopping center*, no âmbito da paisagem urbana), os jardins se organizam e funcionam como textos cuja leitura se faz pela apreensão de seus signos e pela articulação com os demais sistemas de representação que integram seu contexto.

Vistos dessa forma, os jardins correspondem ao que Foucault (2006) denomina heterotopias, ou seja, lugares que mantêm relação com os demais posicionamentos, mas de tal modo que eles suspendem, neutralizam ou até mesmo invertem o conjunto de relações por eles designadas. As heterotopias representam lugares que estão fora de todos os lugares e têm a propriedade de refletir a humanidade que os cria, ao mesmo tempo em que servem à reflexão.

²⁸ São inumeráveis as narrativas que se inspiram, temática ou metaforicamente, em jardins. Citamos: o conto "O Jardim dos caminhos que se bifurcam" (1941) de Jorge Luis Borges, os romances *O Jardim Suspenso* (1998) de Ian Rankin, *Olhai os lírios dos campos* (1938) de Érico Veríssimo, *O Jardim do diabo* (1988) de Luís Fernando Veríssimo, *O Jardim dos Finzi-Contini* (1970) de Giorgio Bassani, *Nouvelle Héloïse* (1758) de Rousseau, *Being There* (em português, *O Videota*) de Jerzy Kosinski (1971), vertido para o cinema em *Muito além do Jardim* (1979), *Ciranda de pedra* (1954) de Lygia Fagundes Telles, a peça *Sonho de uma noite de verão* de Shakespeare, apenas para citar alguns.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Há, todavia, algumas peculiaridades na retórica do jardim.

Os jardins constituem um dos mais privilegiados lugares de inscrição do humano, por sua longa presença no fabulário dos povos (podemos mencionar o jardim do Éden e jardim das Hespérides), mas fundamentalmente porque, mais do que uma produção do saber botânico ou da engenhosidade do paisagista, nos jardins, a graciosidade e o frescor da natureza se mesclam às *epistémai* (saberes) da cultura. Os jardins são composições livres ligadas ao sonho, mas também expressões da ideologia e de poderes em conflito (Foucault, *idem*).

Há uma multivariabilidade de tipos de jardins: ornamentais, paisagísticos, prazerosos ou utilitários; jardim francês, inglês, jardim barroco..., no ambiente público ou privado.

Em qualquer de suas modalizações, a superfície ajardinada funciona metaforicamente, como espaço privilegiado de simulação do autêntico. Os jardins paisagísticos repropõem o conflito entre natureza e cultura que está na raiz dos mitos, enquanto afirmam a sua naturalidade meramente representada. Eles colocam em questão o paradoxal fingimento na natureza, a imediaticidade do fenômeno estético que se funda e se nega, como simulacro. Neles se misturam, através de estruturas figurativas e operações iconológicas, gêneros heteróclitos de expressão, códigos semióticos distintos e o que parece incomunicável, como, aliás, nos canteiros e arranjos florais mais sofisticados.

Como heterotopia, os jardins têm o poder de justapor, em um só lugar real, vários espaços, vários posicionamentos entre si incompatíveis.

A retórica dos jardins principia, aliás, a se colocar, a partir não de experimentos de jardineiros, mas dos experimentos paisagísticos empreendidos pelos antigos persas, talvez os primeiros a imprimir nessa criação milenar significações profundas e sobrepostas. O jardim tradicional dos persas constituía um espaço sagrado. Em sua concepção, o jardim é um microcosmo cuja planta-baixa inclui as quatro partes do mundo e, em seu centro, o espaço sagrado por excelência, que registra o louvor ao Alto. Os tradicionais tapetes orientais reproduzem a arquitetura dos jardins e são considerados tão

mais valiosos e admiráveis quão mais artística e fielmente reinventam essa premissa simbólica de representação do mundo.

Nas palavras de Foucault (2006, p. 418), “o jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem realizar sua perfeição simbólica, e o tapete é uma espécie de jardim móvel através do espaço. O jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo”.

Mais recentemente, pintores (principalmente do séc. XVII holandês) ousaram compor (1) naturezas mortas mais comoventes e veristas que as encontráveis nos jardins reais e (2) descobriram os mais arrojados jogos ilusionistas (com seus famosos *trompe l'oeil*) a partir exatamente dos arranjos florais que pintaram.

A ficcionalização traduzida pela jardinaria, dissimula, assim, o tema teórico da aparência do autêntico, da mesma forma que sugere uma leitura mais plena de seus signos, a partir da representação pictórica de jardins e da milenar arte da jardinagem.

Claro é, entretanto, que não há apenas jardins como o Éden ou como o país dos Hiperbóreos. Esses são jardins de bem-aventuranças e de gozo sem mácula. Há também outros modelos, como o *Jardim das Delícias Terrestres*, do holandês Hieronymus Bosch (1450?-1516?). A obra se colocou a serviço de uma das intrigantes figurações da cupidez e da lubricidade dos indivíduos, às custas exatamente dos signos jardinísticos até então empregados para louvar atitudes elevadas, sentimentos sublimados e aspectos celestiais da experiência humana. Especialistas identificaram na obra aparecida na primeira década do século XVI as mais contraditórias influências²⁹.

JARDINS DE BOSCH

O *Jardim das Delícias Terrestres* (1500-1510) é uma das mais ricas e enigmáticas obras de Bosch, em formato de tríptico, na qual se representam três momentos religiosos: à direita, o Senhor apresenta a Adão sua recém-criada Eva; no centro, o paraíso, e à esquerda, o inferno. Em cada uma das cenas, encontram-se figuras fantásticas,

²⁹ Para aprofundamento da tópic: <http://www.usp.br/revistausp/h30/fteixeiratexto.html>

A CIDMAR TEODORO PAIS

animais exóticos, simples figuras humanas e grande quantidade de detalhes provenientes da mais pura imaginação.

O tríptico já foi lido a partir de provérbios populares dos Países Baixos, das ideias milenaristas, de imagens alquímicas, do Apocalipse de Baruch e da heresia cátaro-gnóstica, que Bosch inscrevia através de símbolos em suas telas. Houve quem identificasse nele uma atmosfera onírica proveniente do pecado, uma inocente *ars amandi* dos Adamitas ou a inspiração da tela nos banhos galantes, porém mal afamados (*stoven*). Mais recentemente, Marina Warner (2002) interpreta esse mundo em que homens, vegetais, flores e frutas intercambiam formas a partir da ingestão, eliminação e copulação, a partir das afinidades e conexões com o mito de origem das mulheres emergindo das frutas, relatado pelos índios taínos (da República Dominicana), que Pedro Mártir de Anglería inseriu no *De Orbe Novo* (1530).

Na parte central do conjunto se situam pessoas nuas de ambos sexos, unidos em pares ou em grupos dentro de curiosos vegetais ou minerais, que se abandonam aos prazeres carnavais, em conformidade com a natureza ou contra ela (cf. o amor contra natura nos dois jovens dentro da torre de coral, à direita, com o homem que carrega um grande peixe).

A cena gira em torno de uma cavalgada libidinosa em torno da fonte da juventude. Nela se banham mulheres que têm sobre suas cabeças corvos (símbolo de incredulidade), pavões (vaidade), íbis (devoradores de peixes mortos, evocadores dos gozos passados). São muitos os animais da cavalgada: leopardos, panteras, leões, touros, unicórnios, cervos, javalis, cabras, grifos, camelos, todos derivados dos bestiários e escritos místicos que simbolizam a luxúria.

Ao fundo se vê o lago em que flutua o enorme globo azul. Nele os luxuriosos realizam acrobacias eróticas. A bolha dos amores cúpidos é ladeada por quatro estranhas torres ocupadas por outros amantes. Ao redor dessas edificações espalham-se excrescências mínero-vegetais, em forma de cilindros, palmas, cones, meias-luas. Os tubos transparentes sobre a relva são símbolos da mulher ou do mercúrio, elemento feminino na criação alquímica. As evocações ao pecado perseveram: as frutas são ressignificadas nesse contexto (cerejas, morangos, framboesas, uvas com que se deleitam os amantes re-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

presentam a voluptuosidade; a maçã transformada em barcarola para o casal de amantes conecta os apetites gástricos aos sexuais, além de potencializar as propriedades gustativas do mais erotizado de todos os frutos).

A redoma transparente e os sinos de vidro evocam a lascívia, a inconstância, a incredulidade, as falsas doutrinas. Os pássaros gigantes representam a hipocrisia. O grupo com um homem vestido, abaixo, à direita, mereceu diferentes interpretações: pode simbolizar o pecado original; Adão, Eva e Noé; Eva, João Batista e Adão...., enfim, é impossível fixar significados em signos que transitam entre tantos códigos.

A ambivalência dos movimentos é enorme, tensionada por reações em cadeia e ao mesmo tempo interrompida abruptamente por acidentes da paisagem: há inumeráveis riachos e cursos defluentes de água. Esse movimento intenso da representação forma um todo coeso com o tema da voluptuosidade universal que se manifesta de forma caleidoscópica, através das atitudes hiper-diversificadas dos amantes.

A pintura está impregnada do sentido da transmutação alquímica e de um brilho inatural, de caráter diabólico. Os corpos híbridos e metamórficos se espalham pela cena: amantes com cabeças em forma de frutos, traseiros donde brotam estranhos vegetais. Seres orgânicos nascem do inorgânico. O simbolismo é também híbrido, de natureza mística, alquímica e popular.

Ainda que se utilizando de símbolos alquímicos e esotéricos, a pintura de Bosch antes de qualquer coisa ansiava por uma reforma católica e já prenunciava o revisionismo protestante. Seu Jardim encena uma festa da sensualidade e da carne. Ali se encontra o mundo semeado por Pandora, dominado pelo vórtice da voluptuosidade, mas também pelo comércio simbólico e dádivo que o sexo gerencia (Mauss, 1988) Talvez o pintor holandês tenha camuflado em sua pintura uma Bíblia cátera. Suas referências e alusões revelam, entretanto, a irrupção de simbólicas arcaicas, nos albores da época moderna, o que confirma a capacidade da arte em revelar e transmitir tensões que atravessam épocas.

A CIDMAR TEODORO PAIS

ARTIMANHAS DA PAISAGEM

A impregnação da ficção e de processos ficcionais, na construção de paisagens naturais ou artísticas, é uma evidência que se pode flagrar na cena pública e nas encenações do imaginário que lhes servem de inspiração.

Também é certo que toda paisagem é essencialmente política. A formação do vocábulo, no século XVI, em 1549, na língua francesa, derivada de *pays*, se liga à expansão territorial das coroas europeias. O aparecimento da paisagem como gênero pictural na Europa de fins do século XVI e do XVIII, ratifica a complexidade de sua semântica (Alpers, 1999). A apreensão visual da natureza revelava ainda outras facetas: refinamento da sensibilidade e capacitação para o julgamento estético (ao qual se associava uma modalidade de investimento capitalista – o mercado de telas). Apreciar uma paisagem – antes, como agora – não é um ato neutro de observação desapaixonada.

Paisagens reais investidas de tensões sociais, assim como suas representações estéticas, em obras artísticas e literárias assimilam as consciências e os desejos, ações e sonhos coletivos, transformando espaços físicos em lugares encharcados de subjetividade (Le Bossé), de elementos identitários e afetivos. Paisagens reais e ficcionais são repertórios onde a estetização prolifera.

A estetização pode ser compreendida como uma degeneração, um desvio da experiência estética capaz de causar a dissolução de outros valores (a ciência, a moralidade e a própria arte que lhe serve de modelo). Estetizar pode implicar também o controle sobre a própria imaginação, tanto do produtor quanto do receptor, o que significaria, ao contrário do presumível, veto ao ficcional (Costa Lima, 1989).

Através da leitura da textualização estética dos jardins concebido por Bosch, podem-se constatar os múltiplos conteúdos com que o artista lidou. Os jardins artificiais e fabulosos da tela propiciam a análise crítica da tradição em que a obra e o artista se inserem, bem como a ultrapassagem da noção de paisagem como mero registro panorâmico, abrindo cogitações sobre o imaginário paisagístico. Os elementos ficcionais e estéticos do tema, decorrentes da tradução in-

tersemiótica da paisagem projetada pelo pintor holandês, comprovam a rentabilidade da noção de paisagem para os estudos estéticos. Da pintura para a literatura é só uma questão de escolha do campo onde se pretenda ver o conceito florescer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERS, Svetlana. *A arte de descrever*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 1999.

BARNES, Trevor J. & DUNCAN, James S. (eds.). *Writing worlds: discourse, text & metaphor in the representation of landscape*. London/New York: Routledge, 1992.

CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (orgs.). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

———. *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

———. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

———. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

———. *Cultura, espaço e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

COSTA LIMA, Luiz. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ECO, Umberto. A força do falso. **In:** *Sobre a literatura: ensaios*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. P. 251-276.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **In:** *Ditos & escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Manoel Barros da Motta. São Paulo: Forense, 2006, p. 412-422.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

A CIDMAR TEODORO PAIS

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Novos Cadernos do Mestrado 1: Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés/Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, 2006.

VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: AnnaBlume, 2007.

WARNER, Marina. *Fantastic Metamorphoses, Other Worlds*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda: ou a res-
peito da atualidade da estética nos dias de hoje. Trad. Álvaro Valle.
In: *Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 7-22.

**SEMIÓTICA DAS CULTURAS: VALORES, SABERES
COMPARTILHADOS E COMPETÊNCIAS SOCIAIS**

Cidmar Teodoro Pais (USP/UBC)

INTRODUÇÃO

Este trabalho propôs-se a estudar os processos de integração das pessoas numa comunidade sociocultural, que se dão, em diferentes graus, a partir do seu nascimento, ou seja, a sua paulatina inserção, como membros de uma sociedade, na medida em que são dotados de certo conhecimento e de certa competência culturais. Noutros termos, trata-se do desenvolvimento de um saber e de um saber-fazer culturais. Considerou-se, para tanto, a semiótica das culturas como uma ciência da interpretação, de acordo com as tendências mais recentes dos estudos semióticos. Tratamento multidisciplinar, envolve e articula a semântica cognitiva, as ciências da linguagem e da significação, a antropologia cultural, a sociologia e a história. Com efeito, em cada cultura, tem-se complexo conjunto de processos semióticos (sistemas x discursos) verbais, não-verbais e sincréticos, constitutivos da macrossemiótica dessa cultura, que a caracterizam, que dão sustentação a um mundo semioticamente construído, a sistemas de valores, sistemas de crenças e de saberes compartilhados pelos seus membros. Examinam-se, pois, cognições, reconceptualizações, significações, recortes culturais, axiologias, próprios de uma cultura, que habilitam ao convívio e conferem a consciência e o sentimento de pertinência ao grupo, de sua permanência e continuidade no eixo do tempo. A formação, a educação (formal e informal) constituem fatores relevantes na (re)construção e manutenção do processo histórico dos indivíduos e do grupo. Configura-se, assim, uma trajetória de progressiva integração, como atividade incessante, no sistema e nas práticas culturais, que conduz à constituição de uma identidade cultural e assegura, simultaneamente, a tolerância e o respeito à diversidade cultural.

A CIDMAR TEODORO PAIS

DA SEMIÓTICA DAS CULTURAS

Estudam-se, numa abordagem multidisciplinar, aspectos dos processos de cognição e das relações de significação, enquanto fenômenos conceptuais e metalinguísticos, conjunto de procedimentos determinantes de intertextualidade, interdiscursividade, transcodificação, face às articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, sociosemiótica, semiótica das culturas, semiótica da interpretação. São as linguagens que atribuem ao ser humano sua condição humana. A riqueza do homem é a sua diversidade linguística, cultural, social e histórica. A língua e os seus discursos, juntamente com as semióticas não-verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social; a sua consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural; a consciência de sua permanência no tempo. Assim, configura-se a semiótica das culturas como uma ciência da interpretação. Examinam-se, enfim, os processos de inserção cultural segundo os modelos dessa ciência.

O homem distingue-se dos outros animais do planeta justamente por sua *diversidade* linguística, cultural, social e histórica; essas características conferem ao homem sua *condição humana*. Com efeito, uma abordagem puramente biológica mostrar-se-ia claramente insuficiente. Nesse sentido, a história da humanidade corresponde ao processo histórico da cultura, ou antes, das culturas.

Estabelecem-se, pois, o interesse e a necessidade de uma *semiótica das culturas*, que permita estudar esses *processos* e essa *diversidade*. Poder-se-ia dizer, em caráter preliminar, que a semiótica das culturas tem por objeto as culturas humanas e sua diversidade.

Nessas condições, determinada cultura só pode ser caracterizada *por oposição* às demais, seja as que lhe são contemporâneas, seja as que se situam no passado. Uma comunidade linguística e sociocultural pode, assim, ser definida por um complexo que compreende uma língua, práticas semióticas não-verbais e sincréticas (ou complexas), que constituem sua *macrosemiótica* (Pais, 1982), práticas técnicas, por um 'saber compartilhado sobre o mundo', próprio a seus membros, inseridos no fazer social e no eixo da história. Assim, determinada cultura pode ser caracterizada por suas *especificidades*, perante a imensa *diversidade* das culturas humanas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No esforço de caracterização de uma cultura, é necessário compará-la com outras culturas, de modo a detectar as suas especificidades, diante das características de outras culturas. Estabelece-se, por conseguinte, uma *tensão dialética* entre duas tendências contrárias, a *especificidade* e a *diversidade*. Tem-se, pois:

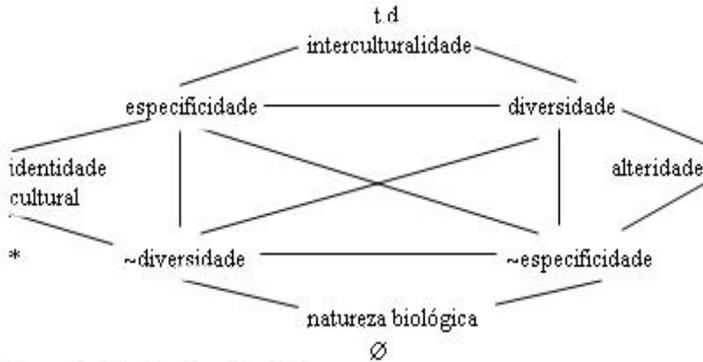


Figura 1: *Identidade x alteridade*

Tudo conduz a pensar que integra o ‘saber compartilhado sobre o mundo’ dos membros de uma comunidade humana, o conhecimento, ainda que intuitivo, dessa oposição entre *especificidade* e *diversidade*, entre *identidade* e *alteridade* (a ‘consciência’ ou o ‘sentimento’ da distinção entre “nós” e “os outros”).

De fato, é necessário considerar como características de uma cultura, definidora de *identidade x diversidade*, em relações às demais, e como parte integrante do ‘saber compartilhado sobre o mundo’ de seus membros a ‘visão do mundo’, o *mundo semioticamente construído*, o *sistema de valores*, o *sistema de crenças*. Desse modo, também, uma comunidade linguística e sociocultural se caracteriza como um complexo conjunto de *saberes e valores compartilhados*, construídos, reiterados, modificados ao longo do processo histórico. Além disso, uma cultura não é um sistema fechado; ela se forma, se desenvolve, evolui, por vezes desaparece, em função de seus contactos, dos confrontos ou conflitos com outras culturas, e resulta, sempre, a cada momento, de uma *história compartilhada* (Rastier & Bouquet, 2002, p. 6). De outro ângulo, parece lícito considerar uma

A CIDMAR TEODORO PAIS

cultura, também, como um *complexo sistema de arqutextos e arqui-discursos* das semióticas verbais, não verbais e sincréticas (ou complexas) da comunidade em questão (Rastier, 2000; Pais, 2002a e 2002b).

Nessa perspectiva, a semiótica das culturas torna-se mais eficaz, na medida em que busca fazer, em seus estudos, *comparações* entre culturas, numa abordagem intercultural ou multicultural, como, por exemplo, o estudo de microssistemas de valores, comparadas as culturas francesa e brasileira (Pais, 1999), ou o mesmo estudo, comparadas as culturas cubana e brasileira (Pais, 2000). Assim, a semiótica das culturas assume o caráter de uma *semiótica interpretativa* (Rastier & Bouquet, 2002, p. 4). Enfim, cada cultura se caracteriza, ainda, por um processo de *cognição* específico, ou por cognições definidas como específicas, como se viu acima. Daí a concordância com Bouquet:

Dans ce contexte, le paradigme d'une sémiotique de l'interprétation se révèle fédérateur des sciences de la culture qui peuvent être regardées comme les sciences d'une cognition située, au sens où cette cognition est située dans un cadre culturel (...) l'objet pluridisciplinaire en sciences humaines... (Rastier & Bouquet, 2002, p. 35).

Nesses termos, cabe propor a formalização:

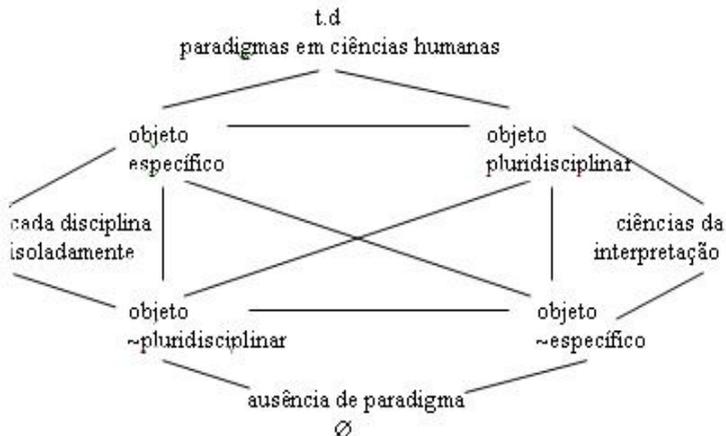


Figura 2: Da pluridisciplinaridade

DAS CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA
E ESTADO DE DIREITO

As relações de tensão e de confronto sociais podem ser mais bem explicadas, a nosso ver, se nos reportarmos aos ‘princípios’ da organização social, sempre discutidos na História do Ocidente e mesmo fora dela. Trata-se de duas proposições incompatíveis, que já eram objeto de debate na Antiguidade clássica, notadamente em Atenas: de um lado, temos o princípio da igualdade formal, que sustenta o sistema de valores da democracia e do Estado de Direito; de outro lado, o princípio de ‘superioridade natural’, que justifica a organização social a partir do governo estabelecido e conservado pelos ‘excelentes’ (grego, *hoi áristoi*; latim, *optimi*); que define a aristocracia. Essa última concepção manifesta-se sob diferentes formas, como certo ‘darwinismo social’ e suas variações, por exemplo, o poder segundo o ‘mérito’ (‘meritocracia’), a ‘superioridade natural das leis de mercado’ etc. O ‘princípio’ aristocrático determina, em sua lógica interna, a marginalidade de homens e nações. Em muitas sociedades modernas, vive-se o conflito entre a concepção do Estado de Direito, no modo do *parecer*, e a organização social ‘aristocrática’, no modo do *ser*.

A construção de um modo de organização da sociedade que, como vimos, compreendesse um sistema de arbitragem de anseios e necessidades, que permitisse administrar conflitos de interesses entre segmentos sociais, que assegurasse o equilíbrio entre liberdade e justiça, econômica e social, nos limites de uma ordem social livremente aceita, conduziu, através de penoso caminho, cheio de percalços, avanços e retrocessos, ao longo do processo histórico, à concepção atual – ao menos teoricamente aceita – de “democracia”. Tivemos, antes, vários modelos, alguns mais frequentemente citados, como aqueles propostos por Atenas, pelos pensadores de Port Royal, pelos formuladores dos ideários da Revolução francesa, da Revolução americana, da Revolução soviética, dentre outros.

De maneira geral, entende-se hoje que são democráticos a sociedade e o regime de governo correspondente que satisfazem certas condições, das quais a primeira é a reafirmação do princípio da igualdade formal (igualdade perante a lei); democracia e Estado de Direito acham-se, portanto, numa relação de implicação recíproca:

A CIDMAR TEODORO PAIS

A => B e B => A.

São, por isso mesmo, frequentemente tomados como 'sinônimos' ou termos 'equivalentes'. Uma análise mais acurada mostra, que:

**<democracia> = { ([+ igualdade perante a lei] x [+ vontade política]
x [+ liberdade] x [+ consenso] x [+ eufórico]) }**

**<Estado de Direito> = { ([+ igualdade perante a lei] x [+ direito objetivo]
x [+ cogência] x [+ garantia] x [+ segurança] x [0 afórico]) }**

Dessa forma, define-se, também, o conceito de “democracia” como o “regime caracterizado pela vontade da maioria, com o respeito aos direitos das minorias, sob o império da lei”.

A essa concepção opõe-se à da “aristocracia”, *lato sensu*, sustentada, como vimos, no princípio da superioridade 'natural', cujo semema pode ser assim formalizado:

**<aristocracia> = { ([+ vontade] x [+ minoria]) x ([- direito]
x .[- maioria]) x ([- igualdade] x [+ lei]) }**

Ocorre, muitas vezes, que sociedades, ou segmentos de sociedades, ou instituições nelas existentes, em certos períodos, ou se regulam pelo ordenamento aristocrático, ou afirmam regular-se pelo princípio da igualdade formal, apresentando, porém, distorções resultantes da contaminação entre os dois modos de ordenamento, teoricamente incompatíveis.

Dáí resulta, dentre outros aspectos, a necessidade de acrescentar ao semema de "democracia" os semas de ([+ "bem estar"] x [+ individual] x ([+ "bem social"])), dialeticamente articulados e necessariamente complementares, numa relação de implicação recíproca. Consequentemente, na concepção atualmente aceita, é preciso acrescentar ao produto semêmico de “democracia” a expressão

**([+ lei] x [+ justiça] x ([social] x [+ econômica]),
x ([+ bem estar]),**

donde:

<democracia> = { ([+ vontade] x [+ maioria] x [+ direito]
 x [+ minorias] x [+ igualdade] x [+ lei] x [+ justiça]
 x [+ social] x [+ econômica] x [+ bem-estar] }.

(Pais, 1997)

DA CIDADANIA PLENA

Segundo a concepção aceita de “Estado de Direito”, fundamentado no princípio de ordenamento social da igualdade formal (= igualdade perante a lei), a “cidadania” caracteriza-se como equilíbrio dinâmico e tensão dialética entre direitos e deveres. Como sabemos, no entanto, sempre houve e há, ainda, sociedades em que essa concepção ou não é sequer aceita, ou apresenta sérias distorções. Nas sociedades heterogêneas, industriais e pós-industriais, acontece que segmentos sociais têm acesso à cidadania, enquanto outros são dela excluídos. Considerando-se direitos e deveres como metatermos, é possível formalizar suas relações, obtendo os termos complexos de um octógono semiótico: direitos x deveres = *cidadania plena*; direitos x não-deveres = *elite*; deveres x não-direitos = *massa*; não-deveres x não direitos = *marginalidade política*. (Pais, 1993a, p. 621-623; 1996; 1997).

Universo de discurso da Cidadania

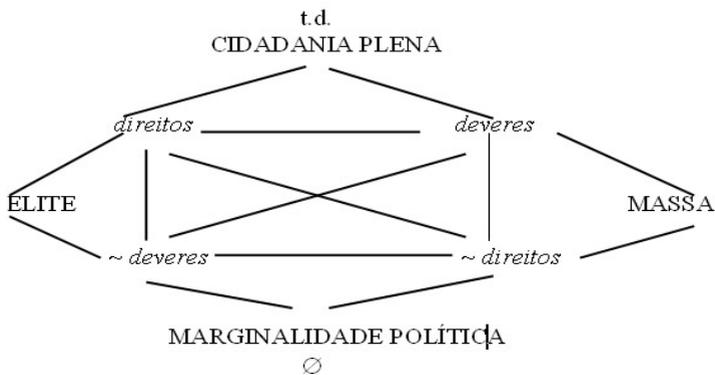


Figura 3: *UD da Cidadania*

A CIDMAR TEODORO PAIS

LEGALIDADE X LEGITIMIDADE

Depreende-se, portanto, que *democracia*, em virtude dos valores implicados, tem de resultar, concomitante e combinadamente, do discurso da *vontade política* e do discurso da *ética*, satisfeitas as exigências anteriores, de modo a promover a *harmonia social*.

Considerando-se as distorções comumente introduzidas por preconceitos de ordem racial, religiosa, cultural, econômica etc., de que têm resultado toda sorte de restrições e discriminações, verifica-se que o conceito de *legalidade* é insuficiente, se não estiver articulado ao de *legitimidade*, ética e política, ao mesmo tempo.

Quanto às modalidades, o metatermo *legitimidade* poder ser concebido como um *poder-querer-fazer*, *poder-dever-fazer*, *poder-saber-fazer* => *dever-ser* e se caracteriza, pois, como expressão de um *projeto de sociedade*, sobremodalizado por um *crer*.

Por seu lado, o metatermo *legalidade*, como vimos, restringe-se ao produto de um *poder-fazer-dever*, sobredeterminado pelo *poder-fazer-querer* do discurso da *vontade política*.

Nessas condições, o metatermo *democracia* se caracteriza como termo complexo, resultante de equilíbrio dinâmico e tensão dialética, entre legitimidade e legalidade, metatermos contrários e complementares. As distorções observadas nas sociedades, acima apontadas, levam-nos a considerar os eixos dos contraditórios e dos sub-contrários, de maneira a obter os demais termos complexos e os metatermos que os constituem: legalidade x ilegitimidade = *tiranía*; legitimidade x ilegalidade = *resistência*; ilegalidade x ilegitimidade = *ruptura do ordenamento social*.

Diversos percursos dialéticos são possíveis entre os termos acima considerado e têm sido observados ao longo do processo histórico das culturas. Assim, por exemplo, o percurso que parte da legitimidade, passa pela ilegalidade e chega à construção de uma nova legalidade, que pode ser lexemizado, de modo genérico, como *restauração da democracia*; ou, então, o percurso que parte da legalidade, passa pela ilegalidade e chega à ilegitimidade, que pode ser lexemizado como *instalação da tirania*. (Pais, 1993; 1995; 1996; 1997).

A CIDMAR TEODORO PAIS

dos segundo a 'superioridade natural' e a 'meritocracia' (PAIS, 1993; 1995; 1996; 1997).

Democracia, Tirania, Anarquia, Burocracia. Iniciativa e Controle

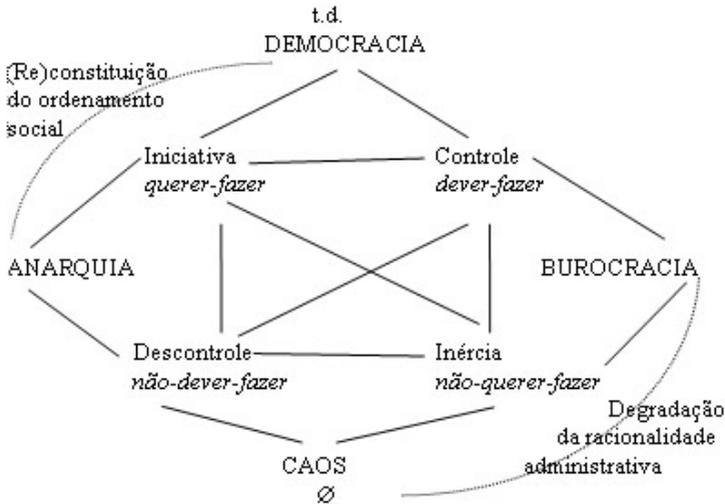


Figura 5: *Democracia, Tirania, Anarquia, Burocracia. Iniciativa e Controle*

PRIVILÉGIO E RESTRIÇÃO

O estudo dos discursos de sustentação de identidade cultural e dos discursos da (in)tolerância cultural, face ao processo de 'globalização' em curso no mundo contemporâneo, assume particular relevância. Buscamos descrever, sobretudo, a axiologia, ou seja, os microssistemas de valores sustentados, ao nível da semântica profunda e elaborar, assim, uma formalização dos conflitos, das tensões entre as forças em jogo, dos processos de co-optação, inserção, exclusão, marginalização, seja nas relações que se estabelecem entre indivíduos, seja entre indivíduos, Estado e comunidade, no âmbito de uma sociedade, seja, ainda, entre culturas, sociedades e nações, no con-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

texto internacional, de modo a obter uma melhor compreensão das ideologias de confronto e de cooperação.

De fato, verificamos que há certas relações que permanecem constantes, ao longo do nosso processo histórico, nos períodos colonial, imperial e republicano.

Assim, por exemplo, como caracterizadora da cultura e do ordenamento social brasileiros, sustenta-se uma tensão dialética entre duas forças contrárias, o *privilégio* e a *restrição*. Consideremos, pois, esses *metatermos*, no plano das modalidades semióticas. O metatermo *privilégio* define-se pela combinatória de modalidades complexas [querer-fazer, crer-poder-fazer, crer-saber-fazer, crer-dever-fazer]. O metatermo *restrição* define-se, por sua vez, pelas modalidades [querer-não-fazer, crer-não-poder-fazer, crer-não-saber-fazer, crer-não-dever-fazer]. O termo contraditório de *privilégio* é *não-privilégio*, caracterizado pelas modalidades [não-querer-fazer, não-crer-poder-fazer, não-crer-saber-fazer, não-crer-fazer]. O termo contraditório de *restrição* é *não-restrição*, correspondente às modalidades [não-querer-não-fazer, não-crer-não-poder-fazer, não-crer-não-saber-fazer, não-crer-não-dever-fazer] Como se vê, trata-se de valores ligados a uma vontade política e a um sistema de crenças, concorrentes, ainda, a uma vontade, uma determinada competência e uma ética.

Nessas condições, a tensão dialética *privilégio x restrição* configura o epicentro do processo e o equilíbrio dinâmico do conflito. Expressa-se pelo metatermo *esperteza*, correspondente à combinatória das modalidades envolvidas: [(querer-fazer, crer-poder-fazer, crer-saber-fazer, crer-dever-fazer) x (não-querer-fazer, não-crer-poder-fazer, não-crer-saber-fazer, não-crer-dever-fazer.)] Os indivíduos e os segmentos sociais que se sustentam nessa posição podem ser considerados plenamente inseridos no processo, de maneira compatível com a identidade cultural, tal como construída no imaginário coletivo.

A dêixis positiva (no plano lógico) resulta da combinação *privilégio x não-restrição*, expressa-se pelo metatermo *arrogância*, caracterizado pela combinatória modal correspondente – [(querer-fazer, crer-poder-fazer, crer-saber-fazer, crer-dever-fazer) x (não-querer-não-fazer, não-crer-não-poder-fazer, não-crer-não-saber-

A CIDMAR TEODORO PAIS

fazer, não-querer-não-dever-fazer)] – designa a vontade política e o sistema de crenças de uma ‘elite’, com traços semânticos constantes em todos os período da história brasileira. Trata-se, aqui, da ideologia do dominante, sustentada para seu uso próprio.

A dêixis negativa decorre da combinação *restrição x não-privilégio*, lexicalizada pelo metatermo *submissão* – definido pela combinatória modal [(querer-não-fazer, crer-não-poder-fazer, crer-não-saber-fazer, crer-não-dever-fazer) x (não-querer-fazer, não-querer-poder-fazer, não-querer-saber-fazer, não-querer-dever-fazer)] – que designa, a seu turno, a ideologia imposta a classes e segmentos desfavorecidos pelo dominante e, desde sempre, introjetada pelo dominante, de forma a inibir qualquer aspiração ou tentativa de mudança.

O termo neutro resulta da combinação *não-restrição x não-privilégio*, caracteriza-se pela combinatória modal [(não-querer-fazer, não-querer-poder-fazer, não-querer-saber-fazer, não-querer-dever-fazer) x [não-querer-não-fazer, não-querer-não-poder-fazer, não-querer-não-saber-fazer, não-querer-não-dever-fazer)], define a situação dos excluídos, no sentido de encontrar-se ‘fora do sistema’ e por este tolerados, desde que não interfiram na vida política, econômica e social (Pais, 1993; 1995; 1996; 1997; 1998; 1999; 2000).

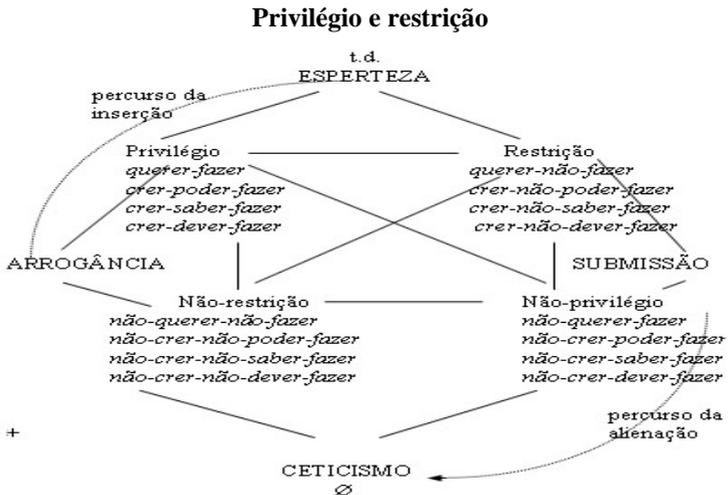


Figura 6: Privilégio e restrição

(IN)TOLERÂNCIA CULTURAL, CONVÍVIO E CONSUMO

Verifica-se, além disso, a co-existência de dois *percursos*, de um lado, o percurso da *inserção*, através do qual a ‘*elite*’ dominante simula adesão a um ordenamento social construído no modo do *pa-recer*, em que haveria equilíbrio e justiça nas relações entre *direitos* e *deveres* (Pais, 1993a, 1993b, 1995), processo de manipulação que permite a seus membros identificar-se com os valores da cultura e da sociedade e ser considerados como ‘legítimos representantes’ da mesma. De outro lado, o *percurso da alienação*, através do qual, uma parcela dos segmentos e classes desfavorecidas é paulatinamente excluída e marginalizada, passando a um estado concomitantemente de *desânimo*, *desencanto*, *impotência*, *exclusão* e *ceticismo*.

Processo multimilenar, a migração de indivíduos, de grupos e, até mesmo, de nações sempre decorreu, basicamente, do esforço incessante do homem, em busca da sobrevivência, primeiramente, como impulso natural, e, também, de melhores condições de vida. A fuga de situações políticas insuportáveis, a procura de qualificação profissional ou o seu aperfeiçoamento, a inserção no mercado de trabalho e/ou no sistema produtivo constituem, dentre outros, fatores de incentivo ao deslocamento, do lugar de origem, das pessoas, em correntes que parecem intensificar-se nos dias atuais.

Dessa maneira, passam a conviver grupos humanos de culturas diferentes, ou seja, que sustentam, mesmo quando disso não têm consciência, sistemas de valores e ‘visões de mundo’ distintas e, em muitos aspectos, conflitantes, tanto no plano da ética, dos usos e costumes, quanto no da vontade política e das aspirações. O confronto surge inevitável. Aumentam os índices de rejeição ao migrante – nacional ou internacional –, que parecem ‘ameaçar’ a segurança, o emprego e o bem estar dos habitantes locais.

O PRECONCEITO REINA SOBERANO E DESENCADEIA
MECANISMOS DE ‘PROTEÇÃO’.

Por outro lado, indivíduos e comunidades apreciam comprar e consumir coisas produzidas pelo ‘outro’, coisas ‘exóticas’ ou ‘re-quentadas’, com as quais podem mais bem afirmar seu *status* social, ou, ainda, coisas ‘mais baratas’. Os produtos importados, alimentos,

A CIDMAR TEODORO PAIS

bebidas, roupas, automóveis, máquinas etc., nesta perspectiva, são sempre ‘melhores’ que os locais, muitas vezes, custam menos e conferem ‘existência social’.

Além disso, o discurso em defesa da solidariedade humana perde progressivamente sua força argumentativa, baseada em princípios morais, cedendo seu lugar à busca de proveito e vantagens, limitada, é claro, por mecanismos de defesa do ‘outro’.

Estabelece-se, pois, uma tensão dialética entre duas tendências contrárias, o desejo de *consumo*, definido pelas combinatórias modal [querer-ser e querer-fazer], – e a necessidade *convívio* com o diferente, caracterizado pelas modalidades [dever-ser e dever-fazer], entre o *prazer* e o *dever*. O termo contraditório de *convívio* é *autonomia*, definido, por sua vez, pela combinatória modal [não-dever-não-ser e não-dever-não-fazer]; o contraditório de *consumo* é *contenção*, a que correspondem as modalidades [não-querer-ser e não-querer-fazer].

Nessas condições, o epicentro da tensão, o lugar do conflito e do equilíbrio dinâmico, pode ser manifestado pelo metatermo *adaptabilidade*, um equivalente da *esperteza*, qualificada como [(querer-ser e querer-fazer) x (dever-ser e dever-fazer)]. A dêixis positiva (no plano lógico) resulta da combinação entre *autonomia* e *consumo* e poder ser manifestada pelo metatermo *esplêndido insolamento*, um [(querer-ser e querer fazer) x (não-dever-não-ser e não-dever-não-fazer)], de certa maneira equivalente a *arrogância*; a dêixis negativa decorre da combinação de *convívio* e *contenção*, explicitada pelo metatermo *enquadramento*, um [(dever-ser e dever-fazer) x (não-querer-ser e não-querer-fazer)], de certa forma equivalente a *submissão*. Da combinação de *autonomia* e *contenção* advém o termo neutro, um [(não-dever-não-ser e não-dever-não-fazer) x (não-querer-ser e não-querer-fazer)], que estabelece a situação de *exclusão* (Pais, 1993; 1996; 1997; 1999; 2000; Prados, 2000)

Como se vê, as relações vigentes, no processo sociocultural interior à cultura e ao ordenamento social de determinada comunidade, como que se reproduzem nas relações entre culturas e sociedades, em função das relações de poder e de dominação.

Diversidade e (in)tolerância socioculturais

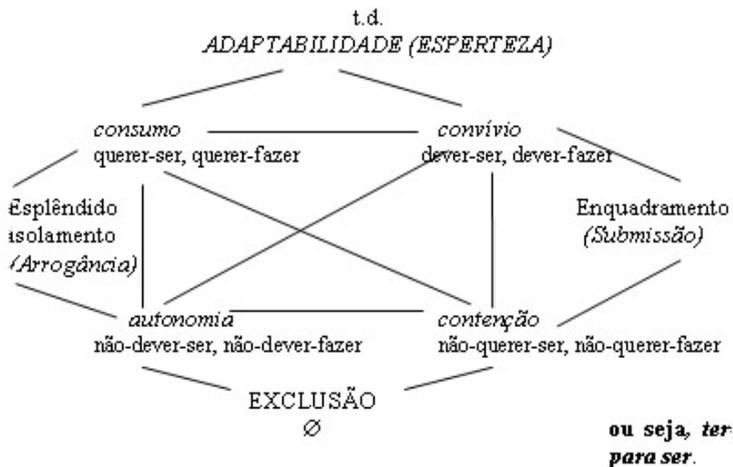


Figura 7: consumo x convívio

DOS PROCESSOS DE EXCLUSÃO:
ESTIGMA, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO

No processo histórico, estabeleceram-se em todas as sociedades e culturas conhecidas ritos e processos que permitiam assinalar diferenças entre grupos e indivíduos, de modo a firmar e mostrar relações de *poder*, de *dominação*, de *superioridade x inferioridade*, de *mando x obediência*. Assinalaram-se, assim, dentre outros aspectos, *hierarquias sociais*.

Surgiram, desse modo, dentre outros mecanismos culturais, sociais e políticos, numerosas formas de *estigmas*, humilhantes, que eram utilizados para determinar o *lugar* dos indivíduos e dos grupos considerados 'inferiores' e 'destinados', por isso mesmo, a servir os 'superiores' e/ou ser excluídos do convívio social. No sistema de castas da Índia, por exemplo, os *párias* são justamente os "sem casta", ou seja, os que não têm lugar na sociedade. Os romanos marcavam os escravos com um sinal, no corpo, que faria reconhecer imediatamente, no meio da multidão das ruas de Roma, que se tratava de um escravo e que, embora andasse 'livremente' pelas ruas, era *pro-*

A CIDMAR TEODORO PAIS

priedade de uma pessoa. Na Idade Moderna, em muitos países marcavam-se os escravos com um ferro em brasa. Essa marca indicava, a um tempo, que se tratava de um escravo e quem era o seu proprietário.

Entretanto, nem sempre os sinais do estigma eram marcas físicas no corpo. Frequentemente, o *estigma* era moral e, nesses casos, relativamente mais cruel, como, por exemplo, o aplicado a prostitutas, ou a membros de certas seitas religiosas, dentre outros.

O estigma é uma marca de ferro em brasa, física ou metafórica, aplicada aos animais, aos escravos e aos 'inimigos'

O estigma não acontece por acaso, tem invariavelmente uma motivação política, econômica e sociocultural. Uma complexa rede de fatores faz surgir e disseminar-se o estigma, dentre os quais, situam-se necessidade de afirmação, sentimento de insegurança ou impotência, temor do outro e do 'diferente' territorialidade e uma longuíssima série. Seria impossível esgotá-la, aqui.

De maneira geral são DETERMINANTES DO ESTIGMA:

- *Desigualdades sociais*
- *Injustiças sociais*
- *Carências econômicas*
- *Diferenças de sistemas de valores*
- *Temor do 'outro'*
- *Temor do 'novo' e do desconhecido*
- *Sentimento de insegurança*
- *Sentimento de impotência*
- *Necessidade de aceitação social*
- *Mecanismos psicológicos de compensação*
- *Mecanismos de 'proteção'*

No processo histórico, o *preconceito* resulta de fatores políticos, econômicos e socioculturais muito semelhantes. Constitui ele uma forma muito antiga, milenar e infelizmente ainda presente nas sociedades contemporâneas. Trata-se de um *processo perverso de 'juízo' de pessoas e grupos sociais*, 'juízo' que não admite defesa e de que não se admite recurso. Noutras palavras, conflita *frontalmente* com as concepções de *Democracia, Estado de Direi-*

to, com os ideais superiores do Humanismo, *Igualdade, Liberdade, Fraternidade*.

O preconceito é um 'juízo'
Em que o 'acusado' não tem direito à defesa

Ao longo da História, foram muito numerosas as vítimas de preconceitos, pessoas, segmentos sociais, nações inteiras. Dos preconceitos resultaram guerras cruéis, retaliações, feroz genocídio, sofrimentos inomináveis, destruição de culturas, de patrimônios históricos, em suma, degradação da própria Humanidade.

Dessa maneira, o preconceito atinge:

- *Indivíduos*
- *Etnias*
- *Credos religiosos*
- *Credos políticos*
- *Grupos étnicos*
- *Grupos profissionais*
- *Grupos sociais*
- *Representações políticas*
- *Sexo*

Assim, o *preconceito* caracteriza-se como *estratégia social de mecanismos de defesa e compensação* e, ainda, como *mecanismos de legitimação dos sistemas de dominação*.

Estigma e preconceito contribuem fortemente para a instauração de:

- *Relações de hostilidade social*
- *Perversidade social*
- *Ruptura do tecido social*
- *Processos de rejeição e de discriminação*

Nesses termos, os *estigmas* e os *preconceitos* constituem mecanismos perversos que conduzem invariavelmente a processos de *discriminação social* e de *exclusão social* (Pais, 1993; Prados, 2000).

Lamentavelmente, observa-se que tais mecanismos e processos estão muito presentes no cotidiano do processo educacional brasileiro. São sustentados, reiterados e reafirmados nas instituições escolares e universitárias, nas práticas pedagógicas e nas relações de 'convívio'.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Estigma, preconceito e discriminação parecem prazerosos, de início, às pessoas e aos grupos que os praticam, oferecem, aparentemente, sensações de ‘conforto’ e ‘segurança’. Entretanto, as consequências são tão desastrosas quanto inevitáveis. Como acontece com os escorpiões, serão vitimados por seu próprio veneno.

Em sua dinâmica, *estigma, preconceito e discriminação* podem ser vistos como:

Estigma – Acusação; Preconceito – Sentença Discriminação – Execução

A perversa combinação desses processos contribui para:

- *Instabilidade social*
- *Formação de ‘aristocracias’*
- *Fragilidade da Democracia e do Estado de Direito*
- *Entraves ao exercício da cidadania plena*
- *Obstáculos ao desenvolvimento social e econômico*
- *Declínio da civilização e surgimento da barbárie*

DOS PROCESSOS DE INSERÇÃO CULTURAL

Os humanos nascem como seres biológicos, como seres naturais. Inseridos numa comunidade sociocultural, adquirem progressivamente as características de seres sociais, culturais e históricos. Passam assim, a identificar-se com saberes e valores compartilhados pelo grupo, por uma visão de mundo, por um imaginário coletivo. Esses valores e saberes habilitam ao convívio social e conferem aos membros do grupo a sua identidade cultural, a sua memória social, a consciência da sua pertinência ao grupo e de sua continuidade no tempo. A inserção cultural não se verifica, entretanto, de maneira homogênea e uniforme nas diferentes comunidades e em seus subgrupos. Ao contrário, verificam-se processos de inserção cultural diferenciados, que revelam, muitas vezes, preconceitos, injustiças e discriminação. Observam-se, então, incoerências quanto aos critérios adotados pelo grupo em questão. Critérios esses que variam segundo as diferentes épocas da história, diferentes regiões, diferentes épocas das camadas sociais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim, numa comunidade, observam-se vários graus e diferentes domínios de inserção, aos quais correspondem sempre outros tantos graus e domínios de exclusão. Tem-se:

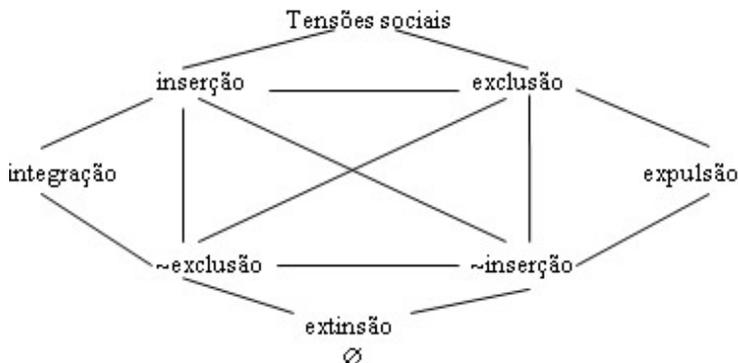


Figura 8: *Tensões sociais*

Por maior que seja a diversidade cultural dos grupos humanos, há certas características que se mostram constantes. De fato, em todos os grupos socioculturais a inserção dos membros no conjunto de valores de saberes compartilhados se realiza por meio da educação, formal ou informal. A educação constitui o caminho de acesso aos bens culturais. Define, também, o grau de integração dos indivíduos ao grupo.

No processo histórico, muitas comunidades humanas atingiram, em sua evolução, o estágio que se chama de *civilização*, caracterizado pelo equilíbrio dinâmico e pela tensão dialética *autoridade x liberdade*. Noutros termos, dir-se-á que homens livres livremente aceitam certa redução em seu grau de liberdade, para assegurar a todos o mesmo grau de liberdade (Pais, 1993, p. 605-611). Ocorreu, também, muitas vezes, que, alcançado esse estágio, uma civilização se rompeu em *barbárie*, caracterizada pela combinação perversa *liberdade x força* (Pais, 1993, p. 605-611).

Constitui a *educação* o único processo pelo qual é possível preservar, restaurar ou restabelecer uma civilização, na medida em que pode realizar a reinserção das pessoas no processo histórico de uma cultura. Para tanto, é necessário que a comunidade humana em

A CIDMAR TEODORO PAIS

questão se organize e se sustente permanentemente, segundo os princípios básicos do humanismo, da racionalidade e da civilização: *liberdade, igualdade, fraternidade*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na axiologia profunda, os discursos de divulgação de políticas públicas, os discursos das Instituições educacionais, como, por exemplo, o discurso da propaganda e/ou da publicidade institucionais, de Universidades públicas ou privadas, geralmente, sustentam uma concepção de mundo fundada na *competição* e no *sucesso* pessoal a qualquer preço, exacerbada na globalização neoliberal. Certamente, esse não é o caminho para a construção de uma sociedade mais livre, justa e democrática. A proposta de transformar a sociedade, por meio da educação, exige profundas mudanças políticas nas concepções, no ideário da população e lideranças, quanto à sociedade que se pretende construir e ao modelo de educação que pode ser um dos seus instrumentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociossemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. **In** *Anais do V Encontro Nacional da Anpoll*. Porto Alegre: Anpoll, p. 452-461, 1991.

———. Pour une approche sociosémiotique du processus culturel: lexique et metatermes. **In**: PAIS, C. T. – *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. 3 tomes, 761 p. Directeur de Recherche: M. Bernard Pottier. Paris, Université de Paris-Sorbonne (Paris-IV), p. 603-640.

———. Análise sociossemiótica de alguns conceitos e valores do processo sociocultural brasileiro contemporâneo. **In**: *Estudos Linguísticos XXIV. Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: GEL, p. 234-243, 1995a.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. Da semântica cognitiva à semiótica das culturas. **In:** *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, p. 1325-1336, 1995b.

———. Contribution à une analyse socio-sémiotique du processus culturel. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo: Plêiade, v.6, p. 101-132, 1996.

———. Semiótica do direito e semiótica das culturas. **In:** *13.º Congress of the International Association of Semiotic of Law/13.º Colóquio Internacional de Semiótica do Direito – Direito formal, contracultura e semiótica do Direito*. São Paulo: Faculdade de Direito da USP, p. 325-335, 1997.

———. Identité et tolérance culturelles dans le cadre de la mondialisation: une approche socio-sémiotique. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo: Plêiade, v. 7, p. 169-184, 1998a.

———. Conceptualisation, dénomination, désignation, référence. Réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. **In:** *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines*. Lyon: Université Lumière Lyon 2, p. 371-384, 1998b

———. Étude comparée de micro-systèmes de valeurs des cultures française et brésilienne: essai en sémiotique des cultures. *INFO-CREA – Revue du Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques*. Lyon, v. 6, p. 13-21, 1999.

———. Aspectos de las visiones del mundo y de los sistemas de valores en culturas de la América Latina y del Caribe. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 395-421, 2000.

———. Ciência, tecnologia, educação institucional face a questões suscitadas pela globalização e pela diversidade cultural. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo: Terceira Margem/Plêiade, v. 11, nº 1, p. 185-197, 2001.

———. Conceptualização, interdiscursividade, arquitrato, arquidiscursivo. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 8, nº 23, p. 101-111, 2002.

———. Estigma, preconceito, discriminação: percalços da cidadani-

A CIDMAR TEODORO PAIS

a. **In:** *A teia do saber* – Um novo olhar sobre a formação do professor. 1ª ed. Mogi das Cruzes: Oriom, 2004, v. 1, p. 93-106.

———. Semiótica da educação, propaganda e publicidade: confrontos e impactos. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXIV, p. 1266-1271, 2005a.

———. Semiótica das culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Lingüística*, v. 13, p. 141-158, 2005b.

———. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. *Acta semiotica et linguistica*, v. 11, p. 149-158, 2006a.

———. Propaganda e publicidade nos discursos institucionais da educação superior: da cumplicidade. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXV, p. 464-471, 2006b.

———. Reflexões sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: considerações sobre os processos de inserção cultural. *Acta semiotica et linguistica*, v. 11, p. 105-113, 2006c.

———. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: identidade, inserção cultural, transcódificações transculturais. **In:** *Cadernos do CNLF*, vol. 10, nº 13, p. 68-82. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2006d.

PRADOS, Rosália Maria Netto. *A temática da cidadania na imprensa escrita de São Paulo: análise lexical e sociosemiótica*. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo. Tomo I, II e III. USP, São Paulo F-FLCH-USP, 2000.

RASTIER, François. *Recherches en sémantique cognitive*. Paris: PUF, 1991.

RASTIER, François et BOUQUET, Simon. *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: P.U.F., 2002.